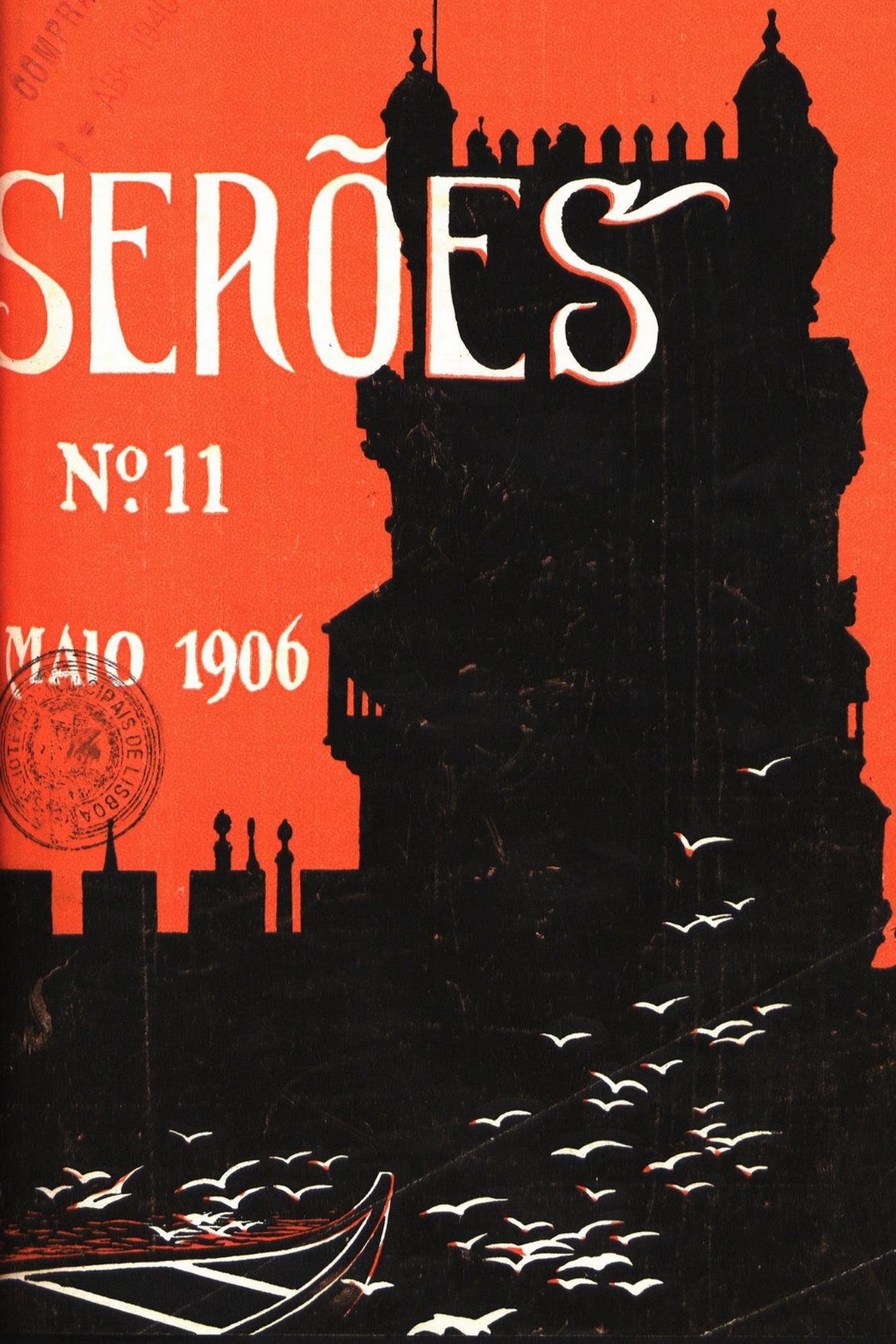


COMPRA - 1000 - 1940

SERÕES

Nº 11

MAIO 1906



Byllo

Summario

MAGAZINE

PAG.

FRONTISPICIO

Interior da capella do asylo de Cegas da Rua Formosa..... 350

ILHA DE PORTO SANTO

(11 illustrações) por AUGUSTO FORJAZ .. 351

ELEGIA RUSTICA

(4 illustrações) por JULIO BRANDÃO..... 360

CHAPEU ALTO — Versos.

(1 vinheta) por JULIO BAPTISTA RIPADO..... 365

PROTECCÃO AOS DESVALIDOS — OS CEGOS I

(14 illustrações e 1 vinheta) por VICTOR RIBEIRO .. 366

A SOPINHA DA CARIDADE — Photographia (cliche de A. Lima)

..... 377

NA RIBEIRA DO MAR — Versos.

(2 illustrações) por COELHO CARVALHO. 378

O CARNAVAL NO RIO DE JANEIRO

(7 illustrações) por João LUSO..... 380

BENITA — Romance Africano.

(4 illustrações) por H. RIDER HAGGARD .. 386

O MATADOURO DE LISBOA

(18 illustrações)..... 397

O SONHO DA AMERICA

(21 illustrações) por ALFREDO DE MESQUITA..... 408

EPIGRAPHE D'UM LIVRO

(Versos) ALCANTARA CARREIRA..... 418

A TORRE DE BELEM

(9 illustrações)..... 419

OS SERÕES DOS BÉBÉS

(2 illustrações)..... 427

SECÇÃO DE XADREZ

(5 diagrammas) por BALDOQUE DA SILVA .. 432

ACTUALIDADES

(23 illustrações)..... 433

OS SERÕES DAS SENHORAS (27 illustrações)

CHRONICA GERAL DE MODAS. pag. 185	BLOUSE PARA SENHORA	» 191
CÔRES E TECIDOS. » 185	CAPA BOLERO PARA SENHORA.....	» 191
GUARNIÇÕES DE TOILETTE..... » 186	TRAJE DE CRIANÇA	» 191
TOILETTES DE VERÃO. » 186	LINDO SACCO DE NOITE.....	» 192
PÉLERINES E CAPAS DE VERÃO..... » 187	LAVORES FEMININOS	» 193
SOMBRINHAS PARA VERÃO. » 187	CENTRO DE MEZA.	» 193
ACCESSORIOS DIVERSOS	DOIS GUARDANAPOS DE CRIANÇAS CO	
CHAPEUS DA ESTAÇÃO	BORDADOS LIGEIOS.....	» 193
TRES ENCANTADORES CHAPEUS PARA	ALMOFADA BORDADA A PONTO DA HUS	
CRIANÇAS	GRIA	» 194
EXPRESSÕES PHYSIONOMICAS	MODELOS PARA QUADROS.....	» 194
SUPERSTIÇÕES ESTRANHAS	AS MARIONETTES DE FORAIN	» 195
A NOSSA FOLHA DE MOLDES. » 191	CONSULTORIO DE LUIZA.....	» 198

A MUSICA DOS SERÕES

MAZURKA PARA PIANO

Por RODRIGO DA FONSECA..... 4 paginas

Correspondencia dos SERÔES

A OBRA DO DR. HAUPT

Repetidas vezes recebemos dos nossos leitores pedidos e reclamações para continuarmos a publicação do valioso trabalho do Dr. Haupt *A architectura de Renascença em Portugal*, encetado na 1.^a serie dos *Serões*. Não esquecemos as promessas que a tal respeito fizemos; mas circumstancias, absolutamente alheias á nossa vontade, teem obstado á satisfação legitima de taes desejos. Avultam em primeiro logar affazeres de outra ordem que não teem permittido ao illustre escriptor encarregado da traducção applicar-se a esse trabalho, apesar das nossas repetidas instancias. Nós procuramos comtudo obviar da melhor maneira a esse contratempo e dar proximo cumprimento ao nosso compromisso.

PORTUGUEZES CELEBRES

Um nosso illustrado leitor brasileiro, quartanista de medicina, pede-nos que formemos no nosso *magazine* uma especie de galeria de portuguezes illustres, vivos e mortos, sobretudo os mais eminentes nas letras, algum dos quaes especialisa.

Deve ter visto o nosso amavel correspondente que essa ideia esta dentro do nosso programma, e que já temos começado a pô-la em execução. Simplesmente, a abundancia de assumptos e de original é tamanha que não podemos em todos os numeros dar cabimento a artigos d'esse genero. Fal-o-hemos sempre que nos seja possivel, e n'esse intento temos já encommendadas bastantes monographias sobre escriptores, artistas, politicos, etc., e accrescentamos que essa galeria é amplificada com as physionomias de brasileiros illustres, porque nunca nos esquecemos da nação nossa irmã de alem do Atlantico, cujas glorias temos orgulho e jubilo de celebrar.

O NOSSO CONCURSO PHOTOGRAPHICO

No proximo numero 12 contamos dar os resultados do nosso segundo concurso photographico, que a affluencia de trabalho nos tem forçado a protelar.

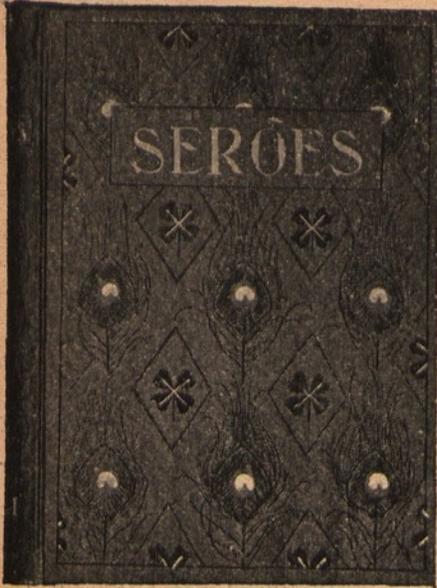
Aos concorrentes pedimos desculpa d'esta demora, igualmente explicada pela difficuldade de selecção entre o grande numero de trabalhos que se dignaram enviar-nos.

**Trate
o seu
cabello
com**

JAVOL

**O
melhor
para o
cabello**

As capas e encadernação dos "SERÕES,"



Os 6 primeiros numeros dos **SERÕES**, (parte propriamente do magazine) formam o 1.º vol. da 2.ª série — para a qual fizemos desenhar capas d'encadernação especial a preto e oiro — ao preço de 300 réis. «Os Serões das Senhoras» e a «Musica dos Serões» só formarão volumes no fim do anno, 12 numeros e para elles faremos tambem pastas especiaes.

Os nossos estimados assignantes das terras da provincia onde não haja encadernador podem enviar-nos os 6 numeros para encadernar — juntamente com a importancia do custo da capa 300 réis, empaste 100 réis e porte 100, ou seja réis 500, — e dentro de 4 dias receberão o volume encadernado.

O maço dos 6 numeros a enviar-nos deve ser muito bem embrulhado em papel consistente e atado com cordel forte, para que os numeros não sofram com a viagem. O pacote assim feito deve estampilhar-se com 80 réis de sellos — e ser dirigido a

FERREIRA & OLIVEIRA L.^{DA}

Rua do Ouro 132 a 138 — LISBOA

indicando o endereço e o nome do remetente.

O 1.º semestre encadernado da 2.ª série dos «**SERÕES**» forma um bello volume de 600 paginas, com mais de 600 gravuras, ao preço de Rs. 1\$600; — e se já os numeros avulso dos «**SERÕES**» se evidenciam pelo cuidado e quasi luxo da parte material e reduzido preço — o volume completo mais mostra que os «**SERÕES**» são a publicação relativamente mais barata que se tem feito em lingua portuguesa.

GRANDE DEPOSITO

— † DE † —

Moveis de ferro e colchoaria

— † DE † —

JOSÉ A. DE C. GODINHO

54, Praça dos Restauradores, 56

LISBOA

A BRAZILEIRA

Casa especial de café do Brazil

A. TELLES & C.^a

Rua Garrett, 120 (Chiado) e Rua Sá da Bandeira, 71 — PORTO

Telephone n.º 1:438

Café especial de minas geraes

BRAZIL

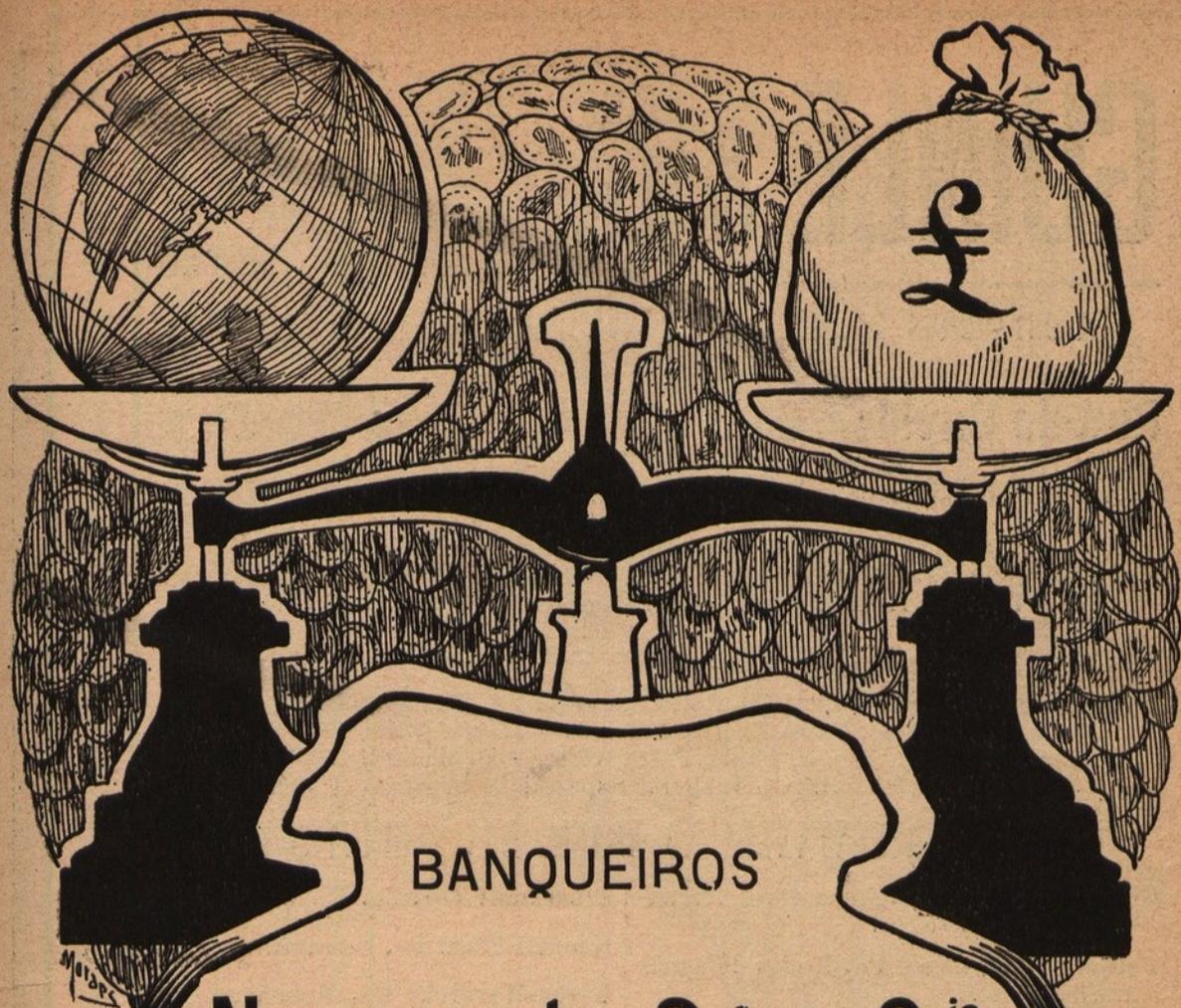
Torrado ou moido kilo 720

Todo o comprador tem direito a beber uma chavena de café gratuitamente

Depositos em Lisboa

Conservaria Pomona de Lisboa, rua da Prata, 111 a 113; Confeitaria Pires, rua da Palma, 68, 72; Pastellaria Raymundo, praça dos Restauradores, 22; Jacintho Nunes Quintas, rua Paschoal de Mello, 27; Casa Progresso de Bemfica, rua Direita de Bemfica, 212 e 212-B; Pastellaria Taboense, rua de D. Pedro V, 55, e em todas as succursaes da Companhia de Panificação Lisbonense.





BANQUEIROS

Nunes de Sá & C.^{ia}

SACAM sobre:

430 Agencias em Portugal e Ilhas.
 854 " " Hespanha.
 36.145 " " Italia, Syria, França, Inglaterra, Montevidéo,
 Buenos Ayres e demais praças no Estrangeiro.

EMITTEM cheques de qualquer quantia para pagamento de encomendas postaes e fazem remessa de dinheiro por telegrammas para todos os paizes.

As letras e cheques entregam-se immediatamente

RUA 1.º DE MARÇO, 17
 RIO DE JANEIRO

GUINLE & C.

Engenheiros mechanicos,
hydraulicos
electricistas e empreiteiros

IMPORTADORES DE MACHINAS E MANUFACTURAS NORTE-AMERICANAS

Rua do Ouvidor, 64 B—Rio de Janeiro-Brasil

OFFICINAS E DEPOSITOS: 13, Rua Nova do Ouvidor, 13 e 89, Rua de S. Leopoldo, 89

FILIAES: Rua Direita n.º 7, S. PAULO

Rua dos Andradas n.º 349 e 349 A, PORTO ALEGRE — **Agencia:** Rua da Bahia, BELLO HORIZONTE e Rua Conselheiro Saraiva, 34, BAHIA

Telephone n.º 385

Endereço postal: Rio, Caixa 954 Endereço postal: S. Paulo, Caixa «Q» — Endereço postal: Porto Alegre, Caixa 64 — Bahia, Caixa 164

Endereço teleg. Rio, S. Paulo, Porto Alegre e Bahia «FUSE» — Codigos A. I., A. B. C., Liebers Especial e Western Union

UNICOS REPRESENTANTES NO BRASIL DAS SEGUINTE FIRMAS:

General Electric Co. Aparelhos electricos para força e luz.

Pelton Water Wheel Co. Rodas de aguas turbinas, etc.

Mercedes Daimler. Automoveis.

Babcock & Wilcox Co. Caldeiras a vapor.

J. G. Brill Co. Trucks para carros e vagon.

The Chloride Electrical Storage Company Ltd. Accumuladores electricos.

A. L. Ide & Sons. Machinas a vapor "Ideal"

Chicago Pneumatic Tool Company. Machinas e ferramentas de ar comprimido.

Cleveland Twist Drill Co. Brocas americanas.

L. S. Starrett Co. Ferramentas finas.

John A. Roebling's Sons Co. Cabos e fios para transmissão de energia electrica.

Billiken Brothers. Construcções de ferro, aço, pontes, etc.

J. A. Fay & Egan Co. Machinas para trabalhar em madeira.

Lozier Motor Co. Motores e lanchas a gasolina.

American Locomotive Co. Locomotivas.

Cincinnati Tool Co. Ferramentas.

Goodell-Pratt Co. Ferramentas finas.

Globe-Wernicke Co. Mobilia de escritorio.

Worthington Pumping Engine Co. Bomba a vapor.

Mietz & Weiss. Motores a gaz e kerozene.

Otis Elevator Co. Elevadores electricos.

The Gutta Percha and Rubber Mfg Co. Artefactos de borracha.

Sherwin-Williams Co. Tintas preparadas e vernizes.

Swan & Finch Co. Lubrificantes.

International Paper Co. Papel para impressão.

Hall Signal Co. Signaes para estrada de ferro.

Standard Varnish Works. VERNIZES.

Hammond Typewriter Co. Machinas de escrever.

Victor Talking Machine Co. Gramophones e accessorios.

Eastman Kodak Company. Aparelhos photographicos.



DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

Sociedade de Seguros
Mutuos sobre a vida
terrestres-maritimos

SÉDE SOCIAL

AVENIDA CENTRAL, 125 (Rio de Janeiro)

FILIAL EM PORTUGAL

LARGO DO CAMÕES, 11, 1.º

LISBOA

Serão attendidos todos os pedidos de tabellas de premio, prospectos e outras informações, sejam dirigidas á séde ou á filial.

Ottoni. Silva & Cia

RUA PRIMEIRO DE MARÇO

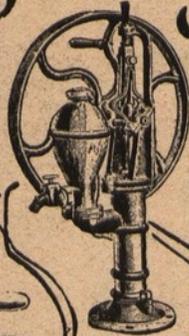
13 e 15

TELEPHONE 912.

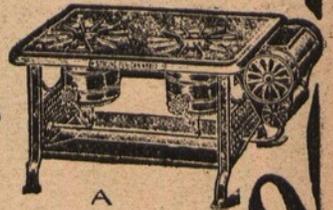
RIO DE JANEIRO



MOINHO
PARA CAFÉ



BOMBAS



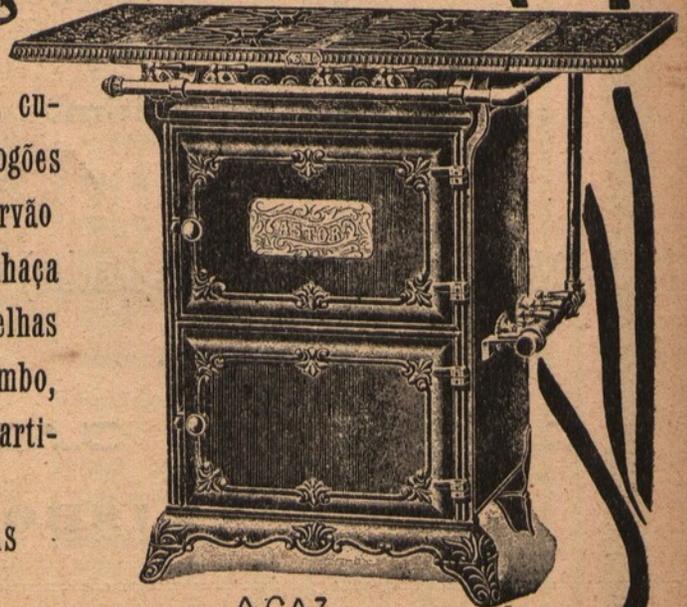
A
PETROLEO.



A LENHA



MACHINA
PARA
CARNE.



A GAZ

Importação de ferragens, cutelarias, louças de ferro, fogões a gaz, alcool, kerozene e carvão tintas, vernizes, oleos de linhaça e para machinas, cimento telhas .incadas, arame farpado, chumbo, carrinhos de mão e outros artigos para construcões.

UTENSILIOS PARA COSINHAS



Pook

CASA
LAUSEN

RIO DE JANEIRO

P. Marinho Sr.

MORAS



Trate o seu Cabello com

JAVOL

O que ha de melhor para o Cabello.

PHONOGRAPHS

CLINDROS

IMPORTAÇÃO DAS PRINCIPAES CASAS DE NEW-YORK BERLIM E PARIS



SOCIEDADE PHONOGRAPHICA BRASILEIRA

REPRESENTANTE DO CENTRO PHONOGRAPHICO PORTUGUEZ

RUA DOS OURIVES N.º 109r
RIO DE JANEIRO

AGENCIAS NO PARA E RIO GRANDE DO SUL



AGUA CASTELLO



Minero-gazosa, lithinada natural

DE
— MOURA —

Refrigera os saos e cura os doentes

A melhor, a mais pura e a mais barata das aguas de meza do Paiz.

Agradabilissima ao paladar, tomada simples ou misturada com cognac, leite, whisky, vinho, etc. — premiada na Exposição de S. Luiz e no Palacio Crystal do Porto.

ESCRITORIO E DEPOSITO

123, RUA DA CONCEIÇÃO

Telephone 880

Empreza das Aguas de MOURA ASSIS & C.^a

LISBOA

PREVIDENTE

COMPANHIA DE SEGUROS

BECCO das Cancellas
n.º 2-1.º

BALANÇO DE 31 de Dezembro
DE 1904:

Capital emitido - 2.500:000/000

Capital realizado - 1.000:000/000

Reserva (saldo) ao exercício
seguinte ————— 573:452/430

APOLICES e inscrições de sua pro-
priedade, valor nominal - 1.600:000/000

Deposito no Tesouro 200:000/000

Rio de Janeiro

FABRICANTES
DA
ACREDITADA **ÁGUA INGLEZA DE GRANADO**



GRANADO

& C.^A

Pharmaceuticos

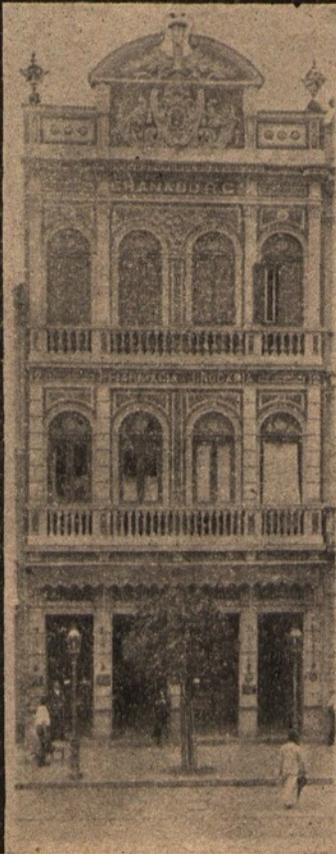
Droguistas

Fabricantes

RUA 1.º DE MARÇO, 12

Caixa do correio, 42

End. Teleg. «GRANADO»



Grande
Laboratorio
Chimico
e Pharmaceutico

A VAPOR

Rua Valle do Rio Branco, 27

Fornecem-se preços correntes

RIO DE JANEIRO

Obtem-se MAIS GRACA,
MAIS BELLEZA,
bebendo sómente
"SALUTARIS"
Depositarios
ZENHA RAMOS & CIA
RIO
DE
JANEIRO.

F. Martins & C.

The advertisement is a vertical rectangular poster. At the top, the word 'SERÕES' is printed in a simple, sans-serif font. The main illustration features a woman with dark, curly hair, smiling and looking towards the viewer. She is wearing a dark, sleeveless dress with a light-colored, intricate floral or lace pattern. She is positioned on the left side of the frame, with her right hand resting on a dark, rectangular sign that contains the text. The sign is set against a dark background. The entire scene is framed by a decorative border of stylized flowers and leaves, with a large, ornate floral arrangement at the bottom. The text on the sign is written in a mix of fonts: 'Obtem-se' and 'bebendo sómente' are in a simple, elegant script; 'MAIS GRACA, MAIS BELLEZA' and 'SALUTARIS' are in a bold, stylized, outlined font; 'Depositarios' is in a smaller, simple font; 'ZENHA RAMOS & CIA' is in a large, bold, outlined font; and 'RIO DE JANEIRO.' is in a simple, elegant script. A small cross symbol is placed between 'ZENHA RAMOS & CIA' and 'RIO DE JANEIRO.'. The artist's signature 'F. Martins & C.' is located in the bottom right corner of the illustration.



SEM RIVAL para a limpeza e conservação dos dentes.

DEPOSITO

Rua Nova do Almada, 81 e Rua do Carmo, 83

LISBOA

B. gr.

OFFICINA
PHOTOMECANICA
 S.^o AMARO & LISBOA
 ESCRITORIO *
 C.^o DO FERREGIAL. 6-1.^o
 Photolithographia
 e Photogravura.
 THOMAZ BORDALLO PINHEIRO

Trate o seu
 cabelo com

JAVOL

O melhor
 para o cabelo.

O QUE DEVEMOS SABER

Bibliotheca de conhecimentos uteis
VOLUMES IN-12

Copiosamente illustrado e cuidadosamente impresso em bom papel.

Cada volume de 200 a 300 paginas encadernação de panno com ferros especiaes 300 réis.

Já publicados:

Historia dos Eclipses

Homem Primitivo

Em publicação:

Primeiros soccorros a doentes

Para facilitarmos sobretudo aos nossos clientes da provincia, a aquisição regular dos volumes d'esta Bibliotheca, fazemos um serviço de assignaturas por serie de **5 e 10 volumes.**

Serie de 5 volumes br.	800
» » » » enc.	1\$400
» » 10 » br.	1\$800
» » 5 » enc.	2\$700

Dirigir os pedidos a qualquer livraria ou a

Ferreira & Oliveira, L.^{da} — Livreiros Editores

132, RUA AUREA, 138 — LISBOA

CAXAMBÚ

AGUA DE MESA



RENASCENÇA

REVISTA MENSAL DE LETRAS, SCIENCIAS E ARTES

Editores-proprietarios E. BEVILACQUA & C.

Rua do Ouvidor, 151 — RIO DE JANEIRO

Publicada sob a direcção de

RODRIGO OCTAVIO e HENRIQUE BERNARDELLI

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURAS PARA O ANNO DE 1906

Estrangeiro.....	20\$000	Registro.....	5\$000
Rio de Janeiro e Estados	18\$000	»	3\$000
Centro Commercial	15\$000		

Numero avulso: Capital 1\$500. Estados 1\$700. Numero atrazado 3\$000

PREÇOS PARA PORTUGAL

Assignatura annual	6\$000
» com registro.....	8\$000
Numero avulso.....	\$600

Os editores não respondem pelo extravio devido ao correio, havendo todo o cuidado na expedição da Revista. Para evitar os extravios, lembramos ao Senhores assignantes, ao reformarem suas assignaturas, authorisarem-nos o registro mediante o augmento em assignatura, da importancia de Rs. 3\$000 para o interior e Rs. 5\$000 para o exterior.

O assignante que, no correr da sua assignatura mudar de endereço, queira fazer acompanhar seu aviso da importancia de Rs. \$500.

AO LEITOR. As reclamações, assignaturas, collaboração e tudo quanto diga respeito á nossa Revista, queiram endereçar sempre e simplesmente

Á Administração da Revista RENASCENÇA

Rua do Ouvidor, 151 — RIO DE JANEIRO

IMPORTANTE

OS SENHORES ASSIGNANTES QUEIRAM INDICAR OS NUMEROS DAS SUAS ASSIGNATURAS

Na Administração da **Renascença** — Rua do Ouvidor, 151 — compra-se o n.º 2, da Revista a Rs. 5\$000 o exemplar em perfeito estado de conservação.

Vende-se a collecção do 2.º, 3.º e 4.º volume a Rs. 22\$000 o volume, e Rs. 40\$000 a collecção do 2.º anno que termina com o presente numero.

Vantagens aos assignantes da RENASCENÇA

Os Senhores assignantes da RENASCENÇA até a importancia de suas assignaturas, á vista do recibo, terão o abatimento de 70% em musicas da nossa edição, compradas de uma só vez.

"OBRAS PRIMAS"

Com este titulo iniciámos uma bibliotheca dos melhores livros de todas as litteraturas antigas e modernas

O nosso plano — Desejamos pôr ao alcance de todos, ricos e pobres, em edições cuidadas e baratas, as joias mais bellas das litteraturas estrangeiras.

Iremos successivamente publicando obras de: Cervantes, Shakespeare, Molière, Goëthe, Shiller, Dickens, La Fontaine, Gorki, Wells, Rod, Prévost, Ibsen, Maupassant, Peredas, Galdós, Ibañez, D'Annunzio, etc., etc., etc.

De cada auctor serão escrupulosamente escolhidas as **Obras primas**, e traduzidas por escriptores de reconhecido merito, obedecendo sempre a um plano unico — de utilidade educativa e honesto recreio; — de maneira que a nossa Bibliotheca virá a formar uma série das obras mais notaveis que o genio litterario tem produzido atravez dos seculos, e tornar-se-ha indispensavel a todos os espiritos cultos.

Cada volume será procedido d'um breve estudo sobre a vida do auctor e as condições que influenciaram a criação da sua obra, e da acção que exerceu no seu meio.

A Parte Material — Cada volume terá 300 a 400 paginas, cuidadosamente impressas em bom papel, sahindo um volume por mez,

A maioria dos volumes será illustrada com o retrato do auctor e com reproduções de gravuras das melhores edições já feitas de cada obra, ou com desenhos originaes d'artistas portugueses; e, se o favor do publico nos auxiliar, iremos sempre introduzindo melhoramentos.

Assignaturas — Para facilitarmos, sobre tudo aos nossos clientes da provincia, a aquisição regular dos volumes da nossa Bibliotheca, fazemos um serviço de assignaturas por series de **5 e 10 volumes**.

O Preço — Cada volume custará :

===== Avulso em todo o paiz =====

Em brochura.....	200 rs.
Encadernado a panno, com forros especiaes.....	300 rs.

===== Por assignatura =====

Serie de 5 volumes (brochados)	900 rs.
» » » » (encadernados)	1\$400 »
Serie de 10 volumes (brochados)	1\$800 »
» » » » (encadernados)	2\$700 »

Para tomar a assignatura basta enviar-nos um postal dizendo :

— Assigno as «**Obras Primas**» por (cinco ou dez volumes, encadernados ou brochados) — escrevendo bem claramente o nome e direcção do correio.

Ao recebermos este postal enviaremos immediatamente os volumes publicados contra cobrança da serie pedida.

Já publicado:

D. Quichote de la Mancha, por Miguel de Cervantes Saavedra — 3 grossos volumes, illustrados.

Viagens de Gulliver, por Jonathan Swift — 1 volume.

Em publicação:

Os Ultimos Dias de Pompeia, por Lord Bulwer Lytton.

Pedidos á **LIVRARIA FERREIRA & OLIVEIRA, Lim.^{da}**

132, Rua do Ouro, 138 — Lisboa

SERÕES

LIVROS, REVISTAS E JORNAES

RECEBEMOS E AGRADECEMOS:

- A Construcção Moderna** — Revista Illustrada — Anno VI — Num. 32, 10 de Maio de 1906 — Num. 188 — Summario : — Aos nossos assignantes — Uma casa no Porto — (*Projecto do engenheiro Sr. A. Rigaud Nogueira* — Provas do 5.º anno de esculptura da Escola de Bellas Artes do Porto — Melhoramentos — Liquefacção do ar — Salubridade e hygiene urbana — As nossas barras — Porto de Lisboa — Serviços meteorologicos — Theatros e Circos.
- Boletim da Real da Associação Central da Agricultura Portugueza** — Num. 2, — Fevereiro de 1906 — vol VIII — Summario — A crise vinicola — *Antonio de Vasconcellos* — Revista do Estrangeiro — L'azote dans l'alimentation des plantes — Sources actuelles et fatures — Emploi du bisulfite de potasse contre la casse des vins — Conditions de l'efficacite de l'acide sulfureux — *A. Lefort* — *Trabalhos da Associação* — Assembléas geraes — Acta da sessão de 30 de Janeiro — Correspondencia — Representações ácerca da exportação de azeite estrangeiro e sobre os direitos de importação de chapas de vidro para os depositos de alcool e aguardente — A agricultura no Parlamento — A crise duriense — Projecto de Antonio Teixeira de Sousa — Informaçoes e noticias.
- La Escuela Moderna** — Revista pedagogica y administrativa. de primeira e segunda enzeñanza — n.º 4 — Abril de 1906 — Tomo vigessimo octavo — Summario — Necrologia, por Ramón Méndez — El estudio de la Naturaleza en las escuelas primarias americanas, por la Doctora Ernestina A. López — Conclusiones de um Congreso Internacional de educación, por Francisco Pereira — A' la Sociedad Protectora de los Niños, por Pablo Lozano Ponce de Leão — La Enseñanza en la escuela primaria, por G. Kieffer — Actualidad, por Consuelo del Rey — Vamos regenerándonos, por Emiro Ogopiz — La reforma ortográfica en su aspecto económico, por R. Róbles — Consideraciones sobre la realidad de las crónicas, por Agustín Rios Sánchez — Cuestiones aritméticas, por Manuel Sánchez Rodriguez — Crónica de la Enzeñanza en el Extrangero, por A. G. — Bibliografia.
- La Mujer Illustrada** — Revista Quinzenal Ibero-Americana — n.º 7 — Maio 1906 — Publicase desde este numero em duas edições sendo uma de luxo que custa em Hespanha 10 pesetas, 18 francos, estrangeiro, e outro a titulo de *economica* que custa 6 pesetas — estrangeiro, 9 francos ; assignaturas por 1 anno.
- O Commentario** — 1.º numero — 4.ª serie — Summario : = Banco União do Commercio — The British Bank of South America — Auler & C.ª — Lugolina — Calçados Sul Americanos — Companhia «Mercurio» — Pharmacia Central — Quatro annos — Collegio Militar — O Perigo allemão — Academia de letras — Indemnisações — Mudança do arsenal — O Prefeito — A defeza da barra — Na praça theatral — Egreja Evangelica Brasileira — A defuncta e sua herdeira — Policlínicas — Asylo dos Invalidos da Patria — Causa vencedora Registro litterario — Varias observações — A Equitativa — Loteria do E. do Rio — Therezopolis — Livraria Azevedo — Agua Pura — Horarios — Dynamosina — Mercenaria Tunes.
- O Instituto** — Revista Scientifica e litteraria — vol. 53.º — n.º 4 — Abril de 1906 — Summario — Historia de Beneficencia Publica em Portugal, por *Victor Ribeiro* — A Alliança Ingleza, por *Afonso Ferreira* — Movimento operario em Porrtugal, por *Campos Lima* — O Problema da Codificação do Direito Civil, por *Luiç Gonçalves* — Les Mathématiques en Portugal, por *Rodolpho Guimarães* — Factos dos Luziadas, pelo *Dr. José Maria Rodrigues* — Noticia de alguns arabistas e intrepets de linguas Africanas e Orientaes, por *Sousa Viterbo*. Camillo Castello Branco, por *Visconde de Villa-Moura* — Les Feuilles archéologiques de Knossos, por *Le Chevalier Joseph Jaubert* — Exame final, por *Antonio Machado*.
- O Progresso** — n.º 96 — Abril, 1906 — Anno IX — Summario — O Presidente H. M. Lane-Duas Palavras — Antes da Lucta — Adão e Eva — A Guerra — A Republica de Costa Rica — Semira e Nelzir — Hygiene entre os Hebreus — Pontuação — O Telegrapho sem fios — O Exemplo Materno — Devaneio — O Bode e o Touro — Supremum Vale — Astronomia — Os prophetas — Dr. José Manuel Portugal — Actualidades.
- Os annaes** — n.º 78 — Rio de Janeiro, 26 de Abril de 1906 e 79 de 3 de Maio de 1906 — Semanario de litteratura, arte, sciencia e industria.
- Regulamento e Programma do 1. Congresso Pedagogico da 2.ª Circumscripção Escolar**, em Coimbra 3 a 7 de Junho de 1906 — Promotor — O Sr. Dr. Alves dos Santos, Lente da Universidade, Inspector da 2.ª Circumscripção Escolar.



(Cliché de A. Barcia)

INTERIOR DA CAPELLA DO ASYLO DE CEGAS DA RUA FORMOSA

V. artigo «OS CEGOS»

A Ilha de Porto Santo



ASPECTO EXTERIOR DA VILLA BALEIRA — AO FUNDO O PICO DO CASTELLO

VIAJAM uns por necessidade, outros por distração, meramente espiritual.

Poucos, raríssimos, para conhecerem horisontes novos. Entre nós, ha ainda quem prefira a uma viagem todo o conchego do lar. Póde, embora, a civilização bater-lhes ao ferrolho, offerecendo-lhes, entre reclamos pomposos, commodidades problematicas, que o bom, o genuino portuguez, quedar-se-ha insensível ás seducções do progresso, pelo receio de quebrar uma perna em paiz ignoto. São feitios; contra elles nada ha a fazer. Cada qual desloca-se conforme entende, gósta, ou lhe convem, tanto podendo viajar encurralado num wagon ou beliche, como no proprio quarto, em mangas de camisa, lendo Verne, ou outro auctor predilecto, na especialidade. E, a cada passagem difficil, ou incidente grave, o peregrino pela lettra d'imprensa limita-se a sentir um arrepio, dando graças a Deus de não andar por esse mundo além, exposto ás contrariedades do acaso.

Nós outros viajámos por curiosidade. Erro grande é suppor que só á mulher pertence tal defeito. Fômos e voltámos, sem mazella superior á que poderemos ter á partida. Do que passámos e vimos, minguado resumo é este artigo, a traço leve, para não aborrecer o leitor, sem queixumes pueris, para não tomarmos loiros immerecidos. De resto, a coisa mais simples, mais prosaica: uma digressão ao Porto Santo, que corre fama de ser terra portugueza, bem portugueza por signal, a primeira da nossa

historia maritima, situada a 33 graus, 2 minutos e 54 segundos de latitude norte, por 18 graus, 39 minutos e 12 segundos de longitude oeste, salvo defeito dos competentes.

Mas se desejos tinhamos de conhecer tal ilha, facil não foi a realisação do projecto, e, se, por felicissimo acaso, estas nossas linhas forem lidas pelos dirigentes dos assumptos nauticos, possam ellas transformar-se em requerimento sincero, tocando-lhes os corações empedernidos, para garantia de vidas e haveres de visitantes futuros.

Duas e meia da noite quando largámos da bahia do Funchal. O *Gavião*, rebocador costeiro de pequena tonelagem, devia transportar-nos. Estava-se em julho quente, abafadiço, de temperatura irritante, aggravada pelo *léste* secco, oriundo das terras africanas, soprando rijo a queimar-nos as palpebras com particulas minusculas das areias do deserto.

Fugíamos ao supplicio d'uma atmosphaera caustica, na esperanza de que o Atlantico podesse conceder-nos allivio aos pulmões ressequidos. Epoque de vindimas, loirejantes os bagos resumbrando nectar, vá dito em verdade, seduzia-nos a idéa de os colhermos puros ou nas primitivas cepas, ou nos desenvoltos bacellos mandados plantar pelo marquez de Pombal (1770).

Desgarrada a ancora com meia hora de atrazo, o rebocador começou movendo-se em direcção ao *Garajau*. Na noite breuosa, as costas madeirenses, elevadas quási a prumo,



COMO SE DESEMBARCA NO PORTO SANTO

confundiam-se sem destaques, num empastamento sujo de muralha contínua. Negro o mar e negro o céu, forrado de nuvens immoveis, como se pairasse sobre nós colossal tormenta. A mareta começou desde logo dispondo-nos mal. Não era convidativo aprasimento uma noite perdida sobre o oceano, alojados sobre convez atravancado de mercadorias, entre volumes de todas as especies e passageiros de todas as classes.

Tempo decorrido, quando a conversa escasseava e o somno ia levar-nos de vencida, o barco aproou ao sul, para dobrar a *ponta de São Lourenço*. Na linha rasa do oriente, a perder de vista, aclareava-se já a extremidade do Atlantico. Deixámos então á esquerda, num agglomerado de rochedos, a penedia onde se destacava ainda o fóco potente do pharol, e, á direita, as *Desertas*, envoltas na nevoa opalina que raro as abandona.

Estava revolta a *travessa*. Mar diabolico aquelle, apertado entre as ilhas irmans, onde as correntes parecem degladiar-se, cavando vallas profundas e formando redemoinhos subiticos. Tinhamos pela frente 46 kilometros de supplicio á mercê de Deus!

O rebocador avançou intrépido e a primeira onda, quebrando-se-lhe na proa, alagou-lhe o



ASPECTO DA VILLA BALEIRA

convez. Não houve somno que resistisse á sacudidela brusca e ao matinal, inesperado baptismo. Os assustadiços refugiaram-se na camara. Nós, não. Se tivéssemos de mergulhar no barrento tumulo, preferiamos campo livre para a alma voar. Aferrados a um varão da escotilha, descobrimos assim, de mais perto, á luz escassa da manhã, as alterosas vagas rodeiando-nos, largas, fundas e lisas, como se tivessem sido cortadas á faca em montanhas de pez! O galear tornou-se em breve vertiginoso, retardando-nos a marcha. Por vezes, a helice,

noite de tormenta, rôtas as largas velas e arrefecida a coragem, João Gonçalves Zarco e Tristão Vaz encontraram, em 1418, o refugio na terra firme, em paragens para elles desconhecidas. E, desde então, na alegria de se verem salvos, o nome de Porto Santo perpetua-lhes o reconhecimento á divindade, ligando-se á nossa historia como primeiro padrão das descobertas succedaneas.

Decorridos estão 488 annos, mas as condições da viagem não melhoraram. Machina exhausta á força de trabalho continuo imprime movi-



ARREDORES DA VILLA BALEIRA

trabalhando fóra d'agua, quando o barco afocinhava em risco de submergir-se, produzia abalos especiaes, triturando-nos os ouvidos e o estomago. Não iam melhor os companheiros, encurralados uns na jaula inferior, outros junto ás amuras, na coberta ensopada, dando com certeza ao diabo a idéa d'aquella viagem com semelhante tempo. Trecho inquisitorial a dez tostões por cabeça, com a aggravante de ser protegido pelo governo da metropole!

E, no meio dos horrores d'essa travessia, quando, na esteira do vapor minusculo e velho, a Madeira se eclipsava na cerrada bruma, o nosso pensamento apavorou-se com a certeza de que, sob o lençol espumante de vagas raiosas, teem abrigo, vivem aos cardumes, todas as especies de esqualos. Que banquete delicioso encontrariam semelhantes visinhos no carregamento humano da fraquissima casca de noz!

Depois, lentamente, ficámos tambem pensando que deveria ter sido em situação analoga, ou peor ainda, que, por uma desesperada

mento a um casco invalido, pedindo reforma. As vidas dos contribuintes confiam-se á pericia do timoneiro e ao olho áleria da Providencia amiga. No dia, remoto ou proximo, em que todo o machinismo periclitante se desconjunctar gritando *basta*, o paternal governo districtal alcunhará de *besta* o mizero patrão irresponsavel, mandando proceder a um inquerito sobre os effeitos nutritivos da carne humana nos bandulhos dos tubarões vorazes. É sepultura rapida, gratuita e sem responsos, proclamando as vantagens e a sensatez do desleixo, para gaudio da innumera bicharia aquatica que a corrente do golfo do Mexico alli conduz (1).

(1) O *Gulf-Stream*, atravessando o Atlantico e bifurcando-se a não grande distancia das costas europeias, lança um dos braços ao longo de Portugal e vae misturar-se, nas alturas do Porto Santo, com outra corrente equatorial. Do embate fortissimo das aguas oppostas resulta a turbulencia, quasi permanente, d'aquellas paragens.

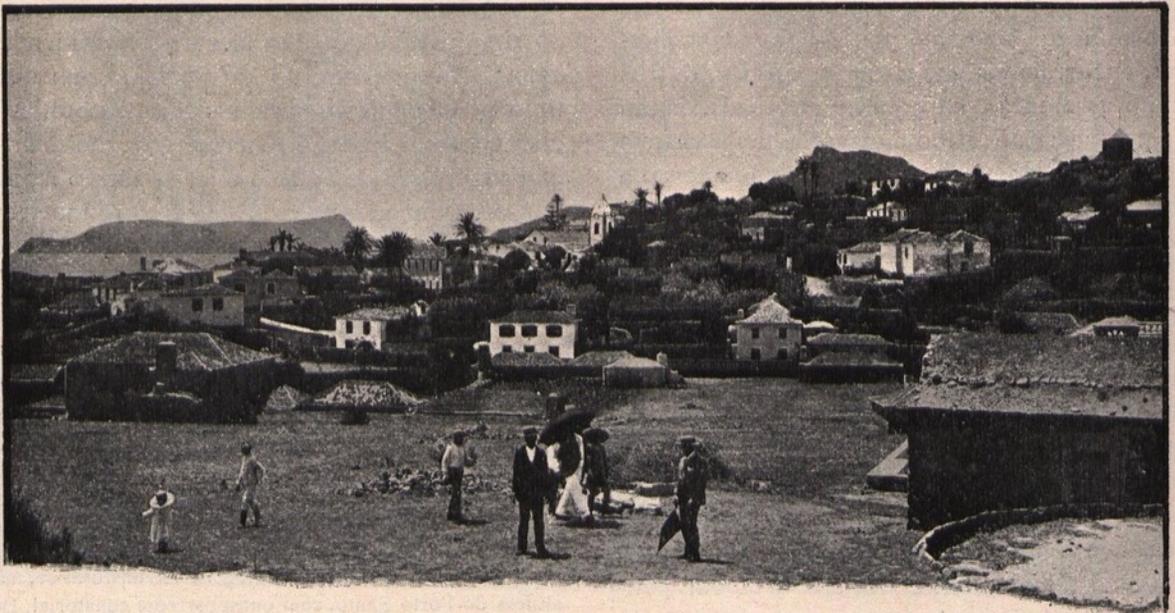
A duas milhas da csta a *travessa* civilisou-se. Hostia de sangue no altar supremo do ceu vastissimo, o sol bemdito ergueu-se. O *pico do Facho*, a maior elevação da ilha, co-rou-se de oiro, resplandecendo, num fundo azul sem mácula, 400 metros sobre o nivel das aguas. Na sua especial configuração, talvez monotona, de terra quasi na em 44 kilometros quadrados de ondulações diminutas, surtiu-nos o termo da viagem. Eis-nos de novo alguem, que do supplicio passado a memoria escou-se breve, ficando  rectaguarda na tunica espumosa do caminho...

Comtudo, não se desembarca no Porto Santo. Entra-se em charla, o que  diverso. A centenas de metros o rebocador lançou ferro, recebendo-nos um escalr, o qual, por sua vez, parou a distancia do areal enorme. Abandonando os rmos, ora inuteis, um dos tripulantes arregaou-se. Eil-o presto no mar, hirto e solemne, offerecendo-nos os hombros. Coube-nos o direito, ao passo que, no esquerdo, outro companheiro foi, adolescente seminarista em férias. Escarranchados em equilibrio duvidoso, abalmos então, no cadenciado passo do conductor robusto. Entrada triumphal de gente fina, sentindo que o  realmente ao ser trasladado pelo seu semelhante, reduzido  misera condição de cavalgadura amphibia!

A primeira impressão retrogradou-nos aos

annos coevos da descoberta, ou, talvez melhor, do reconhecimento da ilha. A civilisação passa-lhe a distancia, revolvendo-lhe as aguas com helices potentes. Passa e não lha sequer. Comdemnada ao ostracismo de seculos, a existencia conserva-se ali quási no primitivo estado, sem melhoramentos apreciaveis, sem amparo official, esquecidos os habitantes, aves raras dos tempos idos, moirejando  força de sacrificios, bondosos no analphabetismo, reduzidos ao que a terra-mãe pde conceder-lhes na aridez permanente, mas gratos  Providencia que, na mingua de favores terrenos, dotou-os com o magnifico ar que respiram e o beneficio gratuito da longevidade. O Porto Santo  um sanatorio, onde a morte s aparece de longe em longe, ou para evitar s crianças o flagello da alimentação brutal, ou aos adultos, escapos d'aquella e tombando  lazeira dos annos, o aborrecimento da velhice. Morre-se ou de poucos mezes, atascado até aos gorgomillos em milho cosido, ou dos 80 aos 100, sem rheumatismo ou gotta.

Não  terra para medicos e pharmaceuticos, como não  tambem para escritves. Criminalidade egualissimamente nulla, vivendo-se de portas escancaradas, porque os gatunos não teem que furtar. O carcereiro, com triplos mistres, dar-se-hia a perros para conservar qualquer delinquente sob os ferros d'El-rei. Não ha grades, nem ferrolhos, banidos por inuteis. Gente boa e san, na successão, sem bastardia, dos primitivos algarvios.



OUTRO ASPECTO DA VILLA BALEIRA



LARGO DO PELCÚRINHO
— EDIFÍCIO DA CAMARA MUNICIPAL

Vê-se, neste ponto, que os exemplos antigos não colheram adeptos. Aponta-nos a Historia um dos primeiros donatarios como adúltero e assassino emerito. Bartholomeu Palestrello, o terceiro, enamorando-se d'uma prima, matou a mulher, casando-se a contento. O filho unico da victima, Garcia Palestrello, sahindo ao pae, libertou-se do matrimonio por identica fórma, morrendo degolado por sentença.

Da arraia miúda pouco ha a dizer. Alcuham-na de *propheta*; o motivo é este: em 1533, Fernão Nunes, denominado o *bravo*, por viver nos ermos, filho de lavradores honrados, e Filippa Nunes, moça de 17 annos e paralytica, sobrinha d'aquelle, déram origem á alcuha. Num bello dia, o arredio montanhez declarou-se inspirado pelo Espirito Santo, vindo de longe tangendo uma sineta. A sós

com a sobrinha, convenceu-a de que Deus ordenára a procurasse, pois ambos deviam prégar, confessando o povo e impondo-lhe justa penitencia dos peccados. Respondeu-lhe ella já estar prevenida de tão celestial resolução, cumprindo-a por fórma que, a breve trecho, era-lhe a moradia transformada em santuario. D'ali passaram a uma das primitivas capellas, em cuja portada, sempre aberta, um arauto dizia: *ouvi o mandado do santo propheta Fernão, e propheta Filippa*, que predestinados se consideravam em demasia para curar as máculas do corpo e da alma, pela força das arengas e pelo poder dos exorcismos. Ora succedeu que, entre tantos ouvintes submissos, um houve sobre modo incredulo. Misero tabellião, João Calaça de nome, rezava na capella sem dar ouvidos ao propheta, quando este, indignado, apontou-o ao povo como descrente, aconselhando a que lhe arrancassem o diabo do corpo, pois tres dias depois ressuscitaria illeso e liberto de tal companhia. Assassinado pela turba, arrastaram-no para a ermida de Santa Catharina e de São Se-



INTERIOR DA VILLA BALEIRA

bastião, aguardando a realidade da prophacia. Entretanto, alvoroçados com o succedido, seis animosos descrentes conseguiram fugir, vindo á Madeira, d'onde partiu o corregedor de Machico. Os dois prophetas, abandonados pelo Espirito Santo ás justças terrenas, não conseguiram convencer seus julgadores, sendo condemnados a permanecer certo tempo, ella

Villa pequena, risonha e chan, sob o patronato da Senhora da Piedade, a sua primitiva igreja foi queimada, em 1617, por corsarios moiros, mandando reedifical-a a Fazenda real, desde 1699 a 1712. Ella, e o edificio municipal, são as unicas construcções mais ou menos aparatosas, afóra uma ou outra residencia particular moderna. No seu isolamento, ou retiro, de céu e mar, bem parcos chegaram tambem ali os engrandecimentos manuelinos, se os teve. É possivel que ao desconsolo do primeiro donatario, vendo estereis os esforços das culturas



A FONTINHA

vestida e elle meio nú, com carochas e cirios accesos, á porta da Sé de Evora. D'esse castigo proveio o dictado: *quem advinha vae para a porta da Sé*. Mais leve pena tiveram os ouvintes, em bons duzentos cruzados pagos de seus haveres; mas, como sempre foi duro abrir os cordões á bolsa, pela ameaça de nova sangria nunca mais os pobres dos habitantes déram azo a castigo graúdo. Quem vae ao Porto Santo retira-se sem perda violenta d'um real, inteirinho de corpo e de fazenda tal como chegou, senão melhor. O progresso moderno só ali foi duas vezes e fez asneira. Numa, em 1852, levou-lhe a doença dos vinhedos; na outra, mais recente, destruiu-lhe a moradia historica de Colombo. Poupou-lhes os instinctos; já foi mercê!

Chama-se *Baleira* o unico torrão mais habitado da ilha. Ora, existindo no Algarve, proximo de Sagres, logarejo de nome identico, e sendo, como foram, algarvios os tripulantes de Zarco, facil é suppôr-se a origem do titulo

pela seccura do sólo, succedessem primeiro a usura, o despotico contracto da colonia e a ociosidade do proprietario, depois a inercia, ou desleixo, dos successores, num cruzamento de braços de resignada pobreza. A lenda da coelha prenhe levada por Zarco e dos filhos procreando-se aos milhares, não justifica a nudez dos campos. Como incidente malicioso da Historia admite-se; a falta d'agua, não. Existe e não a procuram, limitando-se a tomal-a, em rações minguidas, embora excelente, ou medicinal na Fontinha, perto da villa, ou distante, na *fonte da areia*, na *fonte dos pombos* e na *dos jaspes*, ao passo que os terrenos ressequidos, sem arborisação e em grande parte sem prestimo, rogam-na supplices a alguma nuvem que passe. E, comtudo, a noroeste da villa, brotam das rochas abundantes tórnos, que vão perder-se no mar por não haver dinheiro para aproveitamento!

Os vinhedos desenvolvem-se assim no bravío sólo, estendidos sobre elle na configuracão de reptís enormes, de parceria com arbustos ra-

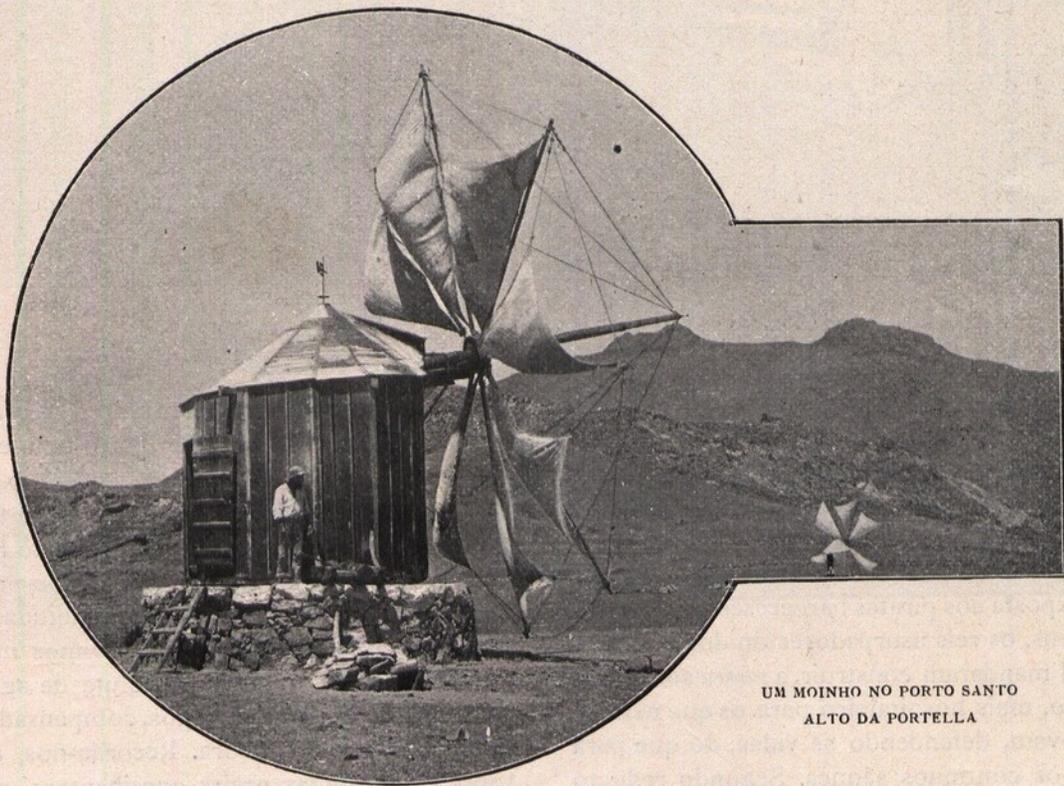
chíticos, dragoeiros, ericaceas e palmeiras açotadas pelos vendavaes, unicos tons de verdura onde, no estio, podemos descançar a vista!

No inverno, apesar de brando, e na primavera, que é suavissima, os campos offerecem melhor aspecto. Pequenas messes ondeiam como vagas curtas, compensando trabalhos e cuidados. No limite dos seus extremos a Natureza faz o que póde; assim os governos correspondessem aos seus esforços.

A villa estende-se ao sul, numa baixa areenta, sobre calcareo visivel em muitos sitios. Apesar de irregularmente disposta, não deixa comtudo de mostrar-se risonha no aspecto externo. Alcançando-a, reconhece-se porem que, na

as escolas brigam com o titulo e a gente moça, vendo-se escapa da alimentação brutal da infancia, prefere a ignorancia da liberdade e do ar puro ao suicidio lento nas montureiras officiaes!

Descendo-se do hotel entra se no *Largo do Pelourinho*. Uma palmeira enfezada dá-nos a impressão do martyrio da sede imposto aos habitantes. Legalmente justifica o titulo do sitio. Têmos ali a igreja parochial, a que já alludimos, e o edificio da camara. É linda a primeira, com requintes de asseio revelando esmero. Ajoelha-se sem tédio; reza-se sem nojo. As proprias imagens, illuminadas pelo sol rútilo, parecem obras primas.



UM MOINHO NO PORTO SANTO
ALTO DA PORTELLA

maioria, as edificações são rudimentares, a pedra solta ou com rebôco simples e telhados de barro, amassado com areia e cal, dispostas sem alinhamento ou ordem apreciavel. Uma ribeira exausta torneja a povoação, faltando-lhe porêem a verdejante moldura, ou o cóрте arrojado e imprevisto das suas congeneres madeirenses.

Da varanda do modernissimo albergue a que nos conduziram, hotel limpo, arejado e sem moscas, onde iguarias modestas surgiram como preciosos manjares, a vista abrange quasi os 468 fogos da ilha, abrigando os seus 1956 habitantes. Ha, nella, affirmam, duas escolas; existem, tambem, 1724 analphabetos. É que

Passamos ao edificio municipal. É antigo, pesado, sem architectura definida, depois das restaurações que lhe respeitaram apenas as armas nacionaes sobre o remate da portada. Cahimos de chofre em plena sessão, ao bater do meio-dia. Os respeitaveis édis, austeros cumpridores dos deveres christãos, persignaram-se e rezaram de pé. *Deus super omnia...*

Ha ainda a mencionar uma visita á capella da Misericordia, e, sahindo da villa, á ermida de Santa Catharina e de São Sebastião, a mesma onde o misero João Calaça esperou tres dias que o diabo se resolvesse a abandonar-lhe o cadaver. Como não ressuscitou, ainda na actualidade ali depositam os corpos dos que



UM CARRO DE BOIS — AO FUNDO, CASAS COM TECTOS DE BARRO

partem, antes de transportal'os ao proximo cemiterio publico.

Eis-nos em pleno campo. Sóbe-se ao *Pico do Castello*, e, a nossos pés, calcando-lhe as ruinas, abre-se um panorama extraordinario. Para accudirem um pouco á misera população da ilha, exposta aos piratas barbarescos e corsarios europeus, os reis usurpadores do dominio hespanhol mandaram construir, a pedra solta, esse reducto, mais hospitaleiro para os que nelle se refugiavam, defendendo as vidas, do que para evitar os continuos sáques. Segundo reducto teve a ilha, tão reduzido a escombros como o primeiro. Intitulava-se de *São José*, tendo sido Pombal quem mandára construil'o junto á praia. Outros locaes apraziveis á vista são: a risonha capella do Espirito Santo; o *pico do Facho*, assim chamado porque, antigamente, ali permanecia, durante a noite, um vigia para dar signaes aos navios por meio de ramos incendiados; o *pico da Juliana*, o *pico Branco*, o *pico de Anna Ferreira*, a *rocha do Penedo*, o *alto da Portella*, o *sitio da Calheta*, descobrindo-se proximo o *ilhéo da Cal* ou *de baixo*, d'onde se extrae e exporta para a Madeira excellente cal, a *rocha dos Varadoiros*, a *fonte da Areia*, a serra da *Feiteira*, e, finalmente, o *ilhéo de Cima*, escolhido

para o moderno pharol, separado da terra por um boqueirão e offerecendo perto uma extensissima praia.

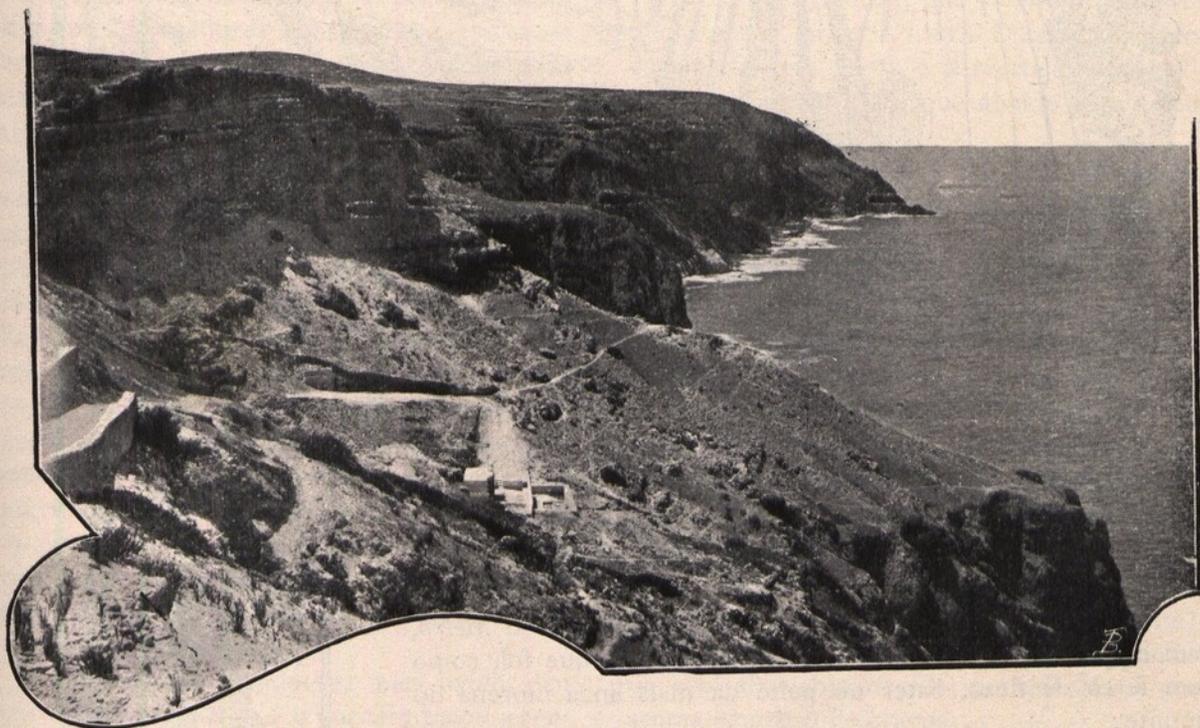
Vê-se depressa a ilha, que a *sereia* do transporte reclama-nos. Quem vae ao Porto Santo ou tem de permanecer quinze dias, ou poucas horas. Não ha meio termo ou possibilidade do contrario. Do que dissémos e vimos não se conclua porêem ausencia absoluta de agrado, nem falta de horisontes largos, compensadores. É árido o sólo? Embora. Recorda-nos, quasi todo, ou as lindas praias continentaes, ou os extensos campos de pão. Ora pisamos as mesmas areias d'oiro, que a luxuriosa Madeira não possui, ora descobrimos a planicie estendendo-se rasa, sem o alcantilado vulcanico da ilha irman. Não tem, como esta, nem o seu imprevisto arrojo natural, nem o resultado das antigas convulsões internas, em ravinas, despenhadeiros e crateras extinctas. Mas, pensando esses aspectos, outros encontramos mais simples, fallando-nos ao coração saudoso, na sua modestia caracteristica, original tambem. São os moinhos esparsos de vellame solto, os carros semelhantes aos do norte, as nossas eiras da Estremadura, um sabor de existencia em quasi tudo igual á do continente, na mesma

proverbial franqueza, sem omissão de sympathy na hospitalidade.

Não haverá motivo para aborrecimento, nem razão para desconsolo. Longe do orbe movimentado, na absoluta paz da Natureza sem atavios, deve lograr-se ali o repouso do esquecimento completo. Offerece-lhe o oceano as suas brisas; concede-lhe o espaço seus luzeiros. Abre-se sobre ella a vastidão do infinito, e, no silencio que a rodeia, deve ouvir-se mais

nitidamente a voz do Creador, perdoando culpas, se as confessarem, arreigando crenças, se as não tivérem. Terra de promessa, injustamente abandonada pelos homens cultos, como paraizo vedado ás suas ambições e ódios, resigna-se e espéra. O quê?... Á falta d'outros beneficios, a offerta d'um pavilhão nacional, que nem sequer ali vimos tremular, para remorso d'outros e vergonha nossa!

AUGUSTO FORJAZ



FONTE DA AREIA E ROCHA DOS VARADOÍROS



Eu creio que foi na romaria de St.^a Angelica que elles se viram, os namorados d'este conto.

Quando Luiza chegára com a mãe, os varapaus começavam de ensarilhar-se num rumor secco d'arvores que se partissem.

Nascêra a desordem duma cantiga maliciosa que o *Melro*, um brigão dado a amores, desferira, á viola, e que foi, como um ferro de flexa, bater no peito da mais linda morena do monte :

*Anda cá, minha trigueira,
Pois já me quiçeste bem...
Olha, a videira sem uvas
Já não dá o que não tem!...*



O morgado de Linhaes, com a sua jaqueta de alamares, e a faixa rubra e ardente como a sua paixão pela morena, arremessou para a nuca o chapéu calabrez, e com o marmelleiro de choupa despedaçou, gingando, a banza do cantador.

E logo os chapéus voaram, as mulheres gritaram numa algazarra. A mó do povo agitara-se, endoidecida, á maneira das messes, quando lhes bate o vento: caíam as mesas e tableiros de doces, as canecas brancas rolavam partidas, e no meio da turba electrizada em remoinhos cyclonicos, ao fragor da debandada espavorida, ficára num carro de bois, ornamentado de folhagens frescas, uma pipa de vinho esguichando como um repuxo de sangue...

Incendio que lavra, a raiva acirrava os camponios de manjaricão na orelha, e os lóddãos zigzagueavam, partindo cabeças e desengonçando costellas. O largo, com o seu cruzeiro de pedra e as suas pacificas e velhas arvores, convertêra-se em momentos num arraial de guerra. Os sinos da ermida tocavam. O rapazio empoleirára-se como lesto gorilhas, nos ramos altos

dos carvalhos. E da casa da escola, onde se albergavam, uns soldados saíram em linha, mas apenas o alferes e o corneta avançaram, por entre a multidão espavorida, para o bando assanhado dos jogadores de pau.

O official, um moço pallido, que vinha talvez de ler, embevecido, algum romance de Ponson du Terrail, admoestou, com a espada desembainhada, a turba dos desordeiros, onde se viam já papoulas e fios de sangue, e onde as pragas se tinham abafado num silencio rancoroso, d'estes em que parece que ouvimos estalar corações. Mas a briga era agora mais estrategica, mais meticulosa e previdente no assalto; os jogadores cobriam se e atacavam como grandes mestres d'armas. Alguns paus estalavam, partiam; um ou outro batalhador caía de borco... Então a gritaria enchia os campos, onde a natureza, silenciosa e luminosa, se diria sonhar sob o ceu imperturbavel. Os sinos tocavam mais. E a briga continuava, teimosa e enraivecida, tal se um largo rastilho de colera sacudisse e mexesse aquelles homens ageis. De novo, nervosamente, o alferes, pallido, ergueu a espada fina, e clamou, já rouco, palavras bem altisonas, — mas que se perderam e voaram como folhas. Nesse momento um rapagão espaduado e loiro rodopiava tonto d'uma pancada, e caía. O phrenesim da pugna não quebrava — e a pipa continuava tambem a esguichar o seu vinho escarlata, como uma coisa bacchica, sob os ultimos clarões do sol poente!...

Então o official, cada vez mais livido, deu uma ordem rapida — e o corneta tocou a reunir. Aquelle som vivo e marcial, que poz um calafrio no povoleu suspenso, e echoou nos montes longiquos como um funesto clarim de guerra, não desanimára ainda os desordeiros, valdevinos do amor, rufiões e marialvas, que os ciumes e o vinho desvairavam. E ao ver a rede de varapaus crescer mais, num estralejar bravo, o alferes soltou a voz de fogo — e uma descarga alta reboou, pois quando os homens se transmudam em feras, parece ainda preciso fustigar-lhes os flancos com balas.

Os paus foram-se aos poucos quedando. Os athletas fugiram, ainda aureolados de sol. Fez-se uma clareira; e viu-se, mais longe, um homem moço e alto caír ferido... O povo accorrêra — igual a um enorme formigueiro alaranjado de sol vasquejante. Luiza tambem fôra com a mãe, no bando das mulheres lacrimosas: e foi uma das que ajudaram a soerguer

o rapaz que tombára, e que uma bala ferira. Era um mancebo dum trigueiro pallido; o bigode, d'amora retinta, pendia-lhe aos cantos, melancolizando-lhe mais o rosto meigo. Viera de longe, d'além das montanhas, não entrara na briga, que apenas contemplava a distancia, dum alto, como certos generaes da Historia. Mas pagára pelos ruñões avinhados, prostrado por bala assassina, aquelle moço d'olhos pretos e amantes.

*
* *
*

Foi então, creio eu, que se viram pela primeira vez o ferido e Luiza. O casal abastado da rapariga era perto, e lá recebeu elle o primeiro tratamento, até que abalou para a sua aldeia, além serra.

Era uma linda noite de luar, quando partiu, ainda doente, com a mãe que o viera buscar, no carro da carreira. Luiza, a sua meiga enfermeira d'alguns dias, viera dizer-lhe adeus — e os seus claros olhos enturvaram-se... A romaria de St^a Angelica acabava. Na fachada da ermida tremeluziam ainda, ao longe, os arcos da illuminação festiva. No alto todo o ar se estrellára, duma pureza diaphana, como se Deus se entretivesse a desfolhar malmequeres d'oiro pelo ceu... Da romaria apenas chegava, aquella hora de despedida melancolica, a toada lenta e suspirosa do *Malhão*, num queixume que o vento leve esfarpava. Que linda noite! Um foguete distante pingava as suas lagrimas no azul alvamento, tepido, nupcial. Havia um aroma amoroso de cravos...

E o certo é que se amaram. Pouco depois elle vinha vê-la a miudo. Luiza esperava-o anciosa, com os olhos remirando o caminho da serra. Mas aqui já começa a novella a ser triste: já em torno ás figuras lealmente amorosas começam de esvoaçar as aves de rapina — instinctos de cobiça, de perfidia e inveja, mesquinhas companheiras, muita vez invisiveis, da triste vida do homem.

Vieram as represalias, e depois as violencias. Luiza foi sequestrada cruamente ao amante. O pae, brusco e cioso da sua riqueza, dissera-lhe uma vez:

— Has-de casar rica, e a meu modo. Não te criei p'ra freira, cachopa; mas tira o sentido d'onde o trazes...

E vendo a rapariga córar e os olhos a orvalharem-se:

— Mal vae se torno a enxergar o Manuel-



...TIRA O SENTIDO D'ONDE O TRAZES...

zinho... Não me queiras desgraçar, Luiza. Nada de caramunhas!...

Luiza chorára muito. Aterrára-a o ar sinistro do pae, teimoso e rude, com formidaveis coleras. E tratou de avisar o namorado para que não viesse, até que se desvanecesse aquelle rancor, que o tempo gastaria. Confiava na bondade do destino, quasi sempre enigmatico e triste como os emblemas das tumbas; rezou aos santos que intercedem suavemente pelos namorados nas longiquas venturas do ceu, e tinha fé no seu amor, que era grande, e no tempo que até vae roendo as pedras duras, quanto mais a maldade da gente.

E o outomno foi passando. As folhas desprendiam-se amarellentas, como as antigas illusões de poetas. Já mal havia flores. A natureza empallidecia, mirrava-se, como se aquella terra exuberante e viçosa se espiritualizasse e emaciasse para um recolhimento claustral. Mas para os corações encantados e para a legião dos bardos e dos tristes o outomno cria e abre rosas mais redolentes!

Manuel obedecêra: não viera como até ahi,

ao lusco-fusco, quando os morcêgos avoejam; mas vira-a durante dois mezes doloridos, escondido na diligencia que passava na estrada Do largo, já Luiza ouvia as campainhas dos machos, que tiniam aos seus ouvidos, no silencio da tarde, como a mais doce musica da terra — e corria ao muro, para olhar o carro e encherem-se-lhe depois os olhos d'agua...

*
* *
*

Logo que veio o inverno, bravo e rispido, puderam os dois ajustar encontrar-se no alpendre, noite alta, quando todos dormissem. As desconfianças do pae tinha-as levado a ausencia de Manuel e a neve de janeiro. E foram noites continuas de susto e d'amor no velho cobêrto do casal.

A chuva caía, o vento desgrenhava as arvores, parecia latir nos descampados — e ás vezes respondia-lhe na serra o uivar dos lobos.

Eram dum terror quasi delicioso essas noites de invernia. Sobresaltos e medos mais forte tornavam esse amor, mais doces ainda aquellas horas vagas... Ás vezes parecia que vinham passos... Luiza estremecia, empallidecia como as mortas, que ainda levam no somno do ataúde um eterno sorriso d'amor...

— E se era o pae?! Seria?!...

— Não; era o vento... Não era nada.

E eil-os de novo a tecer, encantados, as teias de illusão que os namorados tecem.

Depois um cão ladrava. Seria gente que elle vira? Jesus!

Manuel tranquillizava-a. E se fosse? Não eram noivos? Que tinha?!

Ella apertava-lhe a mão; olhava receosa a sombra horrivel e profunda da noite. Docemente Manuel afagava-lhe os cabellos.

De novo o vento uivava, com a afflicção durdoido esfarrapado a correr pela treva.

— Ouves, Manuel?!

— São os lobos... É o vento...

E voltavam a fallar, tiritando sob a telha vã do alpendre, ácerca dum lar futuro, onde nos duos invernos arderia o lume aquecedor e benéfico. E as chimeras voavam, junto d'elles, com a doçura que devem ter nas visões mysticas, as azas, sempre brancas, dos anjos.

— Olha, Manuel, escuta: já canta!

Effectivamente um gallo cantava. Era o signal de partida.

— Adeus, meu amor!

— Adeus, Manuel!

E Luiza lá ia descalça, para que os passos não fossem despertar alguém no casarão silencioso; elle lá seguia, sob o tecto negro e agoi-reiro da noite, por onde o não enxergassem, palmilhando os caminhos da serra, onde só os pegureiros passavam.

Mas o inverno apertava. Certa noite elle disse-lhe:

— Queres tu fugir comigo, Luiza? Vamos p'ra longe, casamos, seja o que Deus quizer!

Ella mordeu o beijo, linda, scismando, os olhos como espantados num grande sonho.

— Queres, amanhã, pois queres, Luiza? Eu venho mais cedo...

Ella receava. Sentia o peito oppresso, as mãos gelavam-lhe de commoção...

Elle tomou-lh'as, com uma grande bondade carinhosa:

— Então queres, Luiza? Pois fugimos?

Afinal combinaram. Iriam para o Azinhal, que era distante: lá tinha elle um casebre que o avô lhe deixara: haveria um grande lume. Casariam, seriam felizes. O padrinho d'elle, o abbade, havia de interceder e apiedar o pae...

— Pois sim, Manuel, pois sim!...

E elle abalou, por essa noite gelida e clara. Ia quasi offegante, radioso, como os que vão para os sonhos d'amor.

Aquelle idyllio, aquellas horas de emoção tão suave, as travessias nocturnas nos barrocaes da serra, enchiam-lhe o coração dum amor forte e poetico, como se a lua do monte lh'o tocasse de belleza.

Pelo caminho, conchegando o capote, ao tremer azulado dos astros, Manuel suspirava pelo dia nascente, para ir preparar o seu ninho no Azinhal. Oh! como Luiza era boa, que tudo abandonava por elle! Como a luz dos seus olhos era abençoada e clara, que ainda nas noites mais negras todo aquelle caminho lhe alumiaava!...

Ao pintar do dia Manuel correu ao Azinhal, e levava no peito mais aurora do que a que vinha alumiaando o ceu. Se dormiu? Quem é que dorme, aos vinte annos, nesse esplendor romantico da vida! O coração é então como as flores que se abrem só ao brilho da lua... Tudo é sonho!

O padrinho, velho abbade risonho e athletico, que militára na Patuleia, prometteu carinhoso interessar-se. Sorriu-se, não teve assomos de rigidez ascetica; conhecia que a vida era uma grande hossana d'amor, um excelso

e harmonioso cantico de seivas. Os seus cabellos raros tinham encanecido a esse fulgor do sol, que tem para a natureza o beijo augusto e casto, que sempre faz florir a terra namorada.

— Elle fallaria ao pae de Luiza. Elle os casaria... E que tivessem filhos, para honra e gloria d'aquella raça forte!

Manuel exultava. Afinal a sua felicidade viria, tão anciada e linda, quando a noite estendesse o seu largo veu nupcial d'estrellas... Ah! se chegasse a tarde! Os crepusculos de inverno eram rapidos e mal doirados; as noites frias e vagarosas. Mas o seu futuro todo se enchia de oiro refulgente, e até o inverno da vida é passageiro, se acaso o amor o embala.



— ENTÃO, QUERES LUIZA? POIS FUGIMOS?

Quando o sol se atufou, p'ra lá das serras, cabeça fulva e ensanguentada dum heroe que degolaram, o namorado sentiu, naquella hora vespéral e elegiaca, uma expansão de jubilo suavissimo — que era o aroma das rosas encantadas, que abriam na sua alma...

*

* *

Noite velha, Luiza foi, pé ante pé, para o telheiro. Levava a respiração suffocada, o coração batia-lhe rijamente. Tinha os olhos mais

brilhantes, o rosto parecia de cêra. Tremula, mal segurava na mão a trouxa com alguma roupa e o seu oiro...

Mas ao apendre ainda não chegára o noivo. Esperou anciada. O frio cortava, e a neve caía em flocos, que se esfarpavam ao luar. Ella conchegava a capa, espiava os campos e o caminho solitario.

Ninguém! Como custa esperar por quem se adora! Ao longe ouviu um tiro, que echoou longamente nas serras, — para ficarem depois mais silenciosas. Jesus! toda ella tremia, á lembrança de que fosse Manuel. Uma ideia cruciante de morte suffocou-a; de assustada, os seus doirados cabellos ergueram-se. Olhava a noite, afflicta: a paizagem azulava-se ao luar frio, a neve ia caindo semelhante a nebulosas desfeitas... Luiza, os labios entreabertos, olhos quêdos e extaticos, esperava. Ninguém! Ninguém vinha! A noite continuava imperturbavel, branca e algida como o marmore dos tumulos. Tudo jazia numa quietação immensa; apenas os astros tremiam como vagalumes, e a neve caía em polvilhos e em flores...

Á magua súbita, succedeu-se uma ventura que quasi a embalava, porque os namorados andam em nuvens d'oiro, e parece que ainda aspiram aquella flor da lenda, com cujo perfume não havia ninguem que não sonhasse!... Manuel não tardaria! Já os gallos, velhos arautos do sol, tinham cantado — e Luiza sentou-se, olhando com receio de ser alli surpresa, prestando o ouvido ao ruido mais vago. Estava linda, dum pallor mais gelado, com o cabello mais d'oiro, que apparecia em madeixas debaixo do grande lenço de merino. Assim se quedou uns instantes, scismando nas horas amoraveis que alli passára, ouvindo Manuel

fallar da sua ventura. Sempre a ventura a acariciá-la e a envolvê-la!...

Desde essa romaria a St.^a Angelica que o seu amor sempre fôra crescendo, como estranha rosa feita de fogo e luz... Depois vieram tristezas — mas tristezas d'amor são venturas. Senhor, mas como elle tardava! Se elle viesse depressa, para fugirem depressa, sob o luar nupcial e sob a neve, que lhes viria do ceu como os confeitos e a missanga das bodas!...

E Manuel não vinha! A noite arrastava-se longa, presaga, algente. Luiza gelava, a tremer, embrulhada na capa; a mão já mal podia tactear a trouxa com o seu oiro. Outro gallo cucuritava, metallico, no ar gelado. Jesus, Jesus, que tarde!

Então uns uivos vieram da serra... De repente Luiza ergueu-se, sacudida, com um terror que lhe mortificava e lhe vincava o rosto. O peito arquejou, numa onda de summa afflicção, que lhe encheu os olhos de agua. Teve um presentimento pavoroso — e ficou numa postura de afflicção tamanha, que a bocca abriu-se-lhe num espasmo de estertor. Cambaleante, como ebria, as pernas a quebrarem-se, foi de novo espreitar a serrania e a noite: e tudo lhe pareceu, mais do que nunca, um cemiterio enorme. E não ha outro maior, bem ao certo, que aquelle onde se afundam, para sempre, as nossas illusões, o nosso sonho!

*

Quando procuraram no monte o cadaver de Manuel, não o encontraram. Apenas lhe appareceram as sapatas ferradas. A alcateia devorou-o na noite do noivado. Ao luar phantastico, como havia de ter sido espectral e pavorosa a apparição dos lobos!

Elles vieram decerto descendo as fragas, co-



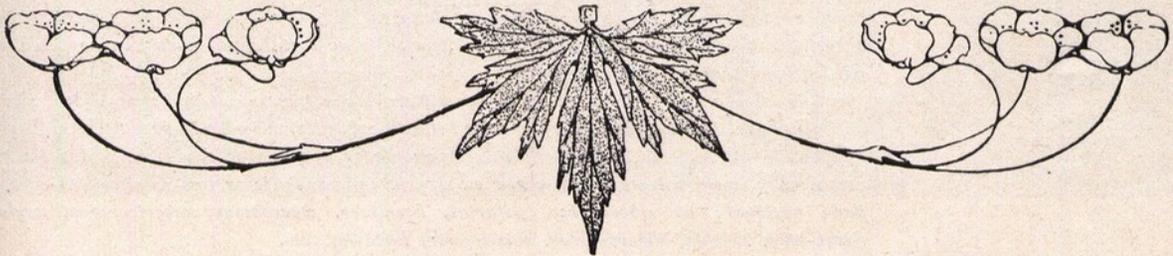
vardes, acompanhando de vagar a presa, como quem não tem pressa do repasto cubiçado. Outros foram correndo amarellados, com o pêlo hirsuto — e assentaram-se sarcásticos, de oreilha fita, como inquisidores que se comprazem na tortura das victimas. Depois foram apertando o circulo de morte; e quando a fome é negra, não ha treguas: é prodigiosa a elasticidade d'estas feras no assalto, quando as guelas vermelhas se escancaram, e se fincam as garras como laminas de ferro.

Manuel disparára um tiro, que perdeu. E a noite a desfolhar-lhe estrellas sobre os sonhos!...

Talvez que as suas ultimas palavras fossem o adeus a Luiza. Sabem-no apenas as rochas e a neve d'esses montes. . .

Luiza pouco sobreviveu áquella morte Transfigurou-se, livida, semelhante ás donzelas que se erguem dos esquifes, pelas noites de ballada mortuaria, com grinaldas já murchas nos cabellos revoltos. Eu ainda a vi doida, atirando ramos de murta e flores ás diligencias que passavam na estrada... Lembro-me sempre d'ella! Tinha os olhos enormes, cheios duma grande tristeza de lua e de morte — como a da noite pavorosa. E ainda me fico a scismar na santa rapariga, que eu vi tam linda na romaria de Santa Angelica, e no esbelto rapaz desventurado — que nasceu para ser ferido dos soldados, e devorado pelos lobos!...

JULIO BRANDÃO.



O Chapeu Alto

Entre o trigo que o sol cora
Vae cumprindo o seu destino,
Foi tão imponente outr'ora
Hoje é triste. . . pequenino!

Numa canna, a baloiçar
Ao vento mau, desabrido,
Elle faz afugentar
O passaredo atrevido.

Tão velho, tão desgraçado,
Não tem outra serventia,
O chapeu alto, coitado,
Que tanto resplandecia! . . .

Muita gente, quando passa,
Alegre, pelo caminho,
Sem dô d'aquella desgraça,
Põe-se a rir do pobrezinho!

E, na canna baloiçando,
Ao vento mau, desabrido,
O chapeu vae-se rasgando,
Tão velho e tão perseguido. . .

Nesse triste captiveiro,
O chapeu alto, infeliz,
Faz lembrar um prisioneiro
Bem longe do seu paiz!

Julio Baptista Ripado



Protecção aos Desvalidos

Quadros fugitivos da acção caritativa da bôa e generosa
alma portugueza

Os Cegos

Honra-nos o Sr. Victor Ribeiro, illustre chronista dos institutos caridosos de Portugal e já vantajosamente conhecido dos leitores dos «Serões» pela bella monographia sobre D. Frei Caetano Brandão, com uma serie de artigos, subordinados ao titulo significativo «Protecção aos desvalidos».

São elles a condensação, em quadros pittorescos e interessantes, do vasto trabalho a que o benemerito escriptor applica as suas bellas faculdades, sob o titulo de Historia da Beneficencia Portugueza, e no qual minuetosamente se estudam os varios institutos em que desde os primeiros tempos da nossa existencia independente se tem manifestado a caridade nacional: as albergarias, gafarias, hospitaes, mercearias, misericordias, asylos, casas-pias, erêches, dispensarios, manicomios, lactarios, etc.

O primeiro d'esses artigos é o que começamos a publicar, tendo por assumpto Os Cegos e resumindo nitidamente a historia de quanto a caridade publica e particular tem feito em Portugal a favor d'esses infelizes, privados do mais portentoso meio de conhecimentos que ao homem doou a natureza.

É um drama pungente, de lueta contra o destino adverso, empenhado por grandes corações; drama desenrolando-se atravez das paginas da historia, cheio de peripecias pungentes e de façanhas consoladoras, até terminar nos admiraveis institutos em que a sciencia humana suppre, o melhor que é possível, com admiravel tenacidade, as deficiencias fataes dos desvalidos de luz.

Dá uma triste actualidade a este assumpto o fallecimento recente de um dos mais devotados apostolos d'esta cruzada em Portugal, o Dr. Aniceto Mascará, ferido em pleno exercicio da sua actividade scientifica.

Pela exposição do Sr. Victor Ribeiro se verá quanto o nosso paiz, e em particular os cegos portuguezes, devem a este medico eminente.



Os cegos! Triste legião de seres a quem a mais horri-vel e miseranda de todas as anormalidades organicas afflige, restringindo-lhes o ineffavel prazer de coope-

rar na actividade geral humana, limitando-lhes o campo e os processos da observação directa, infelizes a quem não é dado vêr seus proprios filhos, parentes e amigos, nem contemplar o vasto e vivificante panorama da terra e dos mares, nem sequer admirar a luz do astro brilhante do dia, que tudo aviventa e anima!

O preconceito antigo, filho da ignorancia, suppunha-os incapazes para o trabalho, e assim

os acorrentava fóra de todo o contacto social, mergulhados em profundo desconhecimento da vida humana, sem procurar aproveitar-lhes as naturaes aptidões, que em alguns excedem e muito as faculdades creadoras dos videntes.

Eram os pobres cegos, no dizer significativo de Blacklock, *prisioneiros do mundo*, reclusos n'um isolamento lamentavel, avolumando com o seu spectaculo, que apiedava os animos mais crús, a grossa legião dos mendicantes.

Comtudo observações curiosas demonstraram, repetidas vezes, a inanidade d'este preconceito antigo, que inda ao presente impera nas



MILTON DICTANDO O «PARAIZO PERDIDO» A SUAS FILHAS

Quadro do celebre pintor hungaro Munckacsy

populações menos cultas. Aponta-nos a historia humana, os nomes de grandes cegos, cujo talento irrompe violentamente, quebrando essas cadêas, e irradia em manifestações de sociabilização da sua actividade, na vida universal.

A arte, a musica, a poesia ornecem-nos os mais brilhantes exemplos. Homero, nome que significa — o *cego* — após as suas peregrinações cegou, diz-nos a sua biographia lendaria, e para conquistar o pão cantava mendigando de terra em terra, como os rhapsodas, recitando trechos dos seus immorredouros poemas, em troca da esmola e da hospitalidade. E cego, abriu escolas em Chios, onde ensinava os videntes, e de onde se espalhou a fama do seu talento e das suas obras.

A litteratura celebrou o factu e outros analogos. Victor Hugo n'uma carta escripta em 1842 a Castilho dizia-lhe :

Chante ! Milton chantait ; chante ! Homère a chanté
Le poëte des sens perce la triste brume ;
L'aveugle voit dans l'ombre un monde de clarté.
Quand l'œil du corps s'éteint, l'œil de l'esprit s'allume.

André Chénier, o desditoso poeta, traduziu nos mais sentidos versos a desventura de Ho-

mero, assumpto do formosissimo poema que intitulou — *O cego*.

Milton perdeu subitamente a vista e assim se completou o quadro dos seus infortunios, apenas minorados pela ternura de sua filha Debora, que o amparava e auxiliava como a lendaria filha de Oedipo. Exemplo analogo nos offerece a vida do cego poeta Ossian, amparando-se na extrema dedicação de sua filha Malvina.

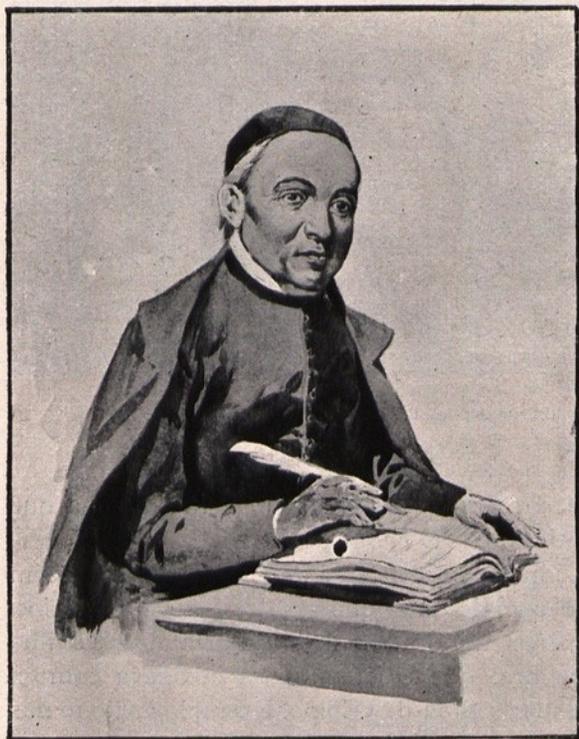
Regista a historia nomes de alguns egregios professores de faculdades como Dydimio, Doutor da egreja, cego desde os quatro annos, que ensinou philosophia no Egypto no seculo iv ; como Nicasio de Malinas, professor de Direito canonico e civil em Colonia, e mais recentemente, na Inglaterra, os celebres Moyses e Sanderson, professor da Universidade de Cambridge (seculo xvii).

Ainda em nossos dias muitos cegos illustres deixaram seus nomes assignalados. Citemos Maurice de la Sizeranne e o professor excursionista e alpinista arrojado Guilbeaud ; o escultor Vidal, mestre de modelagem, e o insigne John Marchant Mundy, dos Estados Unidos, auctor de uma estatua de Washington Irving.

O celebre Jacques Arago, tão conhecido

pelas suas viagens á roda do mundo, após a travessia do Sahará cegou, nos ultimos dias da vida, e então em Lisboa conheceu Castilho, com o qual entabolou as mais estreitas relações de amizade.

Cultivavam ambos a poesia. Castilho, — o *rei das canções*, — como lhe chamava Herculano, — *O poeta das creanças, das flôres, do amor, da melancholia e dos desgraçados*, — como lhe chamou Camillo, sem vista desde os seis annos, mostrou bem quanto pode a educação espontanea de um cego, tornando-se egregio



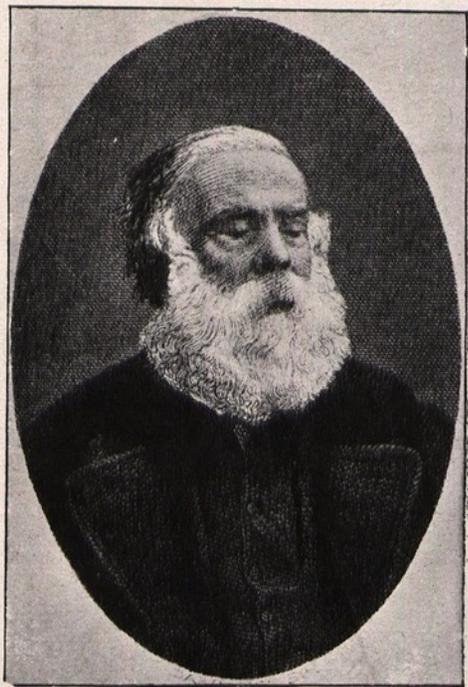
PADRE THEODORO DE ALMEIDA
Inventor das cartas em relevo

cultor das musas, conhecedor das linguas grega e latina e dos idiomas modernos, que manuseava a primor, e até, inventando um methodo de ensino para videntes, methodo de que foi o mais strenuo apostolo, e simultaneamente o evangelizador da Instrucção e do Progresso.

N'uma carta que lhe endereçou dizia Victor Hugo — «*Os cegos não tem vista porque irradiam luz*».

E quantos outros casos de cegueira, torturando alguns dos nossos homens mais eminentes poderia eu apontar aqui!

Cegaram os dois grandes artistas Alexandre Giusti e Machado de Castro, como em meio da sua brilhante carreira artistica cegou o grande actor José Carlos dos Santos. Camillo



ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO

Castello Branco, nos ultimos dias da vida cegára. Conta-o elle nas *Nosltalgias* :

Serra saudosa, eu te lego
Estas trovas que compuz,
Vêr-te? Não mais; estou cego,
E tu tão cheia de luz !...



VALENTIN HAÜY
Iniciador em França do ensino dos cegos.
(Fallecido em 1822)

O sol immenso que accende
Milhões de mundos sem fim,
De tantos raios que esplende,
Não tem um só para mim!

Apagado é tudo! Resta
Esconder de pranto o pejo;

.....

lente amigo, como Ossian e como Milton, achou a mitigar-lhe as amarguras da mesma cruel enfermidade, o auxilio sublime de ternura, de sua filha, intelligente e dedicadissima collaboradora nos trabalhos litterarios, com que, em incansavel afan, continúa dia a dia a enriquecer as lettras patrias.

O erudito academico e bibliothecario Antonio Ribeiro dos Santos, ao cabo de uma longa vida de trabalhos litterarios e scientificos, morreu cego em 1818, aos 73 annos, a despeito dos esforços tentados pela medicina para o salvar.

Mais notavel é o caso do desditoso poeta Thomaz Antonio dos Santos e Silva, grande amigo de Bocage, o qual cego desde os 48 annos, é acolhido primeiro com carinho excepcional, por fim caiu de miseria em miseria até morrer esquecido no fundo de uma enfermaria de indigentes, em 1816, sem achar sequer amanuenses que podessem interpretar com correcção as producções constantes do seu estro, d'entre as quaes ficou celebre para sempre a *Brasiliada*.

À parte exemplos isolados e raros, entre os quaes se aponta o da protecção que Carlos Magno, em 805, manifestou em favor dos cegos, pode dizer-se que a verdadeira cruzada de amparo a estes infelizes foi iniciada em França pelo rei S. Luiz, que em 1254 fundou em Paris o asylo dos *Quinze-Vingts*, destinado a receber 300 asylados, asylo que inda

hoje existe, e do qual recebem protecção cerca de 2 000 cegos indigentes externos.

Ao mesmo tempo varias congregações religiosas fundavam hospitaes para cegos em Angers, em Ruão, em Caen, em Chalons, em Orleans e em Chartres, onde existia uma commnidade de cegos denominada dos *Six-Vingts*.



O POBRE RABEQUISTA

Quadro e gravura de José Rodrigues (1854)

O eminente zoologo, gloria das sciencias portuguezas, sr. dr. Barbosa du Bocage teve no fim da sua vida gloriosa de trabalho, a triste e fatal cegueira a entenebrecer-lhe a alegria dos seus incomparaveis serviços; e o douto e acrisolado investigador da historia portugueza, o sr. dr. Sousa Viterbo, meu illustre e excel-

No seculo xvi os institutos de enfermagem de S. João de Deus abrigavam, como ainda hoje abrigam, os cegos conjunctamente com outros anormaes e enfermos.

Em França nasceu tambem, seculos depois, em 1745 o benemerito Valentim Haüy (irmão do famoso mineralogista do mesmo appellido) o qual antes de 1800 concebeu a idéa de ensinar alguns mendigos cegos de Paris a ler e escrever por meio de livros impressos em relevo, ensinando-lhes por este processo, aliás simples, a musica e a geographia.

Não que antes d'elle se não tivessem feito diligencias para ensinar os cegos, quer por meio de letras moveis, em relevo, como o cego Du Puisseaux, de que nos fala Diderot, quer por meio de letras formadas pelas picadas de um alfinete. Haüy, observando que uma tolha impressa de fresco conservava o relevo das letras pelo reverso, mandou fazer em 1783 caractéres especiaes invertidos, com os quaes tirava exemplares em papel humedecido. Foi esta a primeira origem da *typographia dos cegos*.

A fama deste miraculoso ensino rompeu as fronteiras e Valentim Haüy, sollicitado pelos governos da Prussia e da Russia, acceitou o encargo de ir a S. Petersburgo e a Berlim estabelecer escolas e, regressando a Paris dirigiu allí os primeiros cursos de cegos, até á sua morte, em 1822, tendo fundado em 1791 o *Instituto Nacional de creanças cegas*.

Era rudimentar e imperfeito o systema de Haüy. Pouco antes, em 1774, o nosso oratoriano P.^o Theodoro d'Almeida, emigrado em Paris para fugir ás iras do Marquez de Pombal, e vivendo allí do ensino particular, preconisava em epistola ao sabio dr. Antonio Nunes Ribeiro Sanches umas cartas geographicas de madeira,



CEGO VENDENDO FOLHINHAS, REPERTORIOS E REZAS
Lithographia n.º 7 do Album de Costumes Portuguezes

que elle inventára ou copiára em França, para ensino dos cegos.

Logo depois surgiram os aperfeiçoadores. Lançou bases fundamentaes do ensino o official de artilharia Carlos Barbier, francez, que se immortalizou pelo invento de uma notação dos sons e articulações, por meio de pontos em relevo. Este invento foi de importancia capital.

Luiz Braille (1809 — 1852), cego desde os tres annos, discipulo da escola de Haüy, imaginou um alfabeto especial para os cegos, aproveitando o processo de escripta de Barbier, e eternizou-se principalmente pela sua admiravel musicographia.

No campo da litteratura a cruzada do ensino

dos cegos tinha naquelle tempo defensores de elevada cotação intellectual. Diderot escreveu a sua — *Carta aos cegos para uso dos videntes*, e Chénier publicava o seu encantador poema.

Na pratica iniciou o apostolado o benemerito Haüy. E como lhe acudiu ao espirito tão generosa idéa?

Digamol-o.

Assistia em 1771 a um espectáculo na feira de Santo Ovidio; o que viu causou-lhe tão profunda impressão que desde logo pensou a serio na educação intellectual e professional dos cegos.

Naquella barraca de feira ignobeis saltimbancos exploravam alguns desventurados cegos, mascarando-os de uma maneira irrisoria, e pondo-lhes deante estantes com musicas, faziam-os executar trechos horrisonos e extravagantes. O publico ria e escarnecia alvarmente da ignorancia dos cegos, para cumulo de ridiculo encarapuçados com grandes orelhas de burro.

Foram sempre, e ainda hoje isto succede, os desgraçados cegos objecto da especulação ignobil de farçantes que procuram auferir vantagens pela exhibição de infortunios, para incentivo ao obulo com que almas compassivas facilmente lhes acodem.

O generoso Haüy pensou logo em promover a regeneração social daquelles desprotegidos, habilitando-os a poderem impor-se pela sua educação artistica e professional, e até mesmo a cooperar efficaamente na vida da Humanidade.

Os esforços de Valentim Haüy foram coroados do melhor exito.

O methodo de ensino que Haüy iniciára, foi examinado em 1785 por uma commissão composta por Desmarests-Demours, Vicq-d'Azir e duque de la Rochefocault, a qual deu parecer

favoravel, e perante elle a Academia resolveu dar a sua approvação ao methodo inventado por Haüy (1).

No dia de Natal do mesmo anno de 1785 o rei Luiz XVI quiz verificar pessoalmente e com toda a sua côrte, os progressos dos alumnos de Haüy, os quaes em numero de 24, exhibiram exercicios de leitura, de escripta, de calculo, de geographia, de trabalhos manuaes, de canto e de musica.

Esta sessão conquistou á causa dos cegos protectores illustres, como Necker, Lafayette e Bailly. A revolução de 1789 decretou uma verba para a manutenção dos mestres e dos alumnos.

Começaram desde logo a fundar-se os institutos de cegos de Edimburgo, de Londres, de Boston, de New-York, de Philadelphia, de Munich, de Milão, etc.

Do Instituto Nacional dos Cegos, de Paris foram saindo discipulos, alguns dos quaes levaram a outros paizes o methodo de ensino de Braille, com o qual foram educados, tornando-se por vezes seus fanaticos apologistas, refractarios ás innovações e aperfeiçoamentos successivos com que outros dedicados tiphologos teem procurado elevar o ensino dos cegos

O cego brasileiro José Alvares de Azevedo, alli educado, regressou á patria em 1853 e sabendo que o dr. José Francisco Xavier Sigaud, medico do Paço Imperial, tinha uma filha cega,



O CEGO PEDINTE

Desenho de Nogueira da Silva, gravura de Coelho.

(1) Haüy pobre e doente acolheu-se á protecção e amparo de seu irmão o celebre René Just Haüy, eminente mineralogista, fundador da *crystallographia*, cujo retrato já dei a publico no meu livro *A Terra e o Homem* pag. 103. Vidé esta obra, que constitue o vol. VI da edição portugueza das *Maravilhas da Natureza*. Lisboa. Empr. Edit. da Historia de Portugal — 1905.

offereceu-se para lhe ministrar o ensino pelos processos que aprendera em Paris.

Interessou-se pelo caso o sapiente monarcha o imperador D. Pedro II, e logo determinou a fundação do *Imperial Instituto dos Meninos Cegos*, inaugurado em 17 de Setembro de 1854.

Alvares de Azevedo, fallecido aos 19 annos,

da bondade natural e espontanea do povo sempre solícito a minorar a sorte destes desvalidos. Esta atmospherá de amparo, de conforto, de auxilio vale bem todo e qualquer outro ensino.

Escolas, asylos, processos de educação litteraria não existiam para os cegos, e comtudo quantos conseguiam obtel-a, pelo auxilio dos



CONDESSA DE RIO MAIOR
Fallecida em 1890

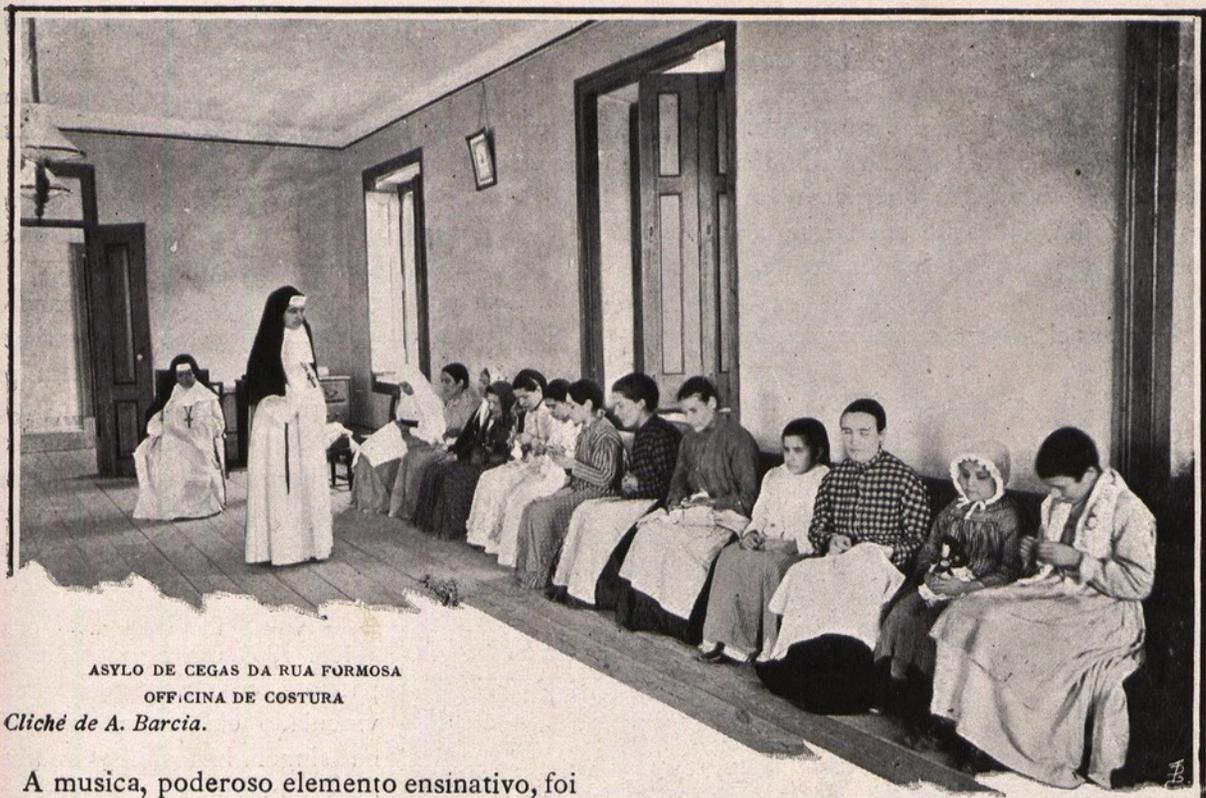
não chegou a vêr fructificar a sua obra. A sua discipula Adelia Sigaud foi no novo instituto a primeira professora, e seu pai o primeiro director.

A memoria deste acha-se alli perpetuada por um magnifico busto de marmore collocado no salão de honra do magnifico edificio onde presentemente está installado o Instituto.

Em Portugal, como no Brasil, os cegos eram protegidos geralmente pela acção caritativa

irmãos, dos parentes, dos amigos! Castilho tornou bem frisante a possibilidade deste ensino valedor; e quantos outros, privados da celebridade do illustre poeta, constituirão exemplos desconhecidos de mais limitada educação litteraria!

Regista-se com louvor a proposta, caida no olvido, do deputado brasileiro Cornelio Ferreira França, que em 1835 pedia a criação de cadeiras de ensino para cegos e surdos-mudos.



ASYLO DE CEGAS DA RUA FORMOSA
OFFICINA DE COSTURA

Cliché de A. Barcia.

A musica, poderoso elemento ensinativo, foi sempre um recurso vulgar. O cego, em todos os tempos, toca e canta, e assim, menestrel ambulante, vai de terra em terra, calcando o pó das estradas, conquistando o pão e a pousada, a troco dos cantares sentidos que entôa com o acompanhamento da viola. *O cego da viola* é um dos typos populares característicos da nossa terra, do qual ainda se observam exemplares interessantes nas festas das aldeias.

Outra usança igualmente curiosa nos revela a protecção e estima que esta classe de desditosos soube sempre conquistar da alma generosa e bôa do povo portuguez.

Vejamus este quadro emocionante da Lisboa antiga:

Grupavam-se os cegos da capital em irmandade, sob a invocação do *Santissimo Nome de Jesus, dos homens papelistas e rezadores, sita na velha parochial egreja de S. Jorge*. Fôralhes concedida por seu compromisso, que devia datar de 1600, uma curiosa e interessante prerogativa.

Consistia esta no privilegio, muitas vezes confirmado por Provisões regias, desde D. João v até D. João vi, de venderem pelas ruas e em sitios para este fim designados pelos usos camararios e populares da cidade, as *folhinhas, os papeis volantes noticiosos*, com os quaes se pascia a curiosidade ingenua do bom povo da capital, naquelles tempos em que não surgira ainda a *gazeta* regularmente publicada.

Mesmo depois, a par com essas folhas de

noticiario escasso e sobrio, o povo acolhia com agrado os noticiarios volantes, ainda hoje representados nas folhas avulsas, em que se relatam em prosa ou verso os crimès de sensação.

Existe ainda na Bibliotheca Nacional de Lisboa um livro manuscripto, onde se contem muitos documentos curiosos relativos a este privilegio dos cegos de Lisboa. Comprou-o a Bibliotheca em 1867 ao livreiro Mathias José Marques da Silva; o livro pertencera ao antigo livreiro da Rua do Ouro, o cego Manuel Marques da Silva, ultimo secretario da irmandade, a qual successivamente esteve em S. Jorge, em Santa Barbara e em S. Martinho.

Pelas Provisões regias de 1735 (22 de Dezembro), de 1756 (5 de Janeiro), de 1749 (7 de Janeiro), de 1751 (4 de Março), e outras se concedia aos cegos da irmandade o exclusivo direito da venda, dentro do Patriarchado, de folhinhas, historias, relações, reportorios, comedias portuguezas e castelhanas, e outros papeis avulsos. De 1777 em deante, se lhes restringiu este direito á venda de livros de *quarto* para baixo e de livros usados; e em 1825 se lhes concedia a impressão, reimpressão e venda de noticias tiradas das gazetas, mas só um dia depois da publicação official.

Sahiam pois os cegos pelas ruas, com seu moço ou seu cão, rezando alto pelas portas, pedindo esmola e apregoando em cantilena as noticias mais sensacionaes,—ou armavam tenda

e mantinham usual armario e cordel em certos sitios da cidade, como no Terreiro do Paço, no adro da velha igreja da Misericórdia, no Pelourinho ou sob os arcos do Rocio.

Alli expunham á venda os folhetos e livros, suspensos em cordeis que passavam por dentro das folhas entreabertas. Deste uso vinha a locução popular, desdenhosa, de *livros de cordel*.

Havia as chamadas *comedias de cordel*, vendi-

ASYLO DE CEGAS DA RUA FORMOSA



CASA CHAMADA DA PAIXÃO

das desta sorte pelos cégos, como as do afamado Nicolau Luiz e de muitos outros.

A industria era, ao que parece rendosa, e os cegos tiveram por vezes que lutar com a ganancia dos commerciantes.

Os cegos rezadores fôram ainda até fim do seculo XVIII e principios do XIX uma revivescencia do antiquissimo uso que aproveitava os cegos como rezadores nos templos, e depois como sacerdotes. Na nave majestosa de Notre Dame alguns cegos, ornados com uma flor de liz, deslizavam por entre os fiéis, durante os officios, a indicar o santo do dia, e recitando orações. Conserva-se inda viva a tradição dos sacerdotes cegos que dizem a *Missa da Virgem* de memoria, e no recente congresso de Edimburgo (1905) appareceu um padre cego, abençoando com as formulas rituaes, a obra d'aquella memoravel assemblêa.

Estes privilegios curiosos mostram-nos uma

das mil manifestações do carinho com que o povo portuguez acudiu sempre aos desditosos cegos. Póde quasi affirmar-se que nunca em Portugal cego algum teve a lutar duramente com dolorosas privações.

Onde quer que appareça um cego logo o povo generoso e bom reparte com elle o seu pão, e lhe dá guarida caridosa.

Com o andar do tempo esta caridade concretizou-se nos asylos e hospicios, sequestrando os cegos indigentes á miseria, procurando educar os menores, é certo, mas privando-os da liberdade, da sociabilidade, da convivencia na lucta da vida, em que se gera as mais das vezes, o elemento poderoso da educação espontanea.

Em 1863 um bondoso compatriota, cujo nome deve ficar vinculado em letras de ouro na singela historia das dedicações humanitarias da patria por-



UM GRUPO DE CEGAS

Clichés de A. Barcia.

tugueza, o dr. João Diogo Juzarte de Sequeira Sameiro, natural de Castello de Vide, a patria formosa de Mousinho da Silveira, fundou alli, no antigo convento de recolêtos, o *Asylo de Nossa Senhora da Esperança*, que se inaugurou com 4 cegos 2 e cegas.

Atribulado pela propria cegueira, pela de alguns de seus irmãos, e pela morte de tres filhos, o instituidor dedicou-se de coração ao venerando instituto, que creou com tanto amor, e morrendo legou-lhe valiosa fortuna.



ASYLO DE CEGAS DA RUA FORMOSA
O REFEITORIO

(Cliché de A. Barcia)

Vergonhosos pleitos disputaram a dotação do Asylo; mas vencidos por fim, este persistiu, dando apenas aos asylados o pão e o amparo de seus dias. Só muito depois o regente padre Diniz Porto introduziu no estabelecimento o ensino dos cegos, coadjuvado pelo professor Manuel Diogo Coelho e pelo medico Antonio José Repenicado.

Estabeleceu-se alli o ensino profissional e o ensino musical, e com elles a alegria no coração dos pobres reclusos. Tristeza infinda! sobre a cegueira a reclusão, o isolamento!

A banda dos alumnos cegos do Asylo de Castello de Vide apresentou-se em 1897 na Exposição do Palacio de Crystal do Porto, e em 1898 no cortejo civico, realizado em Lisboa, pelo Centenario da India, tocando algumas noites na Feira Franca, na Exposição da Imprensa e na Explanada Jansen.

Tambem na Casa Pia, onde em tempo o terrivel mal das ophthalmias, ia causando a cegueira de muitos asylados obrigou a pensar no ensino d'aquelles infelizes, a piedade de um dos membros da commissão admistrativa, Victor Jorge, determinou antes de 1841 a organização da celebre *banda dos cegos da Casa Pia*, que tão grande popularidade veiu a adquirir na capital tocando na praça dos

touros e em muitos arraiaes e festas populares. Ainda hoje existem alguns dos cegos que constituíram aquella popularissima banda.

Proseguiram os exemplos de caridosa benignidade com os cegos. Uma senhora illustre, tão intelligente como bondosa, a senhora Condessa de Rio Maior, D. Isabel de Souza Botelho, condoída da sorte das infelizes creanças cegas, pensou em estabelecer, sob o patrocínio da *Associação de Nossa Senhora Consoladora dos Afflictos* um asylo de creanças cegas do sexo feminino, o qual se fundou em 1878, no antigo convento de Carmelitas da rua Formosa, com entrada pela rua dos Cardaes (hoje de Eduardo Coelho) n.º 1, abrindo apenas com 7 asyladas. Esta illustre senhora, mãe do celebre Provedor da Misericórdia de Lisboa, o Marquez de Rio Maior, Antonio, repartia por outros institutos de caridade os thesouros inexauriveis da sua alma e os fartos donativos do seu bolsinho. E' mais um nome a juntar á galeria, ainda muito incompleta, dos grandes bemfeitores da miseria publica!

Estas rapariguinhas cegas, apenas aprendem a tocar e a cantar nas festas da sua capella. E apesar d'isso tem-se manifestado alli curiosos exemplos da poderosa educação espontanea, ou *auto-educação*, dos quaes é digno de mencionar-se o da intelligentissima asylada de nome Virgilia a qual tendo frequentado

no Asylo Maria Pia as aulas de ensino commum, a par dos outros alumnos videntes, se tornou conhecida pelas suas excepçoes aptidões, por quantos se interessam por estes assumptos da reabilitação social dos cegos.

O edificio d'este asylo é o do antigo convento da severa ordem das carmelitas descalças O que foi o convento e a vida monacal das freiras, o que nós resta do antigo edificio, os bonitos claustros e a formosa igreja, largamente o descreve nas deliciosas paginas da *Lisboa antiga* (1.^a parte, 2.^a edição, tomo IV, pag. 203 a 237) o sr. Visconde de Castilho, meu illustre e muito prezado mestre e amigo. Ali se descreve em todas as minucias a capella cuja primorosa reprodução photographica offerecemos aos leitores



ASYLO DE CEGAS
DA RUA FORMOSA
O DORMITORIO
Cliché de A. Barcia.



Cliché de A. Barcia.

ASYLO DE CEGAS DA RUA FORMOSA — UM GRUPO DE CEGAS

segundo um cliché do sr. A. Barcia, collaborador artistico d'esta revista, que ali foi expressamente tirar este e os outros clichés relativos ao asylo, e cujas reproduções acompanham este artigo. Esta capella recommenda-se a visita do archeologo e do artista não só pela obra de talha e pelas pinturas, como principalmente pelos azulejos azues que revestem as paredes do templo, e que são como diz o sr. Visconde de Castilho, dos mais bellos e primorosos de Lisboa.

Teem ainda, para mais valor, a recommendal-os o facto estarem assignados pelo seu auctor J. Van Oort, de Amsterdam.

São portanto os mais bellos especimens dos azulejos hollandezes, que tão abundantemente se veem no nosso paiz.

Analogamente creou a irmandade de Nossa Senhora da Saude e S. Sebastião um pequeno asylo de S. Luiz, instituido por Maria Balbina dos Reis Pinto.

Tambem da celebração do IV Centenario da Misericordia Portuense em 1899, derivou a fundação de um grande asylo para cegos, devido á iniciativa brilhante do sabio e zeloso Provedor o dr. Paulo Marcelino. Destina-se o

novo asylo para 100 albergados, 50 de cada sexo. O edificio é expressamente construido para aquelle fim, e entre os donativos que se lhe destinam, sobreleva o de um caridoso anonymo, que offereceu á Santa Casaa elevada quantia de dez contos de reis.

Abriu o asylo com 5 cegos e ainda ao presente alberga apenas 6. O edificio está por concluir, mas numerosos legados, entre os quaes avulta o da fallecida D. Thereza de Jesus Gomes de Oliveira (1905), promettem-nos o seu acabamento. Esta benemerita senhora portuense, cujo retrato a Misericordia do Porto mandou pintar a oleo por Antonio Teixeira Carneiro Junior para a galeria dos seus benefeitores, e reproduziu no *Relatorio de 1904-1905*, entre grande numero de legados caritativos que deixou, testou para o asylo dos cegos o capital nominal de dez contos de reis em inscrições.

Todas estas tentativas se referem mais ou menos ao sympathico impulso da Caridade, mirando apenas a albergar os cegos desvalidos e proporcionando-lhes alimentos, casa, vestuario e limitado ensino.

(Conclue.)

VICTOR RIBEIRO.

A SOPINHA DA CARIDADE





*Episodio vulgar do eterno drama humano
O que hontem succedeu.*

Abre para o Oceano,

*Na costa alcantilada, amplissima bahia
É madrugada: a luz esverdeada e fria.
O mar, o immenso mar, em rithmo solemne,
Como um seio arquejante, arfa, murmura, geme;
A vaga que se empolla em branco a crista empluma,
E, na ressaca, alastra alvo estendal de espuma;
Mas outra vez se enrola e, em turbilhão, vidrenta,
Com languidez se esvae, ou tumida rebenta,
E nos calhaus da praia extensa e arenosa,
A espuma branca arrenda a trama luminosa.*

*
* *
*

*A meia encosta fica o misero logar;
Quasi que um arraial de gente só do mar,
É uma aldeiasita á beira d'um caminho.
Casas de taipa em barro, assim como é o ninho
Da andorinha. Quando aperta mais a inverna,
Cada cabana é fria e humida caverna.*

*Hontem gemu, e, nesta, nem cinzas no brazido
Se quer havia. A um canto, um grupo adormecido,
O pae sobre uma rêde e a mãe com os tres filhos
Em uma enxerga só. Miseria! Mas ha brilhos,
Imprevistos de luz, na casa onde ha creanças,
Porque jamais é noite onde existem esp'ranças.
Se nasce ao pobre um filho é mais um sol doirado.*

*Na parede sem cal, Jesus crucificado
Abre os braços na cruz. É uma ingenua escultura,
Obra de artista rude. Embora, essa figura,
— Oh espirito immortal do drama do calvario! —
Vista na casa onde habita um proletario,
Como que esparge em tudo a luminosa essencia
Dum resignado olhar, sublime de paciencia.*

*
* *

*Sôa fóra a buzina; ao chamamento antigo
Acorda o pescador; ergue-se; abre o postigo.
— «Com os diabos diz, lá me parece que este
«Ventinho môrno traz recados do sudoeste!
«Já hontem não foi bôa a côr da tremulina.
«O vento é certo á tarde e havemos tê-la fina!
«Não vou hoje pescar.»*

*— «Quando é que irás então?»
Rosnou de lá a mulher.*

*— «É grande a cerração.»
— «Pois eu nem oiço o mar»*

*— «Está como um azeite;
«Mas o tempo é do sul, não tardará que deite,
«Na volta da maré, desfeito temporal.
«A tempestade é certa »*

*E ella, teimando: — «Qual!
«Mau tempo é quando peixe ahi não apparece!»
— «Tambem.»*

*— «E o peor é se um de nós adoceç»
— «O comprimisso dá botica á marujama
E paga ao cirurgião.»*

— «Mas a dieta e a cama
 Quem é que no-la dá?»
 — «Por certo que não é
 O dono da armação»
 — «Lá esse, penso até
 «Que mais se affligirá se lhe ficar perdido
 «Um ferro nesse mar, do que se houver morrido
 «Um homem da campanha»
 — «É que um custa dinheiro,
 «E o outro não.»
 — «Olé! p'ra o rico está primeiro
 «Que tudo o seu dinheiro.»
 — «É como se Deus fôra!»
 — «Adora-o mais talvez do que nós á Senhora
 «Dos Navegantes, pois!»
 — «Gente rica.. coitada!»
 — «Coitado é quem não tem »
 — É quem não ganha nada;
 «Se pede esmola, diz-lhe a santa caridade :
 «Deus lhe perdõe, irmão, o ter necessidade ;
 «Se rouba é um ladrão, e mais tarde ou mais cedo
 «Irá então p'ra o mar, caminho do degrêdo.»
 — «E ás costas da mulher a filharada toda
 «Cá fica. Má ideia a de acabar co' a róda!
 «Aos filhos uma pobre assim, que ha de fazer,
 «Sem nada p'ra lhes dar?»
 — «Matá-los ou morrer.
 — «Pois olha que não ha uma só codea em casa...»

Filhos, filhos, Senhor! como da fragil aza
 A borboleta deixa, em nossas mãos, subtis
 Moleculas de côr, as graças infantis
 Nos corações dos paes deixam poeira d'astros
 E os paes p'r'a não perder caminharão de rastros!

O mar ia passando em furta-côr fugaz
 D'azul a côr de rosa, a côr que a aurora traz.
 — «Está bem! não vale a pena a gente guerrear,
 «Se em casa não ha pão, irei ceifa-lô ao mar.»

E o pescador partiu.

Pela porta entre-aberta,
 Na misera cabana entrava a luz incerta
 D'uma manhã tardia em cinza peneirada.
 A mãe aconchegou na enxerga a pequenada
 E foi-se a ver largar a lancha da campanha;
 Mas deu-lhe o coração uma pancada estranha.
 Lembrou-se então de Deus, balsamo e esperança
 Dos simples corações!

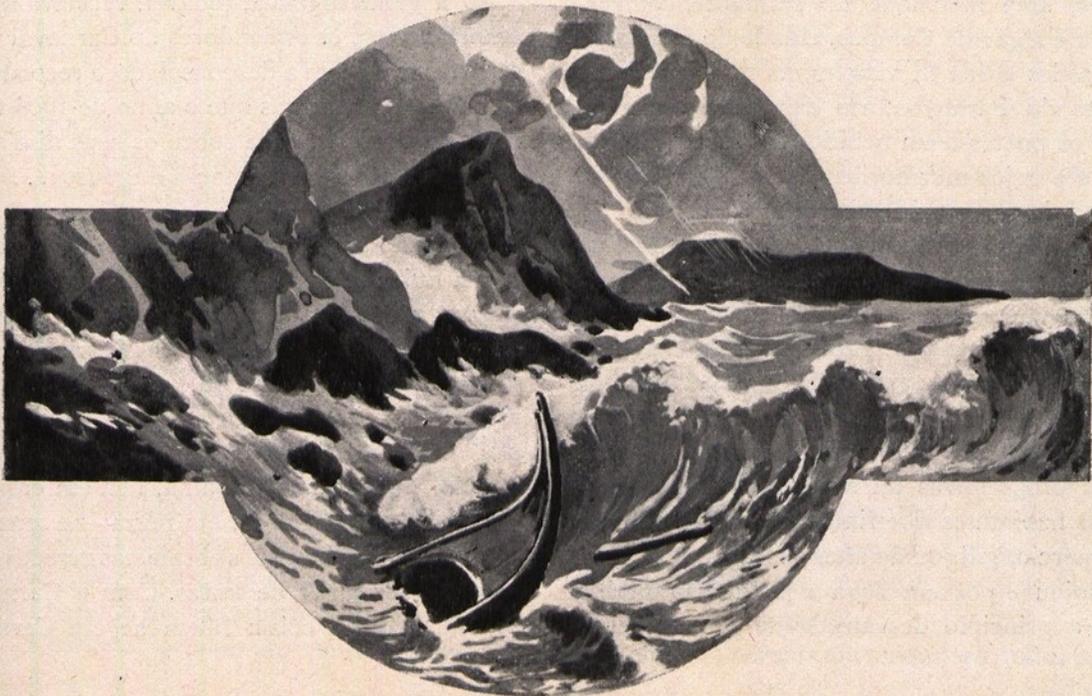
— «Senhora da Bonança,
 Reza baixinho, oh! mãe dos pobres navegantes
 Acudí aos que vão nas ondas inconstantes!...»

*
 * *

Á tarde rebentou com furia o vendaval.
 Rodando a sudoeste, o vento augmenta o mal,
 Pois junta á travessia os turbilhões da chuva.
 A lancha luctou muito, e já de manhã clara,
 Com avaria entrou no porto. O mar levára
 Um homem só. Ha mais tres orfãos e uma viuva.

Castello d'Arade
 15 de Fevereiro de 1904

COELHO DE CARVALHO.





O Carnaval no Rio de Janeiro



TEMIA-S- que a catastrophe inolvidavel do *Aquidaban* e outros desastres, menores quanto ao numero de victimas, mas, por tão proximos d'aquelle, de dolorosissimo effeito no espirito publico, estendessem sobre as festas do Carnaval uma sombra e um frio desanimadores. È que, desde o principio do anno, assistimos apavorados a uma serie de fatalidades, qual d'ellas mais cruel. Mal nos refizeramos do angustioso desespero de Jaquecanga, onde as aguas pacificas haviam tragado, com tão bravos e honrados chefes, uma mocidade tão brilhante, começavam a chegar de Campos, cidade do estado do Rio, a dez horas de viagem, as noticias da enchente do Parahyba, rio deleitoso e amado, onde os poetas teem bebido tão suaves inspirações e a cujos murmuriros Carlos Gomes pediu a alma da sua musica immortal.

O Parahyba, quebrando, como fragil estacada, todas as suas tradições de doçura e amor, cresceu subitamente, n'um impeto de fera por longo tempo contida, ganhou ondas, cobriu-se d'uma fervilhação raivosa de espumas e atacou a cidade formosa que no espelho das suas aguas se revia, faceira e descuidadamente. E, com furias progressivas na sua arremettida, sepultou os habitantes ribeirinhos, trepou ás ruas do commercio, galgou ás altas moradas dos ricos, desalojou e poz em fuga a população inteira, logo a principio desvairada de panico, perse-

guida afinal por todos os flagellos, a miseria, a doença, o frio, a fome...

Depois, aqui mesmo, no Rio, chuvas continuas e torrencias causaram estragos enormes, afogaram vidas sobre vidas. Dias houve em que, sob as casas desmoronadas, pereceram vinte e tantas creaturas. Deram-se accidentes fataes nas estradas de ferro, nas linhas de bonde, nas fabricas; os jornaes andavam cheios de mortos; e a mais recente lembrança de tão longa successão de desgraças, deixara-a a derrocada do Club de Engenharia, predio que obedecia a um projecto grandioso e que, por uma sinistra ironia do acaso, fôra o unico a cahir na Avenida já quasi inteiramente edificada.

Só a gente ingenua, todavia, receiava que o entusiasmo e os esplendores do Carnaval viessem a soffrer com a desconsoladora recordação de todas essas prágas que o anno de 1906 trouxera do berço e ainda sobre os seus dias futuros estendiam novas ameaças e agouros... Porque, na verdade, o Rio adora o Carnaval com uma paixão suprema, incomparavel; é de certo a sua unica festa verdadeiramente popular; as outras, religiosas ou profanas, quer abalem as ruas com o estridor das bandas de musica regimentaes, quer encham de canticos e incenso o recinto sagrado dos templos, mal o sacodem da sua amodorrada indolencia dos grandes dias. O Rio, quando não trabalha, fica em casa, de chinellos, a preguiçar; em regra — e quantas vezes, por isso, o teem os chronistas invectivado! — não quer saber de festas. Com o Carnaval, porém, é outra coisa; falemlhe em Carnaval



AVENIDA CENTRAL—TERÇA FEIRA GORDA PELAS CINCO HORAS DA TARDE

e tel-o-hão disposto a tudo— a encher as ruas do centro da cidade, a gritar e dar vivas até perder a voz ou ir para a cama, a rir como um perdido e a cantar como um heroe, a gastar até ao ultimo tostão das suas economias e a contrahir dividas até á ultima migalha do seu credito. Já lhe não sorri o repouso caseiro, já o não paralysa a tão falada *indifferença* da sua indole, já não quer saber de desgraças nem de preocupação alguma d'esta vida!

De resto, nem se pode bem explicar se o Carnaval d'este anno tinha mesmo que ser dos mais barulhentos e esplendorosos, ou se exactamente porque o povo vinha ha dois mezes experimentando toda a sorte de amarguras e terrores, assim se atirou, soltando a alma inteira, aos prazeres e desvairamentos permittidos pelo deus Momo, para se atordoar, esquecer, lograr finalmente alguns dias de pura alegria e perfeita felicidade. O facto é que ha muito tempo se não vê— se já alguma vez se viu - a macambuzia capital tão disposta a divertir-se e a estroinar; nunca lhe correu nas veias tão clara e crepitante chamma de regosijo; nunca, na sua ajuizada gravidade, passou tão violento sopro de

loucura. Logo ás primeiras horas da noite de sabbado, as mascaras surgiram da rua do Ouvidor, atirando, ao passar, o classico *Você me conhece?* de quem se contenta com esse mysterio e esse espirito; bandos entrudescos, com clarins e Zé-pereira, acudiram de todos os pontos, a annunciar á grande arteria que o reinado do rufo e do estrondo fôra officialmente inaugurado; e, quebrando todas as tradições, antecipando-se com delirante soffregidão, o *Club da Tijuca* rompeu por alli abaixo com o seu prestito, entremeado de bandas de musica, esplendido de carros de fantasia entre fogos de Bengala — e mantendo orgulhosamente o seu principio de que, com gente de sociedade e algumas lindas crianças, tambem se pode fazer uma passeiata deslumbrante.

Escusado será dizer a quem leu o meu artigo sobre o moderno Rio e a sua moderna Avenida, que para esta convergiram todas as attentões e toda a animação. Pela primeira vez, a Avenida offerecia o seu vasto campo de luxo civilisado e garrida magnificencia ás luctas e folganças do Carnaval.

Todos os prestitos alli passariam, todos os *cor-*

dões alli iriam batucar os seus pandeiros e saracotear as suas danças pittorescas, todos os mascarados alli guinchariam e intrigariam — e todos aquelles que se limitam á funcção e ao prazer de espectadores alli desejaram um camarote de gala. Imaginar-se-hão então os fabulosos preços a que subiram as janellas e sacadas, para essas tardes e noites de domingo e terça, promissoras de tal espectáculo e taes phantasmagorias Duzentos, trezentos, quinhentos mil reis, uma janella ou uma sacada; houve quem alugasse para realugar; quem especulasse, á ultima hora, com a afflicção da gente abonada; quem se sujeitasse a meia janella ou a um quarto de sacada para os dois dias, pelo custo em que lhe fica a casa de moradia, para o mez inteiro. E os carros? a fabulosa extorsão dos alquiladores? Quem queria figurar montado n'um razoavel alazão ou n'um tordilho menos anguloso que Rocinante, dá para cá quinhentos mil reis — isto é, o preço pelo qual se compra no interior — na provincia, dirieis vós — um bicho de igual estampa e, porventura, superiores acções. Ninguem, apesar de ser a epoca ferozmente consagrada á estatística, se lembrou ainda de calcular o dinheiro que o Carnaval faz girar n'esta bella terra de S. Sebastião; deve andar por muitas centenas, milhares, talvez, de contos de reis.

No domingo gordo, reinaram superiormente os *cordões*. Instituição, para vós, completamente ignorada, bem sei. O cordão é um agrupamento e uma união para a vida e para a morte de sujeitos que fazem do Carnaval uma idéa á parte, porque o não consideram uma quadra de desenfreada folia, nem de tresloucado jubilo, e, muito menos que tudo isso, de simples e descuidada pagodeira. Não, para elles, significa alguma coisa de sublime, de respeitavel, de sagrado; é um culto verdadeiro, uma verdadeira religião. Momo é um deus a sério; e o cordão não obedece a outro principio senão ao de lhe render o culto mais fervoroso, com a mais convicta das devoções. Para isso, se ajuntam mensalidades o anno inteiro; se compram tamborins, pandeiros, e aquelles instrumentos compostos d'uma taboa estriada sobre a qual se esfrega um pau curto e que dão pelo nome deliciosamente pittoresco onomatopaico de *xequedês*; para isso, se envergam pesadas vestimentas de *Rei* ou se enfiam *maillots* côr de chocolate — com este calor da estação, faça-se idéa — de *Guarany*, encimando a fronte do altivo e rutilante cocar de pennas e empunhando

a flecha formidavel das guerras e das caçadas; para isso, se compõem cantigas dolentes e nostalgicas na toada, embora a lettra não raro seja jocosa e quasi sempre disparatada; para isso, finalmente, se sae para a rua de manhã cedo e até á madrugada seguinte, sem descanso nem abatimento no ardor devoto, se tangem os adufes, se canta até enrouquecer e, mesmo depois, se dança repicada e phreneticamente, ao longo das ruas, dos bairros, da cidade inteira! Só o fetichismo, na verdade, poderia inspirar tal heroismo e impôr tal sacrificio.

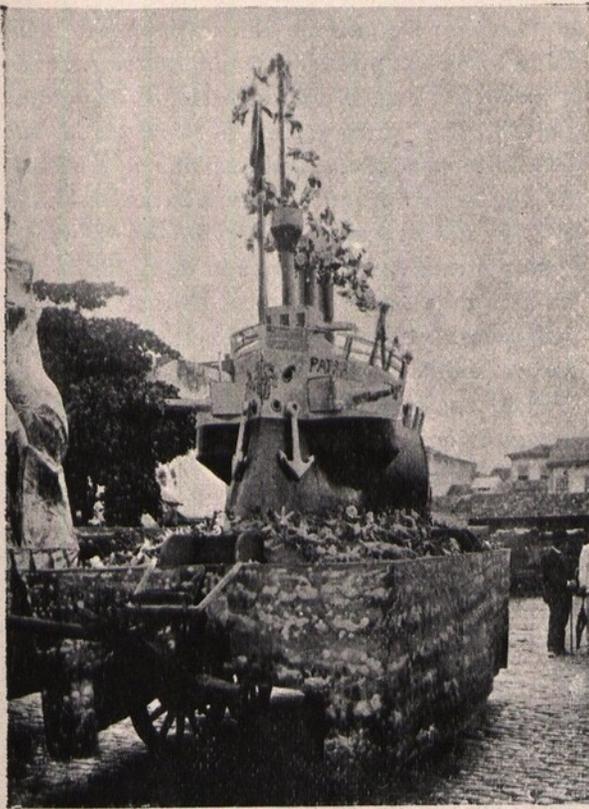
O baptismo adoptado pelos cordões representa



CLUB DOS TENENTES DO DIABO—CARRO DA AVENIDA CENTRAL (*)

outra especialidade em que todas as imaginações se surpreendem e ante a qual os *Incriveis Almadenses* só teriam que correr, envergonhados da sua semsaboria. Passo os olhos n'um jornal e, através da longa columna que apenas os enumera, encontro estes, para offerêcer ao vosso regalado espanto: Destemidos da Infancia do Livramento, Filhos da Flor do Proposito, Filhos da Lua da Cidade Nova, Grupo Carnavalesco da

(*) A estas photographias, tiradas nos telheiros onde os trabalhos foram executados e não na rua, pois que os prestitos sahiram já noite fechada, falta o adorno principal dos carros: as formosas hetairas que, apesar dos escandalizados protestos do sr. Arthur Azevedo e outros chronistas da imprensa diaria, nem os Clubs nem o publico dispensam.



CLUB DOS FENIANOS

CARRO DA CANHONEIRA PORTUGUEZA «PATRIA»

Paz de Botafogo, Choro da Alegria, Terror dos Innocentes do Morro do Pinto, Caprichosos da Rainha do Mar — mas isto sem escolher, a seguir, todos assim!

E, já agora, não deixarei de vos dar algumas amostras dos poemas que elles trazem nos labios e cuja musica, heroica ou sentimental, se adapta sempre ao *retetum, retetum, tum* dos tamborins matraqueados a toda a força d'aquelles braços que trabalham na Alfandega, nas pedreiras nos caes, nas officinas. Um d'elles, que manda a multidão fender-se respeitosamente á passagem do bando, é classico e adoptam-n'o todos aquelles que no seu gremio não contam algum legitimo afilhado de Apolo:

Oh! abre alas
que eu quero passar!
Eu sou da Lyra,
não posso negar.

Essa Lyra, claro está, póde tambem ser Lua, ou Morro, ou Chammas, conforme o letreiro bordado no estandarte e sem nenhum compromisso de metrica ou de rima. A maior parte, porém, abalançam-se a compôr os seus hymnos,

ora exaltando o proprio valor e grandeza e pregoando victorias certas como este:

No largo de S. Francisco,
quando a corneta tocou,
era o triumpho Roza Branca
pela rua do Ouvidô.

ora allusivos e ironicos, visando irreverentemente o proprio Chefe do Estado:

O Doutô Rodrigues Alves
só bebe agua fria,
depois que cahiu
o Club de Engenharia.

lyricos e amorudos como o da *Papoula do Japão*:

Toda a gente pressurosa
procura a flôr em botão;
é uma flôr recém-nascida
a papoula do Japão

Docemente se beijava
uma rola,
atrahida pelo aroma
da papoula.

celebrizando alheios exitos, como o dos *Filhos do Relampago do Novo Mundo*:

Sou o Ferramenta,
vim de Portugá;
o meu balão
se chama Nacioná.

e, finalmente, doloridos, associando-se ás grandes dores da Patria:

A 21 de janeiro
o *Aquidaban* se incendiou;
explodiu o paiol da polvora,
toda a gente naufragou.

Côro

Os filhinhos choram
pelos paes queridos,
as viuvas soluçam
pelos seus maridos!



CLUB DOS FENIANOS — CARRO DO ESTANDARTE

É tempo, porém, de deixar os cordões, que, em numero superior, talvez, a duzentos, constituem uma nota carnavalesca sem duvida dominante, além de rigorosamente característica — para falar dos Clubs de grande monta, os aguerridos *Fenianos*, os audazes *Democraticos* e — que saudades não despertarei aos antigos portuguezes do Rio, hoje *brazileiros* em Portugal! — os famosos *Tenentes do Diabo*. O segundo, enfraquecido nos orçamentos pela mudança de predio e outras reformas, annunciara prudentemente que só sahiria á rua, para não deixar passar o Carnaval em branco, mas de modo nenhum entraria em competencia com os prestitos dos outros. De maneira que a lucta se travava entre os *Fenianos* e os *Tenentes* e só entre elles se dividia a expectativa do publico que na terça-feira se agglomerava na Avenida e rua do Ouvidor, compacta e suffocantemente. Duas horas antes da passagem dos Clubs, já era impossivel a qualquer senhor que não dispuzesse dos hombros de Hercules atravessar por alli. E manda a verdade dizer que as opiniões se inclinavam de ante-mão para os *Fenianos*, já por se saber que nos seus carros collaboraram o escultor Correia Lima e o pintor Fiuza, ex-alumnos da Escola de Bellas Artes, premiados com a viagem á Europa, já porque os *Tenentes*, n'estes ultimos annos, tinham soffrido as mais lamentaveis derrotas, parecendo accusar uma decadencia progressiva e desesperadora.

Ao anoitecer, apontou ao cabo da Avenida o primeiro prestito, o dos *Fenianos*, precedido da sua banda de clarins — trinta ou quarenta clarins — e já de longe recebido com applausos delirantes. Trazia quatorze carros e entre elles alguns de execução verdadeiramente primorosa. O *chá das sextas*, allusão ás recepções do Ministerio da Justiça, era um encanto de linhas

e de côres: De enorme chicara japoneza inclinada sobre um pires surgia uma *geisha*, fazendo a apologia do chá e dos seus effeitos na politica official. Em outro carro, o *Poder do Mundo* symbolisava-se n'uma colossal maçã, sustentada por quatro dragões e levando ao alto uma Eva... novo seculo. A *Patria* vinha deliciosa, toda engrinaldada, couraçada de flores, levando á ré uma fanfarra a tocar os mais queridos fados de Portugal. E outros bellos carros figuravam ainda no prestito, de fantasia ou de *critica*, em que os dois artistas haviam posto a sua imaginação moça e esmerado a sua technica perfeita...



CLUB DOS TENENTES DO DIABO — CARRO DA AVENIDA CENTRAL

Mas, quando o primeiro carro dos *Tenentes*, a *Avenida Central*, se ostentou em toda a sua belleza, correu pela multidão um oh! de assombro. Era todo movimentado, todo elle girava, n'uma profusa scintillação de luz electrica. Tiravam-n'o oito cavallos, em cujos arreios ardiam outras lampadas coloridas; e os co-hei-

ros, sotas e batedores traziam ainda no boné ou no chapéu armado luzes do mais garrido effeito. Começou logo ahí a victoria inesperada dos *Tenentes*. Depois, a cada carro, rebentavam as palmas e aclamações do povo inteiramente conquistado. É que este Club entregara o seu prestito a um habil scenographo, Marroig, que é tambem um habil «machinista». E as suas composições venceram, pela apparencia vistosa entre os fogos de Bengala, e o effeito giratorio, o que os bellos trabalhos de Correia Lima e Fiuza possuíam de correcção artistica. Paciencia; é sempre assim.

Além da *Avenida Central*, os *Tenentes* apresentaram um *Pombal* apparatusissimo, uma *Phantasia de Sèvres* de grande merecimento scenographico, as *Estrellas cadentes*, verdadeiramente feéricas. E, como isso vos será especialmente grato, ahí vos dou o vibrante soneto distribuido pelos tripulantes do carro da *Patria*:

Patria, formoso nome, ó Luzitania altiva!
Toda a gloria do mar, a epopéa brilhante
Dos Gama e dos Cabral resurge n'este instante,
E é cada vez maior e cada vez mais viva!

A grande raça antiga, a gente primitiva,
Cujo heroico valor e genio fulgurante
Passeiou desde a Guiné a Cypango distante,
Ainda hoje é o mesmo sol que os outros sóes captiva!

Brazil e Portugal! E tu'lingua formosa,
De Bocage e Camões, dá-me os teus sons divinos
Para que eleve e cante os sentimentos sãoos!

Canhoneira gentil da maruja amorosa,
Vê como um pai e um filho, entre applausos e hymnos,
Se transformam na Historia em perfeitos irmãos.

Conclusão, que já bem longo o meu artigo: Carnaval extraordinariamente animado, immenso regosijo, prestitos de primeira ordem — e á ultima hora, pelas nove da noite de terça-feira, uma chuvarada diluviana. Por falar n'isto, não deixarei de vos mandar ainda uma nota da minha carteira de *reporter*:

Defronte da casa onde eu estava, na Avenida, parou de repente um automovel com a machina desarranjada. O sujeito que o alugara bracejava, sob a batega formidavel, rodeado da familia egualmente desesperada. N'isto approxima-se um *landau*, por incrível felicidade, vasio. O homem chama-o, atira esta pergunta anciosa:

— Pode-me levar ao Cattete?
— Ás ordens! responde o cocheiro.
— Quanto?

Tratava-se d'uma curta corrida, um quarto de hora de bom trote, no maximo.

— Quatrocentos mil réis.

O homem bracejou ainda um momento — e tomou o *landau*.

João Luso





SUMMARIO DOS CAPITULOS I A VI

Benita Clifford, que se dirigia á Africa a bordo do paquete ZANZIBAR a fim de se reunir a seu pae em Durban (Natal), tem por companheiro de viagem Roberto Seymour o qual se enamora d'ella. Seymour conta como encontrou o pae d'ella e Jacob Meyer em Bambatse, no interior de Africa, onde se suppunha existir um valiosissimo thesouro escondido. A declaração do seu amor é interrompida, quando ella está para responder, pelo naufragio do paquete. Seymour salva com grande difficuldade Benita, desfallada por um ferimento na cabeça, mettendo-a dentro d'uma lancha. Cede em seguida o logar a uma mulher e a uma creança, em riscos de afogar-se, por não caber mais gente na lancha. Antes de se lançar ao mar, deixa no seio de Benita uma carta em que pede a resposta á sua declaração, caso ainda venham a encontrar-se. Consegue alcançar a costa, extenuado. A lancha é encontrada por outro paquete, e Benita reune-se a seu pae em Durban, onde por um jornal tem noticia do encontro de um cadaver na costa por um cafre, que apresentou como prova um relógio com o nome de Seymour. Benita e seu pae partem para a fazenda d'este, Rooi Krantz, e quando estão proximos sahem do carro para dar caça a um antilope ferido, transviam-se, e de noite estão a pique de cair n'um precipicio, quando em seu auxilio acode Jacob Meyer, levando-os a salvo para a fazenda. Ahi lhe narra a lenda dos portuguezes mortos ha seculos em Bambatse, e do thesouro que deixaram escondido. Uma deputação da tribu dos makalangas, naturaes de Bambatse, vem procurar Clifford e Meyer, promettendo-lhes todo o ouro que podem encontrar se lhes levarem quinhentas espingardas e os respectivos cartuchos, a fim de resistirem aos Zulus. Elles concordam, compram as armas e as munições e partem para Bambatse.

CAPITULO IX

O Juramento de Maduna



Clifford e Meyer levantaram-se para voltar ao carro a fim de superintenderem no descangar dos bois e no desapparellhar dos cavallos.

Benita ergueu-se tambem, inquieta por que se apromptasse a refeição promettida, porque sentia grande appetite. Entretanto, o molemo estava conversando com seu filho Tamas e acariciando-lhe a mão, quando de repente Benita, que assistia com interesse a esta scena domestica, percebeu atraz de si um alvoroço. Voltando-se para descobrir o motivo,

divisou tres homens alentados, em traje de guerra, escudos no braço esquerdo, lanças na mão direita, plumas negras de abestruz erguendo-se dos aneis polidos entrelaçados no cabello, pelles pretas cingindo lhes os rins, caudas de boi negro atadas abaixo dos joelhos, os quaes marchavam pelo meio dos makalangas como se não os vissem.

— O matabeles! Os matabeles estão conosco! — gritou uma voz.

E outras vozes clamavam:

— Fujam para as muralhas!

E outros ainda:

— Matemol-os! São poucos.

Mas os tres homens caminhavam indifferentes até se apresentarem perante Mambo.

— Quem sois vós, e que procuraes? — perguntou o velho arrogantemente, embora fosse

evidente o terror que d'elle se apossara á vista dos estrangeiros, porque o seu corpo tremia todo.

— Devias sabel-o, chefe de Bambatse — respondeu com uma gargalhada o lingua dos adventicios — porque estás farto de ver gente parecida comnosco. Somos filhos de Lobengula, o Grande Elephante, o Rei, o Touro Negro, o Pae dos Amandebeles, e temos uma mensagem para teus ouvidos, velhinho, e achando teus portaes abertos, viemos entrando para t'a comunicar.

— Dizei pois a vossa mensagem, mutumes de Lobengula, dizei-a a meus ouvidos e aos ouvidos do meu povo — disse o molemo.

— Teu povo! Esta gente toda é quanto constitue o teu povo? — replicou com desprezo o lingua. — É boa! Que necessidade tinham os indunas do rei de enviar um impi tão possante com um grande general contra vós, se bastava um troço de garotos armados de varas? Nós julgámos que isto eram apenas os filhos do teu lar, os homens de tua familia, que tu havias chamado para comerem na companhia dos estrangeiros.

— Cerrae a entrada da muralha — bradou o molemo, mordido de furia pelo insulto.

E uma voz respondeu:

— Já está cerrada, pae.

Mas os matabeles, em vez de se intimidarem, tornaram a rir, e o lingua disse:

— Vêde, irmãos, cuida elle apanhar-nos, porque somos tres apenas. Pois mata-nos, Velho Bruxo, mata-nos se queres, mas fica sabendo que, se uma só mão se erguer, esta minha lança te traspassa o coração, e que os filhos de Lobengula custam a morrer. Fica tambem sabendo que o impi, que não longe espera, vos exterminará a todos, homens e mulheres, rapazes e virgens, meninos que andam pela mão e creancinhas de collo; nenhum ha de escapar, nem um só que possa dizer: «Aqui viveram em tempo os cobardes makalangas de Bambatse». Vamos! não sejas imbecil, fala-nos com brandura, porque é possível que assim vos poupemos as vidas.

Então os tres homens collocaram-se costas com costas, de forma que vigiassem para todos os lados, e não pudessem ser feridos á traição, e esperaram.

— Eu não mato emissarios — disse o molemo — Mas se forem desbocados, atiro-os para fora das minhas muralhas. Dae o vosso recado, amandebeles.

— Já te escutei. Attende agora ás palavras de Lobengula.

O mutume ou emissario começou então a falar, usando do pronome *Eu*, como se fora o proprio rei matabele que falasse ao seu vassallo, o chefe makalanga:

— Mande-te recado no anno findo, escravo que ousas chamar-te Mambo dos makalangas, exigindo um tributo de gados e mulheres, e prevenindo-te de que se, não viessem, eu os tomaria. Não vieram, mas d'essa vez poupei-te. Novo recado te envio. Entrega aos meus mutumes cincoenta vaccas e cincoenta bois, com pastores que os conduzam, e doze virgens por elles approvadas, aliás exterminar-vos-hei, a vós que ha tanto turvaeis o mundo, e isto antes que outra lua haja minguado.

«São estas as palavras de Lobengula — concluiu elle».

Em seguida tirou da fenda da propria orelha a caixa de rapé feita de chifre, serviu se e passou-a insolentemente ao molemo.

Tamanha era a raiva do velho chefe que, perdendo a cabeça, arremessou a caixa das mãos do seu verdugo a terra, ondê o rapé se entornou todo.

— Assim, graças á tua temeraria loucura, se derramará o sangue de teu povo — disse serenamente o emissario, apanhando a caixa e os bagos de rapé que poude colher.

— Escuta! — disse o molemo, em voz debil e tremula — Teu rei exige gado, sabendo que todo elle se sumiu, que a custo salvei uma vacca que desse alimento a uma creancinha sem mãe. Exige tambem virgens, mas se elle levasse as que pede, nenhuma deixaria para os nossos moços casarem. E porque é isto? Porque o abutre, Lobengula, nos tem espicado até aos ossos; sim, vivos nos tem arrancado a carne. Anno após anno, seus soldados teem roubado e matado, até que por fim nada nos deixem. E agora exige aquillo que nós não temos para dar, afim de levantar contenda e exterminar-nos. Nada possuímos já para dar a Lobengula. Eis a minha resposta.

— Deveras? — replicou o emissario com sarcasmo — Como é pois que eu vejo alem um carro carregado de petrechos, e bois á canga? Sim — repetiu elle com intenção — petrechos como os que temos visto em Buluwayo; porque Lobengula tambem ás vezes compra espingardas aos brancos. Ó misero makalanga! Tem juizo, dá-nos o carro mais a sua carga e os bois e os cavallo, e por insignificante que seja o



TEMOS UMA MENSAGEM PARA TEUS OUVIDOS, VELHINHO...

tamos fartos d'estas longas e incommo-
das jornadas para tão parca colheita.
Cuidae das vossas searas, moradores de
Bambatse, porque, em nome de Loben-
gula vos juro, não as vereis amadurecer
mais.

A turba dos assistentes makalangas
estremeceu a estas palavras, mas no
velho molemo pareceram ellas apenas
excitar uma tempestade de furia pro-
phetica. Durante um momento, de pé,
fitou o ceu azul e estendeu os braços
como se orasse. Depois falou n'uma
voz differente clara e serena, que não
parecia a sua voz habitual.

— Quem sou eu? — disse elle — Sou



o molemo dos makalangas de
Bambatse; sou o escadorio en-
tre elles e o Ceu; pouso no
ramo mais elevado da arvore
que os abriga, e ahi, na copa
d'essa arvore, fala comigo o
Munwali. Aquillo que para vós
são ventos, são para mim vo-
zes que murmuram aos ouvi-
dos do meu espirito. Outr'ora,
meus antepassados foram gran-
des reis, eram Mambos de to-
da esta terra, e é esse ainda

presente, nós contentar-nos hemos com elle, e
nada mais pediremos por este anno.

— Como posso eu dar o que é propriedade
de meus hospedes brancos? — perguntou o mo-
lemo — Ide vos e fazei vossos damnos, aliás
lançar-vos hei das muralhas da fortaleza.

— Pois bem! Mas, fica sabendo, não tardará
que voltemos e daremos cabo de vós todos. Es-

meu nome e minha dignidade. Viviamos em paz,
trabalhavamos, a ninguem faziamos damno. En-
tão vós, zulus selvagens, cahistes do sudoeste
sobre nós, e o vosso caminho avermelhou-se de
sangue. Anno após anno roubastes e destruis-
tes; arrebatastes nosso gado, trucidastes nossos
homens, raptastes nossas virgens e nossos filhi-
nhos para vossas mulheres e vossos escravos

até que afinal, de uma enorme cova cheia dos germens da vida, resta apenas uma mancha insignificante. E esta mancha, appetecéis devoral-a ainda, para que não caia em bom terreno e não cresça de novo. Em verdade vos digo, não creio que tal venha a succeder. Mas, succeda ou não succeda, tenho tambem um recado para os ouvidos de vosso rei. Dizei-lhe que tres são as palavras do velho e sabio molemo de Bambatse.

«Vejo-o a elle acozado como uma hyena ferida, pelos rios, pelas moutas espessas, por sobre os montes. Vejo-o a morrer de dôr e na miseria; mas sua sepultura é que eu não vejo, porque homem algum d'ella terá noticia. Vejo os brancos conquistarem-lhe a terra e todas as suas riquezas; crêde, a elles e não a filho do vosso rei dará seu povo o Bayete, a saudação real. Da sua riqueza e do seu poderio não lhe restará mais do que isto: um nome amaldiçoado pelas gerações adeante. E por ultimo vejo paz sobre a terra e sobre os filhos de meus filhos».

Calou-se um momento, depois accrescentou:

— E para ti, perro daminho, esta mensagem envia tambem o Munwali, pelos labios do seu molemo. Não ergo a mão para ti, porque não viverás para ver de novo o rosto de teu rei. Vae-te sem detença, vae fazer os teus damnos.

Durante um momento os tres matabeles deram mostras de susto, e Benita ouviu um d'elles dizer aos companheiros:

— O Bruxo deitou-nos feitiço! Deitou feitiço ao Grande Elephante e a todo o seu povo. Devemos matal-o?

Mas o lingua varreu rapidamente do espirito os seus terrores, deu uma gargalhada e respondeu:

— É pois para isto que trouxeste aqui gente branca, velho traidor, para conspirar contra o throno de Lobengula?

Voltou-se para traz e encarou os dois europeus; em seguida accrescentou:

— Pois bem, Barba Grisalha e Barba Negra. Sou eu mesmo que vos hei de dar tal morte como nunca haveis sonhado. Quanto á rapariga, visto que é formosa, ha de fabricar a cerveja do rei, e entrar no numero das esposas do rei, a não ser que elle haja por bem dar-m'a a mim de presente.

Foi um instante. Palavras não eram ditas, Meyer, que tinha estado a escutar com indiferença as ameaças e as bravatas do emissario, pareceu despertar de repente. Fuzilaram-lhe os

olhos negros, o seu rosto pallido assumiu uma expressão cruel. Sacando o revolver do cinto, apontou e fez fogo n'um movimento apenas; e por terra, morto ou moribundo, caiu n'um relance o matabele.

Os homens nem se mexeram, quedaram-se pasmados. Costumados como estavam á morte no meio bravio do sertão, a rapidez d'aquelle feito surpreendeu-os. O contraste entre o selvagem arrogante e brutal que havia um instante se via erecto e firme e esse farrapo inane e negro que se estendia em terra, era assaz extranho para impressionar as imaginações. Alli jazia o orgulhoso emissario, e sobre elle, com a pistola fumegante em punho, erguia-se Meyer, rindo.

Benita sentiu que o acto era justo e merecido o tremendo castigo. Todavia, aquelle riso de Jacob bulia-lhe com os nervos, porque se lhe afigurava ouvir n'esse riso o coração d'elle a falar; e a sua voz era implacavel. Ah! decerto que a Justiça não ri quando vibra o gladio!

— Vêde! vêde! — disse o molemo em voz serena, apontando com o dedo para o matabele morto — Acaso minto? Não é certo que este homem não tornará mais a contemplar o rosto de seu rei? Pois bem! o que aconteceu ao servo, acontecerá ao senhor, embora com mais tardança. É o decreto do Munwali dito pela voz de sua bocca, o molemo de Bambatse. Ide, filhos de Lobengula, e levae comvosco como offerta a primicia da colheita que os brancos hão de ceifar entre os guerreiros de vosso povo.

A voz debil esmoreceu de todo. Houve um silencio tão intenso que a Benita pareceu-lhe ouvir o arranhar das patas de um lagarto verde, que a cousa de dois metros ia trepando por um pedra acima.

Depois, de subito, o silencio quebrou-se. De subito, os dois restantes matabeles voltaram o rosto e desataram a fugir, e, assim como quando os rafeiros correm, um rebanho de ovelhas começa a dar voltas e a perseguil-os, tal fizeram os makalangas. Lançaram os gadanhos aos matabeles, despedaçando-lhes os atavios; bateram-lhes com varas, atiraram-lhes pedras, até que por fim os dois homens, contusos e ensanguentados, achando cortadas todas as aberturas para a evasão, porventura guiados por algum instincto, retrocederem aos tropeções para o local em que Benita contemplava horrorizada esta scena medonha, e lançando-se por terra, aferraram-se lhe ao vestido implorando misericordia.

— Afaste-se um pouco, Miss Clifford — disse

Meyer — Tres d'essas bestas-feras não me pesarão mais na consciencia do que um só.

— Não, não, tal não fará — redarguiu ella — Mambo, estes homens são emissarios; poupa-os.

— Prestae ouvidos á voz da piedade — disse o velho propheta — e que ella não se erga de balde onde nunca existiu piedade. Deixae-os ir. Sêde misericordiosos com os faltos de misericordia, é ella que á custa de supplicas lhes compra as vidas.

— Vão conduzir os outros sobre nós — resmungou Tamas.

E o proprio Clifford abanou tristemente a cabeça. Mas o molemo disse :

— Mandei eu. Deixae-os ir. O que tem de acontecer não deixa de acontecer, e d'este acto não virá damno algum, que aliás não viesse.

— Bem ouvis. Parti sem demora — disse Benita em zulu.

Foi com difficuldade que os dois homens conseguiram pôr-se de pé, e, arrimados um ao outro, ficaram de pé deante d'ella. Um d'elles, homem de physionomia intelligente e audaz, cuja carapinha negra estava entremeiada de cãs, dirigindo-se a Benita, arquejou :

— Escutae-me. Esse imbecil que ahi jaz — e apontou para o cadaver — cujas bravatas chamaram sobre elle a morte, não passava de um ente mesquinho. Eu, que guardei silencio e o deixei falar, sou Maduna, principe da régia familia, que com justiça mereço morrer porque voltei as costas a esses perros. Comtudo, eu e meu irmão, que aqui está, das tuas mãos recebemos a vida, Senhora, que, reflectindo melhor, penso que a recusarias das mãos d'elles. Porque, quer eu fique, quer me vá, nada importa isso. O impi espera, os matadores estão á beira das muralhas. As cousas que estão decretadas hão de succeder; falla verdade o velho Bruxo alem. Escuta, Senhora: se por acaso tiveres ensejo de exigir duas vidas que estejam nas mãos de Maduna, em seu nome e em nome de seu rei, elle t'as promette. Em segurança as terás, e tudo quanto lhes pertença, sem tributo algum. Lembra-te do juramento de Maduna, Senhora, na hora em que d'elle necessites, e tu, meu irmão, sê testemunha d'elle em presença do nosso povo.

Depois, endireitando se conforme puderam, esses dois homens gravemente magoados ergueram o braço direito e dirigiram a Benita a saudação devida a um chefe feminino. Feito isto, sem fazerem caso de mais ninguem, foram manquejando até á cancella que para elles

se abriera, e sumiram-se por detraz da muralha.

Durante este tempo todo, Meyer conservou-se silencioso; n'este momento falou com sorriso amargo.

— A caridade, Miss Clifford, diz um certo Paulo, como se menciona no seu Novo Testamento, a caridade cobre um multidão de peccados. Oxalá ella sirva para pôr nossos restos a salvo dos abutres, depois de encontrarmos a morte tal qual essa fera nos prometteu.

E apontou para o cadaver.

Benita olhou interrogativamente para seu pae.

— O que Meyer quer dizer com isto, filha, é que commetteste uma loucura pedindo as vidas d'aquelles matabeles. Ficavamos mais seguros se elles estivessem mortos; assim, foram por ahi fora ardendo em ancias de vingança. É claro que o teu movimento foi natural, comtudo. . . — hesitou e calou-se.

— Não é isso o que disse o chefe — acudiu Benita com agitação — Alem d'isso, mesmo que assim fosse, que me importava a mim? Já foi horrivel ver matar um homem d'este feitio — e Benita tremeu toda — e eu não podia supportar mais scenas semelhantes.

— Não devia encher-se de colera pela morte d'este patife, visto que a causa foi o que elle disse a seu respeito — observou Meyer intencionalmente — Se não fosse isso, podia elle ter-se retirado a salvo; pelo menos não seria eu que lhe fizesse mal. Quanto ao resto, não intervim, porque logo vi que era inutil a intervenção; eu cá tambem sou fatalista, como o nosso amigo molemo, e creio na força do destino. A verdade é — accrescentou elle asperamente — que as senhoras estão deslocadas no meio de selvagens.

— Porque não disse isso lá em Rooi Krantz, Jacob? — perguntou Clifford — Bem sabe que eu sempre pensei assim, mas fiquei vencido. O que eu lembro agora é a conveniencia de nos safarmos d'aqui quanto antes, já já, apenas tivermos comido alguma cousa, antes que tenhamos a retirada cortada.

Meyer olhou para os bois que haviam sido desapparelhados: andavam nove a tosquiar quanta relva encontravam, mas os cinco, que se suppunha terem sido mordidos pela tsé tsé, estavam estiraçados no chão.

— Nove bois esfalfados e estropeados não são capazes de puxar o carro — disse elle — Alem do que, segundo todas as probabilidades, o logar está já cercado pelos matabeles, que



POR TERRA, MORTO OU MORIBUNDO
CAIU N'UM RELANCE O MATABELE...

nos deixaram entrar simplesmente no intento de se apossarem das espingardas, de que teriam conhecimento por seus espias. Por ultimo, depois de gastar tanto dinheiro e de dar tantas passadas, não estou resolvido a ir-me embora sem aquillo que nós procuramos. Em todo o caso, se vossê pensa que sua filha corre mais

perigo dentro d'estas muralhas do que lá fora, experimente, se fôr capaz de contractar serviçaes, o que eu duvido. Ou talvez, se se encontrarem remadores, possam descer o Zambeze n'uma almadia, arriscando-se ás febres. Vossê e sua filha que decidam, Clifford.

— Por todos os lados, difficuldades e perigos. Que dizes, Benita? — perguntou Clifford muito perturbado.

Benita reflectiu um momento. O seu desejo era afastar-se de Meyer, de quem estava farta

e tinha receio, e para isso a muito se sujeitaria. Por outro lado, seu pae estava prostrado de fadiga e necessitava repouso; demais, seria para elle um golpe cruel renunciar agora a esta aventura. Alem d'isso, á mingua de gado e de gente, que se havia de fazer? Por ultimo, alguma cousa no seu intimo, a mesma voz que lhe aconselhara a viagem, parecia ordenar-lhe que ficasse. Rapidamente, tinha a sua resolução formada.

— Meu querido pae — disse ella — obrigada por pensar em mim, mas, pelo que vejo, maior risco corremos se tentarmos partir do que se nos deixarmos ficar. Fui eu que quiz vir, sem attender aos seus cautelosos avisos, e agora tenho de me sujeitar ás consequencias e confiar em Deus que nos leve até ao cabo a salvamento. Com todas estas carabinas, com certeza que os makalangas serão capazes de sustentar um logar fortificado como este contra o poder dos matabeles.

— Assim espero — redarguiu seu pae — mas esta gente é muito medrosa. Em todo o caso, embora tivesse sido muito preferivel não termos cá vindo, tambem me parece que o melhor é deixarmo-nos estar onde estamos, e confiarmos em Deus.

CAPITULO X

O cimo do monte

Se acaso os nossos aventureiros, ou algum d'elles, esperavam n'aquelle mesmo dia ser levados aos mysteriosos recintos da fortaleza, ficaram redondamente enganados. O resto do dia gastou-se no arduo trabalho de desenfundar carabinas e uma quantidade de munições, assim como tambem em dar a alguns makalangas de mais importancia instrucções preliminares sobre o seu uso, assumpto a respeito do qual as suas ideas eram o mais vagas possivel. O resto da tribu, tendo trazido as mulheres e as creanças para a cerca exterior da velha fortaleza, e mais as ovelhas e as cabras e o restante gado que ainda possuíam, empregou-se em entulhar a entrada de maneira permanente com pedras; o ingresso e a sahida fez-se d'ora ávante por um atalho secreto na margem do rio, o qual se podia vedar em meia duzia de minutos. Mandaram-se tambem fora um certo numero de homens como espias, afim de descobrir, sendo possivel, qual o paradeiro do impi matabele.

Que um impi havia, d'isso estavam elles quasi certos, por uma mulher que havia segui-

do o capitão maltratado, Maduna, e o seu companheiro, e que contou terem-se elles encontrado, á distancia de umas tres milhas de Bambatse, com um pequeno troço de matabeles, os quaes estavam escondidos n'umas moutas, e armaram liteiras em que os levaram. Para onde é que ella não sabia dizer, porque não se atreveria a espional-os até mais longe.

Essa noite, passou-a Benita na casa destinada aos hospedes, a qual não passava de uma choupana um pouco maior que as outras, enquanto os dois homens dormiram no carro mesmo á porta. Tão cançada estava ella que lhe custou a socegar. O seu espirito persistia em pairar sobre os successos do dia: as extranhas palavras d'esse velho e mystico molemo, com relação a ella; a chegada dos brutos mensageiros e a indaba que se seguiu; depois o subito e medonho assassinio do lingua ás mãos de Jacob Meyer. Não lhe sahia a scena de ante os olhos: via-a de novo, e de novo ainda; a rapida transformação da physionomia impassivel de Meyer, apenas o guerreiro começara a insultal-a e a ameaçal-a, o movimento fulmineo da sua mão, o lampejo, a detonação, a mudança da vida para a morte, e a gargalhada atroz do matador. Que terrivel se tornava aquelle Jacob Meyer, em as paixões o excitando!

E que motivo as excitara então? Benita não podia duvidar de que fosse ella propria, e não o simples cavalheirismo para com uma mulher. Ainda quando elle fosse capaz de sentimentos cavalheirescos, nunca por tão singela causa se arriscaria a taes complicações e revindictas no futuro. Não: algo de mais fundo alli havia. Nunca por actos ou palavras o dera a entender, mas de ha muito que o instincto ou uma excepcional perspicacia levava Benita a suspeitar as labutações d'aquelle espirito, e agora tinha a certeza d'ellas. Terrivel era esta ideia; peor que todos os outros perigos juntos. É certo que ella tinha seu pae para a defender, mas ha uns tempos que elle andava mal disposto. A idade, as jornadas laboriosas, as anciedades constantes, haviam-n'o abatido. Se por fatalidade lhe acontecesse alguma cousa, se elle morresse, por exemplo, que horrenda posição a d'ella, sósinha, longe de todo o soccorro, com selvagens... e Jacob Meyer!

Oh! se não fôra aquelle tremendo naufragio, que differente seria hoje a sua sorte! Pois fôra exactamente a lembrança do naufragio e a saudade d'aquelle que alli a tinha perdido o que a envolvera n'esta aventura, na esperança

de entorpecer o dolorido espirito; e agora tinha de encarar de frente as consequencias. Ainda podia confiar em Deus. Afinal, se acaso morresse, que importava?

O velho molemo tinha-lhe comtudo prometido que estava livre da morte, que alli encontraria felicidade e repouso, não o repouso do tumulo. Promettera-o, falando como quem conhecia todo o seu desgosto, e logo pouco depois, com respeito ao guerreiro matabele, tinha-se elle manifestado propheta de tremendo prestigio. Alem d'isso, sem ella saber como nem porquê, agora, como d'antes, no intimo do seu coração sentia ella que eram verdadeiras as palavras do velho sonhador, e que para ella, de uma forma extranha e imprevisita, ainda havia repouso sobre a terra.

Um pouco alliviada com esta intuição, Benita adormeceu finalmente.

Na manhã seguinte, ao sahir da choupana, veio logo seu pae ao encontro d'ella, e annunciou-lhe com aspecto alegre que por emquanto não havia signal de matabeles. D'ahi a poucas horas, vieram alguns espias informar que algumas milhas em roda nada se via nem se sabia d'elles. Em todo o caso, continuaram os preparativos de defeza; forneceram-se armas aos cem homens mais rebustos, os quaes foram sendo exercitados por Tamas e seus dois companheiros, Tamala e Hoba, já habituados a manejar perfeitamente uma espingarda em consequencia da sua longa viagem em companhia dos europeus. Todavia, o tiro d'esses recrutas bisonhos era verdadeiramente deploravel, tão perigoso até que, quando algum d'elles apontava para um alvo collocado na muralha, se via a necessidade de ordenar a todos os outros que se agachassem. E foram victimas innocentes do exercicio um boi de tiro, que por fortuna estava doente, e duas ovelhas.

Receiando a escassez de mantimentos no caso de um cerco, Meyer, previdente como sempre, já tinha decretado a morte dos bois mordidos pela mosca tsé-tsé. Foram pois abatidos e, depois de esfolados e esquartejados, cortou-se a carne em tiras compridas, afim de seccarem ao sol adusto, como carne de enxerca. De si para si, Benita contava nunca ser convidada a comel-a. Tempo viria comtudo em que ella engulisse de bom grado aquella carne dura empeçonhada.

Pelo meio do dia, depois de terem comido, Clifford e Meyer foram ter com o molemo, que estava sentado junto á segunda muralha, e,

apontando para os homens armados de carabinas, disseram-lhe:

— Cumprimos o nosso ajuste. Cumpre agora o teu. Leva-nos ao local sagrado, afim de ençetarmos as nossas pesquisas.

— Está dito — redarguiu elle — Segui-me, brancos.

Sem mais comitiva, guiou-os então á roda da muralha interior até chegarem a uma vereda de pissarras, de um metro de largo, se tanto, abaixo da qual havia um precipicio de uns dezeseis metros de fundo, quasi a pique sobre o rio. Cerca de vinte passos andarau por essa perigosa vereda, e viram que ella terminava por uma fenda na muralha, tão estreita que por ella não cabia mais de uma pessoa de cada vez. Era evidente que devia ser por alli o accesso á segunda fortaleza, visto que dos lados estava forrada de pedra lavrada, e até o granito da soleira estava gasto pelos pés humanos que alli tinham passado durante longos seculos. Esse caminho serpenteava na espessura da muralha até finalmente os conduzir ao recinto da cerca, um amplo trecho de terreno em declivio, coberto como o da parte inferior das ruinas vacillantes de edificações, entre as quaes cresciam moutas e arvoredos.

— Deus permitta que o ouro não esteja aqui enterrado — disse Clifford examinando o sitio — porque, se estiver, podemos perder as esperanças de o encontrar.

O molemo pareceu suspeitar, pela expressão da physionomia, o sentido das palavras, porque respondeu:

— Não creio que seja aqui. Os sitiantes tomaram este logar e aqui estiveram acampados semanas e semanas. Posso mostrar-lhes onde é que elles accenderam as fogueiras e tentaram minar a ultima muralha, dentro da qual se mantiveram os portuguezes até que a fome deu cabo d'elles, visto que não podiam alimentar-se do seu ouro. Ide-me seguindo.

Foram trepando pela ladeira até chegarem á base da terceira muralha, e egualmente a contornaram, attingindo um ponto sobranceiro ao rio. Mas agora não havia passagem, a não ser uns degraus curtos e quasi precipitosos, cortados em penedos, levando do sopé da muralha até ao cimo, a uma altura superior a dez metros.

— Realmente — disse Benita, contemplando com desalento a perigosa escada — não são nada commodos os caminhos dos pesquisadores de thesouros. Não me palpita que possa subir.

Seu pae olhou igualmente para os degraus, e sacudiu a cabeça.

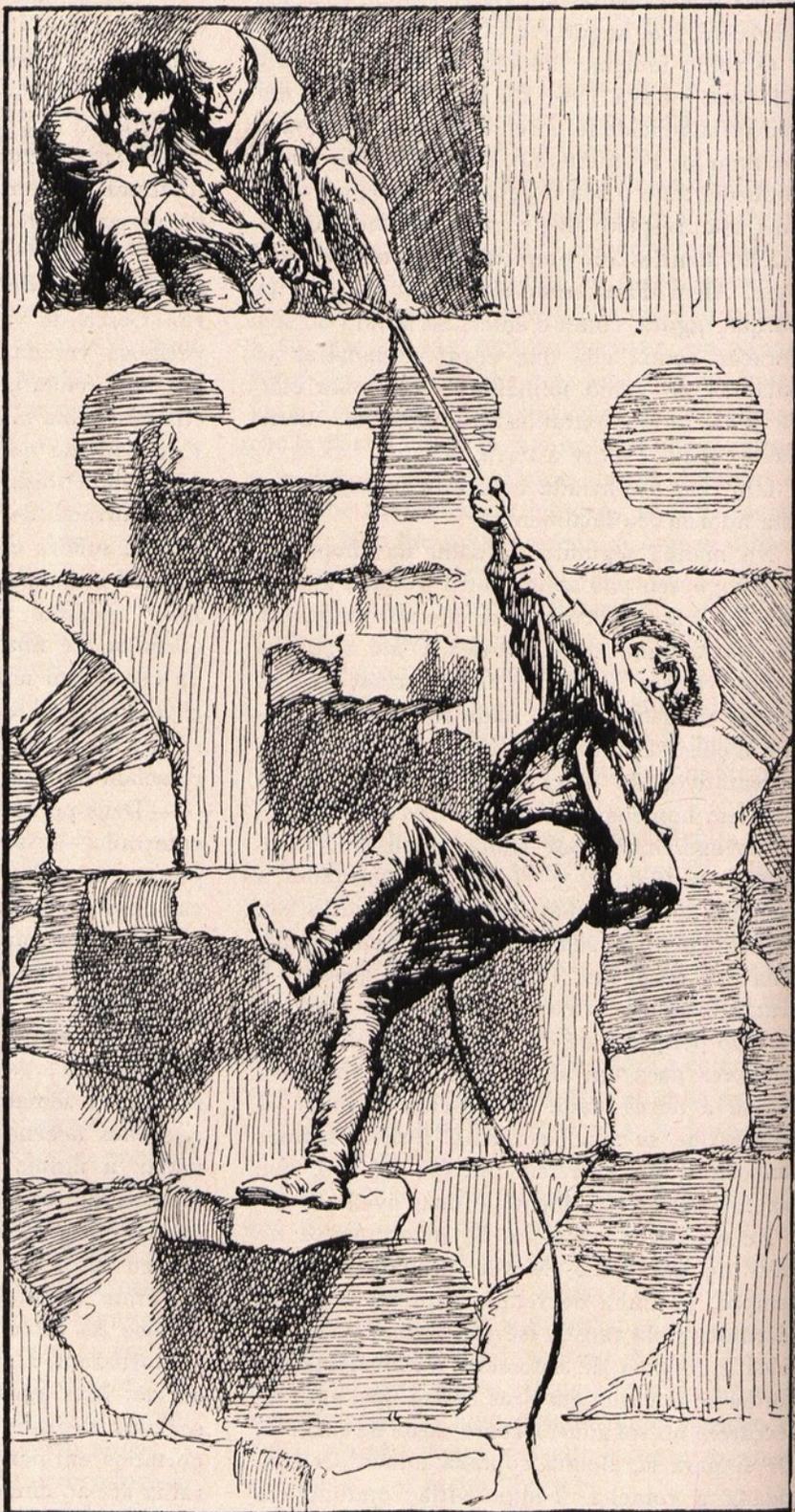
— Temos que arranjar uma corda — disse Meyer ao molemo, em tom de irritação — Como demonio havemos nós de trepar áquella altura sem corda, com um abysmo d'estes debaixo dos pés?

— Velho sou eu, mas sou capaz de lá trepar — respondeu o molemo com serena surpresa, elle que toda a sua vida tinha feito aquella ascensão e que não a suppunha difficil — Em todo o caso — acrescentou elle — tenho lá em cima uma corda de que costume servir-me em noites escuras. Eu vou subir, e deito-a para baixo.

E subiu com effeito; era realmente um assombro ver-lhe as pernas encarquilhadas a marinhar de degrau em degrau com tanta facilidade como se se movessem por uma commoda escadaria acima. Não podia haver macaco mais agil, nem menos susceptivel da vertigem das alturas. Não tardou que se sumisse na crista da muralha, e logo tornou a apparecer no ultimo degrau, d'onde atirou para baixo uma valente corda, observando que estava atada com segurança. Tão ansioso estava Meyer de penetrar no mysterioso local com que a tanto sonhava, que mal esperou que o chicote lhe chegasse á mão para começara trepar, o que levou a cabo sem accidente.

Depois, sentando-se no topo da muralha, recommendou a Clifford que enlaçasse com a extremidade da corda a cintura de Benita, a qual se abalançou á ascensão.

Não era tão difficil como elle imaginara, pois que era agil e dava-lhe confiança o saber que a corda evitaria um desastre. N'um abrir e fechar de olhos se agarrou á mão estendida



FOSSE POR DESGEITOSO OU POR DEFEITO DE NERVOS... POZ UM PÉ EM FALSO.

de Meyer, e foi puxada a salvo atravez de uma especie de abertura acima do degrau superior. Outra vez se deixou cair a corda para Clifford, o qual a atou a meio do corpo.

E fortuna foi que o fizesse, pois que a meio caminho, fosse por desgeitoso ou talvez por defeito de nervos, percalços que não são de admirar n'um velho, poz um pé em falso, e, se não fosse o seguro aferro de Meyer e do molemo na corda, com certeza que se despenharia no rio de uma altura de umas boas dezenas de metros. Em todo o caso, susteve-se, e chegou lá acima offegante e muito pallido. Alliviada do susto, Benita beijou-o, e, ao beijal-o, de novo lhe veiu ao pensamento que estivera por um triz para ficar sósinha na companhia de Jacob Meyer.

— É bom tudo que bem acaba, querida filha — disse elle — Mas palavra de honra que começo a desejar ficar-me pelos modestos proventos de criação de cavallo.

Benita não respondeu; pareceu-lhe tardia e escusada qualquer consideração sobre o assumpto.

— Gente esperta, esses homens de outro tempo — disse Meyer — Ora veja.

E explicou a Benita como, puxando um pedregulho que estava mesmo por cima da abertura por onde elles haviam penetrado, se cortava absolutamente o accesso aos inimigos, por isso que a muralha era chanfrada no topo para a parte exterior, e não para o interior, como é de uso n'estas velhas ruinas.

— Exacto! — replicou elle — Ainda bem que estamos em segurança cá dentro, porque não sinto grande vontade de voltar agora lá para fora.

Detiveram-se então a examinar os sitios, e eis o que viram:

A muralha, construida como as de baixo de blocos de pedra sem argamassa, mantinha-se ainda n'um estado verdadeiramente maravilhoso de conservação, porque os seus unicos inimigos tinham sido o tempo, as chuvas tropicaes e o desenvolvimento de arbustos e arvores que n'um e n'outro ponto haviam rachado e deslocado as pedras. Cercava o cimo inteiro do monte, talvez umas tres geiras de terra, e em intervallos regulares erguiam-se d'ella uns pilares de pedra saponaria, cada um com cerca de quatro metros de alto, e affeçoados no topo á configuração grosseira de um abutre. Muitas d'estas columnas tinham comtudo desabado, talvez por effeitos do raio, e estavam quebradas

em cima da muralha, ou, tendo cahido para dentro, junto á sua base; algumas, porem, umas seis ou oito, ainda se mantinham erectas.

Soube depois Benita que ellas deviam ter sido alli collocadas pelos antigos phenicios, ou pelo povo, fosse qual fosse, que construira aquella fortificação gigantesca, e se relacionavam com a determinação exacta das differentes estações do anno e suas subdivisões, por meio das sombras por ellas projectadas. Por então, comtudo, não ligou ella grande attenção ás taes columnas, porque estava absorta a contemplar uma reliquia mais notavel da antiguidade, que se levantava mesmo á beira do precipicio, ficando de um e d'outro lado a base da muralha.

Era o grande cone de que lhe falara Roberto Seymour, de mais de dezeseis metros de altura, semelhante aos que se encontram na maior parte dos templos phenicios. Este porem não era construido de alvenaria, mas affeçoadado por mãos humanas n'um unico e gigantesco monolitho de granito, tal como os que ás vezes se encontram na Africa, que ha milhares ou milhões de annos permanecem assim erectos quando em volta d'elles a rocha mais macia se foi gastando com o tempo e com as intemperies. Do lado de dentro d'este cone havia uns degraus suaves por onde se podia subir com facilidade, e o topo, que teria talvez dois metros de diametro, era cavado em forma de taça, provavelmente para cerimonias de culto e sacrificios. Este extraordinario monumento, que só do lado do rio podia ser visto em razão do declivio do monte, estava ligeiramente inclinado para fora, de forma que uma pedra que do topo se deixasse cair verticalmente viria parar ao fundo do rio.

— Foi d'aqui — disse o molemo — que meus avoengos viram a ultima pessoa do troço dos portuguezes, a formosa filha do grande capitão Ferreira, precipitar-se depois de ter confiado o ouro á nossa guarda, e lançado sobre elle o seu anathema, até que ella voltasse. Assim a tenho eu tambem visto e ouvido em meus sonhos, e outros ha que a tenham visto egualmente, mas esses só de lá de baixo, estando no rio.

Calou-se um momento, fitando Benita com o olhar extranho de sonhador; depois ajuntou de repente:

— E tu, senhora, não te recordas d'esse episodio?

Benita perturbou-se toda, tão despropositada lhe pareceu a pergunta, tanto lhe buliu com os nervos.

— Como posso eu recordar-me? — interrogou ella — eu que nasci ainda não ha vinte e cinco annos?

— Não sei — respondeu elle — Como podia eu saber-o, eu que não passo de um velho preto ignorante, que nasci ha pouco mais de oitenta annos? Mas dize-me, senhora, porque de teu saber me fio, d'onde nasceste tu? Da terra ou do ceu? Como assim? Abanas a cabeça? não te recordas? Pois nem eu me recordo; e com-tudo é certo que todos os circulos se encontram algures, e é certo a virgem portugueza ter affirmado que voltaria, e por ultimo é certo que ella era tal qual tu és, porque apparece n'este sitio, e eu, que a tenho visto sentada alem ao luar, conheço de sobra a sua formosura. Possivel é todavia que ella não volte em carne, mas o seu espirito é que volte; de teus olhos o vejo a fitar-me. Vamos! — atalhou ella abruptamente—Desçamos da muralha, porque, visto não poderes recordar-te, mais alguma cousa tenho a mostrar-te. Não tenhaes medo, os degraus são commodos.

Desceram com effeito sem grande difficuldade, por isso que, devido á accumulção de entulho e a outras causas, a muralha era consideravelmente mais baixa d'esse lado, e acharam-se na espessura usual de vegetação e de abrolhos, cortada por um atalho estreito. Por elle passaram para alem das ruinas de edificios, cujo destino estava de ha muito esquecido, porque os telhados tinham desabado havia centenas ou milhares de annos, e chegaram á entrada de uma caverna situada quasi na base do cone monolithico, mas a trinta ou quarenta metros de distancia da cerca murada. Ahi lhes mandou o molemo que parassem, emquanto elle accendia as luzes lá dentro. Passados cinco minutos, voltou, dizendo que estava tudo prompto.

— Não vos assusteis com o que possaes ver, — exclamou elle — porque deveis saber que, afora meus avoengos e eu proprio, ninguem mais entrou n'este logar desde que os portuguezes aqui pereceram, nem nós, que vimos aqui apenas para orar e receber o verbo do Munwali, nos abalançamos jámais a fazer qualquer alteração.

Como tudo estava, assim tudo ficou. Vem, senhora, entra; aquella cujo espirito está contigo foi a ultima da tua raça branca a transpôr esta porta. Cumpre pois que teus pés e teu espirito sejam os primeiros a penetrar de novo n'este recinto.

Benita hesitou um instante, em vista do aspecto phantastico da aventura; mas, resolvida a não mostrar temor em presença do velho sacerdote, pegou da mão esqueletica que elle lhe estendia e caminhou avante de cabeça erguida. Os dois homens começaram a seguil-a, mas o molemo deteve-os, dizendo:

— Isso não! A virgem branca entra primeiro sósinha comigo; a casa é d'ella, e quando lhe apraza convidar-vos a entrar, cumpra-se a sua vontade. Mas primeiro cumpre que ella percorra a sua casa sem mais companhia.

— Que tolíce! — exclamou Clifford irritado — Não consinto. Ella vae ficar assustadissima.

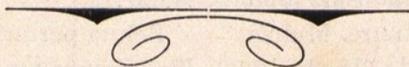
— Senhora, confias em mim? — perguntou o molemo.

— Confio — redarguiu ella, e acrescentou logo — Meu pae, parece-me melhor deixar-me ir sósinha. Por mim, não tenho medo, e acho talvez mais prudente não o contrariar a elle. O caso é extranho deveras, fora do vulgar, e realmente é preferivel que eu entre sósinha. Se acaso não voltar tão depressa, então me seguirão.

— Aquelles que veem espreitar o somno dos mortos devem andar mansinho, muito mansinho — ciciou o velho molemo em voz cantarolada — O halito da virgem é puro, é leve o seu andar; seu halito não escandalizará os mortos, nem seus passos os perturbarão. Brancos, brancos, não encoleriseis os mortos, porque os mortos são poderosos e vingar-se-hão de vós quando morrerdes, em breve, muito em breve, quando morrerdes tambem; quando estiverdes mortos em vossas maguas, mortos em vossos peccados, mortos, reunidos aos mortos que nos aguardam aqui.

E sempre entoando a sua cantilena mystica, foi guiando Benita pela mão, para longe da luz, para o meio das trevas, para longe da vida, para a mansão da morte.

(Continua).



O MATADOURO DE LISBOA



Quantos dos nossos leitores, ao atacarem ao almoço a saborosa costelleta panada ou o succulento e substancioso *Rump-steak*, teem a perfeita consciencia do sacrificio e do trabalho que provocaram para poderem, a troco de alguns vintens, tel-os ali, á sua meza, promptos a serem immolados ás suas vorazes necessidades alimenticias? Bem poucos, talvez... Todos sabem, decerto, que um bello e pacifico animal, chamado boi, passa periodicamente do estado de ser para o estado de coisa, n'um local chamado matadouro, a fim de que a humanidade possa... enriquecer os seus *menus*. Mas a maioria, começando por não ligar importancia, não prestar quasi attenção a esse odioso sacrificio de todos os dias que representa a immolação de um dos mais formosos e mais nobres animaes á glutoneria humana, desconhece tambem o desenrolar das numerosas e empolgantes phases d'esse drama quotidiano, assim como a scena em que elle se executa. É talvez mesmo a esse desconhecimento dos factos que se deve a indifferença com que elle olha para o prato, ao atacar ao almoço a saborosa costelleta panada, ou o succulento e substancioso *Rump-steak*...

Mas o nosso fim não é fazer perder o appetite a esses leitores, e tão sómente descrever-lhes o Matadouro de Lisboa e a maneira como ali se prepara a carne que todos nós comemos. Se, entretanto, ao termo da descripção, elles não tiverem vontade de a comer, a culpa não será nossa...

OS ANTIGOS MATADOUROS

Antigamente, os matadouros, ou antes, *curraes de matança*, como então se dizia, eram de propriedade particular, achavam-se dispersos por differentes bairros e escapavam a toda e qualquer fiscalisação sanitaria. A vigilancia municipal começou a exercer-se sobre elles, em principios do seculo xv, quando todos se haviam agrupado em S. Lazaro, no sitio onde hoje está a escola municipal. Foi esse o embryão do moderno matadouro.

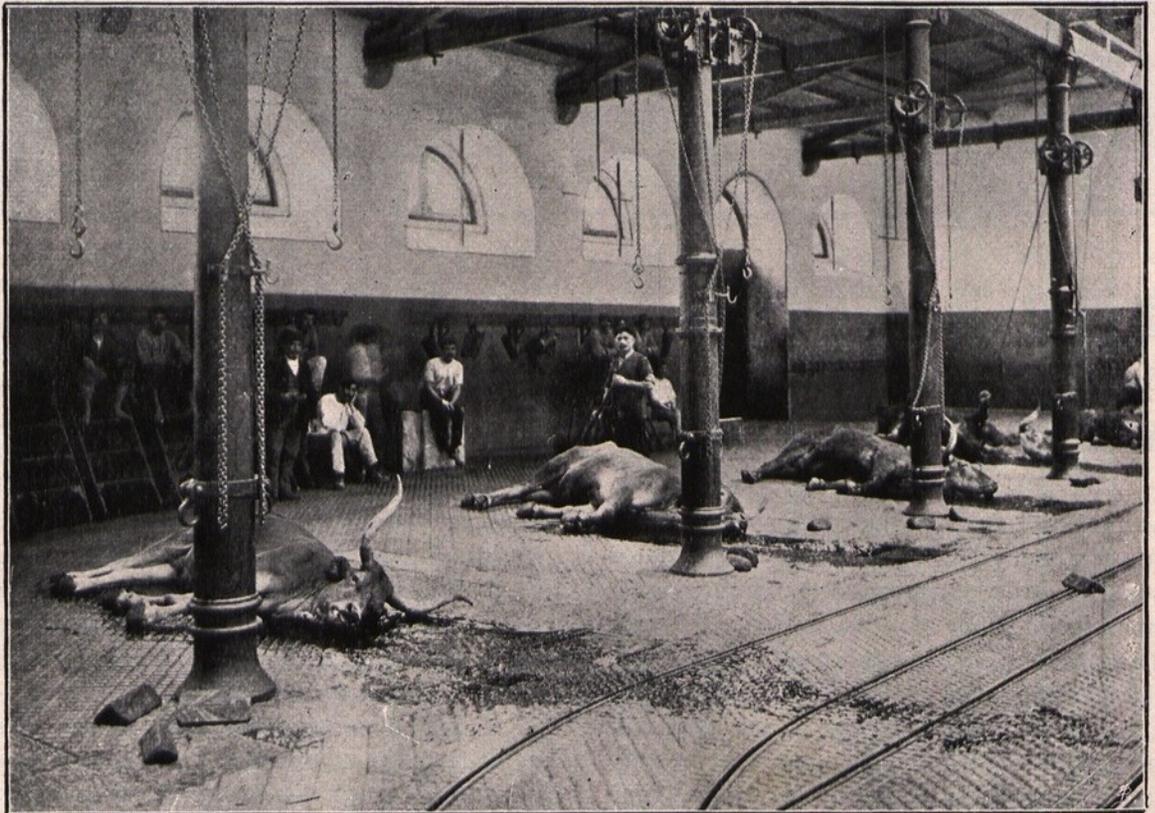
Essa vigilancia exercia se n'um campo quasi exclusivamente administrativo, tendendo apenas a averiguar se eram ou não cumpridas pelos marchantes, magarefes e cortadores as leis que sobre elles haviam já então sido promulgadas. E é curioso que, ao compulsarmos essa legislação, reconhecemos que, se já n'essa epocha o publico era lesado por todos elles, os prevaricadores ficavam sujeitos a penas bem mais severas do que as que hoje soffrem... Assim, por uma Carta regia de D. João III, de 28 de novembro de 1528, «todo o cortador que não fizesse o peso exacto da carne, devia ser, pela primeira vez, *impicotado* (collocado na picota, ou pelourinho, com a carne ao pescoço), e pela segunda vez, açoitado publicamente, com barão e pregão e prohibido de talhar carne.» E um regulamento do Senado, publicado em 1544, ordenava, «que fosse inflingida a pena infamante de açoites aos cortadores que *tirassem* os lombos sem serem *carregados*, para que uns não levassem só carne boa e outros má».

Quanto á fiscalisação sanitaria, corria parelhas, como é de calcular, com a prophylaxia da epocha, da qual se poderá fazer ideia sabendo-se que, no *curral da matança*, era exercida principalmente por... uma vara de porcos ali creada, e cuja missão consistia em destruir, comendo-os, os despojos dos animaes mortos.

As condições de salubridade do local que, pelo exposto, já não se podiam chamar boas,

Santa Martha), para abastecer a ucharia da rainha de Inglaterra, então em Lisboa; no reinado de D. João v fez-se egual concessão a favor do nuncio, da Inquisição, do Hospital de Todos os Santos, do embaixador de Inglaterra e de alguns, poucos, particulares, e só em 1755, depois do terremoto, o marquez de Pombal auctorisou que os talhos se espalhassem pela cidade.

Não admira, portanto, que os habitantes das



EM FEGUIDA AO SACRIFICIO

eram ainda agravadas pela accumulção de carnes mortas, a que davam origem dois factos de ordem diversa. O primeiro consistia em que os magarefes e os cortadores não trabalhavam aos domingos e dias santos, pois a superstição e o espirito da epocha os declaravam incursos nas penas eternas — de maneira que a carne que devia ser gasta n'esses dias era morta na vespera; foi necessario, para acabar com isso, pedir uma bulla ao papa Paulo iv, que elle concedeu em 8 de novembro de 1559. O segundo era que a camara apenas permitia a venda da carne no recinto do *açougue geral*, contiguo ao *curral da matança*; foi em 1701 que D. Pedro II concedeu, pela primeira vez, o estabelecimento de um talho fóra d'aquelle recinto (em

immediações do *curral* se queixassem do incommodo visinho. Esses queixumes começaram a ser manifestados em fins do seculo xvi pelas freiras do convento de S Bernardo, a Sant'Anna, que pediram a transferencia do matadouro, a pretexto da insalubridade e mau cheiro. Não foram, porém, attendidas e egual sorte tiveram as reclamações apresentadas por esses seculos fóra — até que, em sessão de 22 de dezembro de 1852, a camara resolveu a construcção do actual matadouro, encarregando o seu engenheiro Pedro Peserat de fazer o respectivo projecto, para a execução do qual levantou dois empréstimos, na importancia de 176:500\$000 réis.

Entretanto, o *curral da matança* de S. La-



HALLE CENTRAL
— PROMPTOS PARA ESQUARTEJAR

zaro continuou funcionando até 1863, data em que foi inaugurado o seu successor.

O ACTUAL MATADOURO

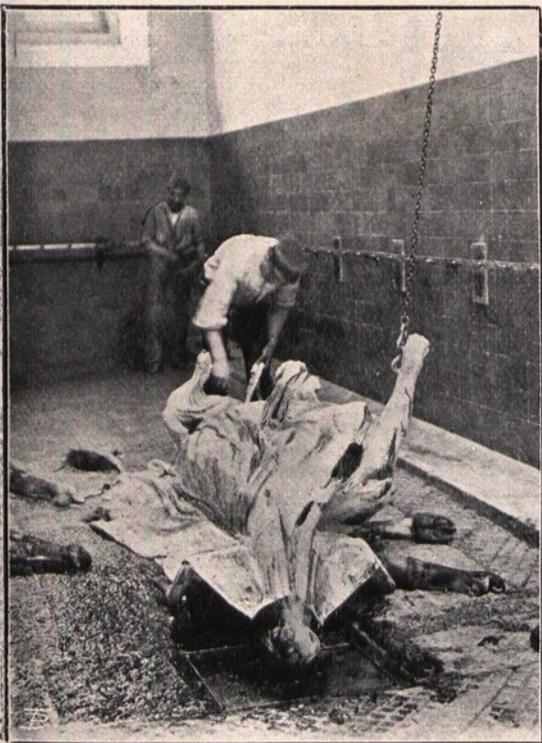
Situado entre as antigas terras de Valle Peireiro e as das Picôas, o espaço compreendido pelas suas diversas instalações forma um rectângulo cujos lados maiores medem 120 me-

tros e os menores 111, o que representa a superfície de 13.320 metros quadrados.

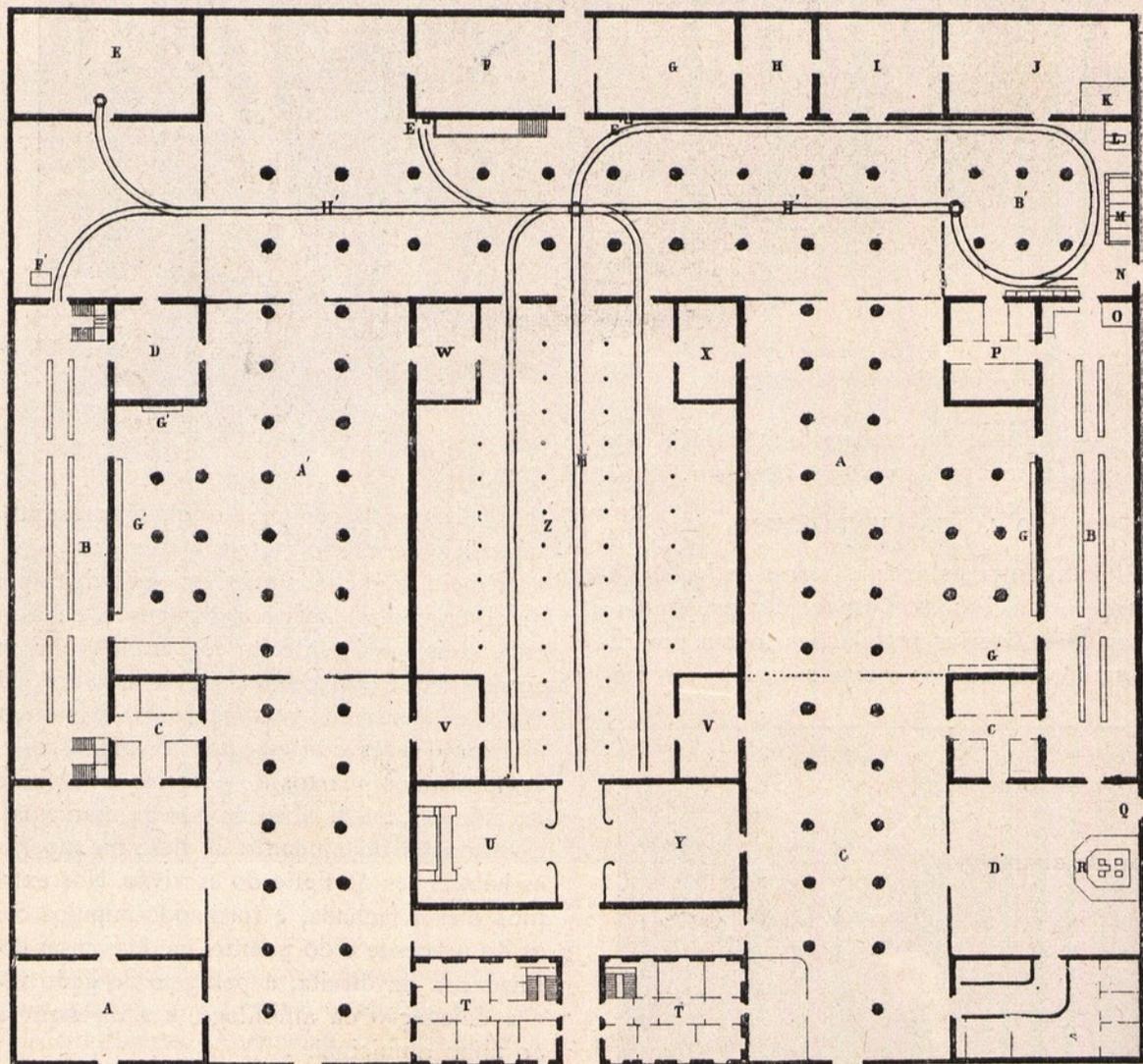
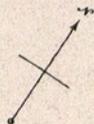
A meio da fachada principal, que deita para o sul, erguem-se dois corpos eguaes, cada um com dois pavimentos, e separados por um corredor que vae dar á casa da matança, edificada ao centro do rectângulo. No pavimento inferior d'esses corpos estão instalados os escriptorios, os quartos do porteiro e do guarda da alfandega, a estação da guarda municipal e a habitação do ajudante do fiel; no superior, as habitações do fiel e do escrivão. Nos extremos d'esta fachada, e formando angulos com as do nascente e do poente, ha duas casas destinadas, a da direita, á pesagem do gado vivo e á delegação da alfandega, e a da esquerda ao talho municipal.

Ao centro da fachada do poente eleva-se um corpo constituído por uma abegoaria, uma cavallariça e um redil, e que dois pateos de serviço separam do talho municipal e da casa de arrecadação do carvão.

É por esta casa que principia, do lado esquerdo, a fachada norte do rectângulo, seguindo-se-lhe mais cinco, eguaes, que servem: a 2.^a de vestuario dos moços e de oficinas de carpinteiro, serralheiro e funileiro; a 3.^a de enxugadouro da tripa; a 4.^a de oficina de preparação da tripa; a 5.^a de oficina de preparação de dobradas; e a 6.^a de oficina de fusão do sêbo.



ESFOLANDO O BOI



A — Talho municipal.

B — Abegoaria.

C — Redis.

D — Cavallariça.

E — Arrecadação.

F — Casa de vestir para os moços.

G — Enxugadores de tripas.

H — Oficina de preparação de tripas.

I — Oficina de preparação de dobrada.

J — Oficina de fusão de sebo.

K — Caldeiras geradoras do vapor.

L — Chaminé.

M — Retretes.

N — Porta para sahida dos estrumes.

O — Cosinha para os moços.

P — Estabulo de vitellos.

Q — Porta para a entrada do gado e sahida das carnes.

R — Reservatorio d'agua.

S — Delegação d'alfandega do consumo e balança de pesos vivos.

T — Escriptorios, porteiro e guardas d'alfandega.

U — Casa de peso de carne limpa.

V — Casa da matança dos carneiros.

W — Casa da matança do gado para os Israelitas!

X — Casa da matança das vitellas,

Y — Casa de arrecadação de carnes.

Z — Casa da matança dos bois.

A' — Pateos para a inspecção de gado vivo.

B' — Pateo para a lavagem dos estomagos e para despejos.

C' — Pateo para o gado depois de pesado.

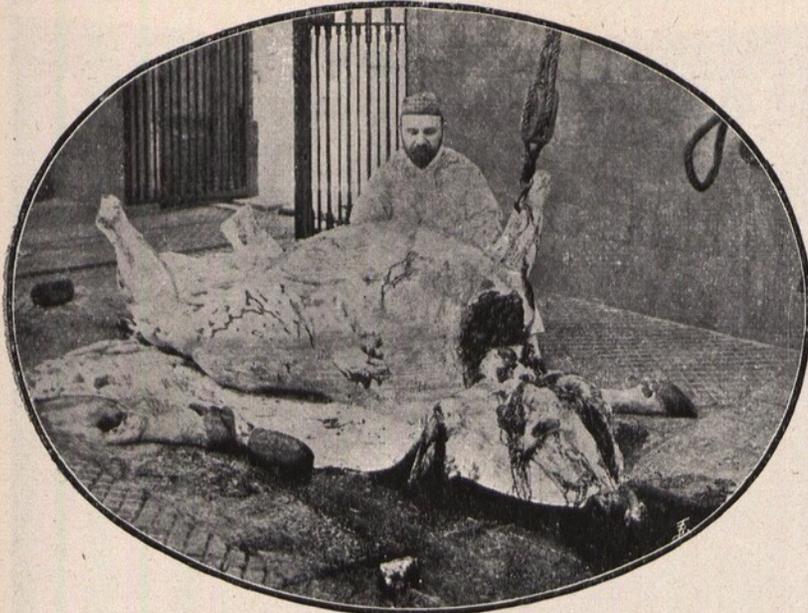
D' — Pateo para o gado antes de pesado.

E' — Postigos para passagem das pelles para a salga.

F' — Postigos para a passagem do sebo para a arrecadação.

G' — Rebedouras.

H' — Pias ferreas para o serviço interior.



PARA ALIMENTO DOS ISRAELITAS — O RABBINO ANALISANDO A REZ

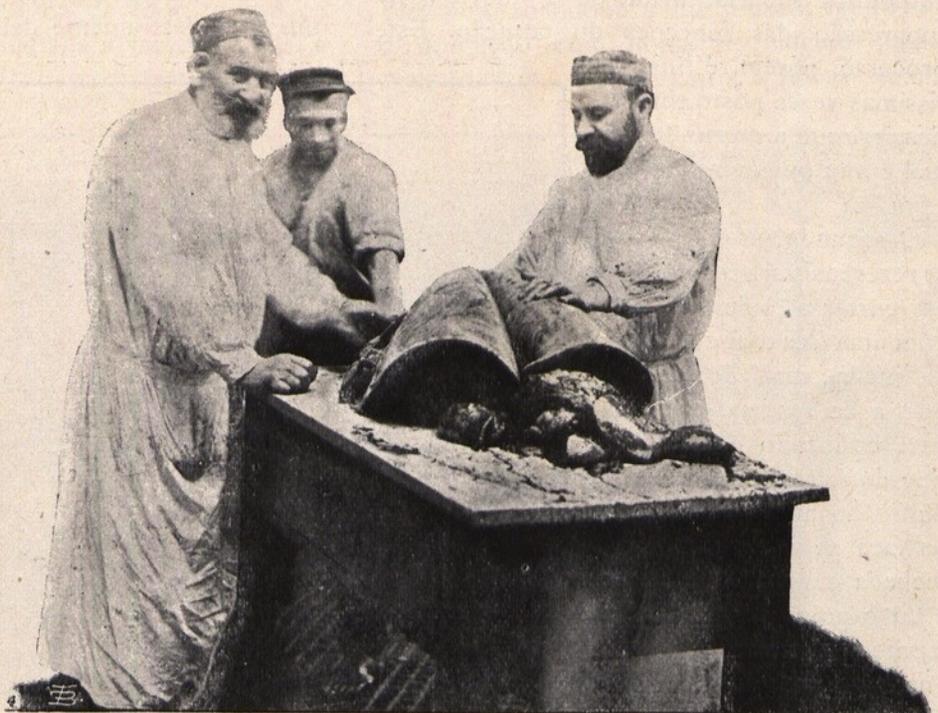
Segue-se a esta oficina, na fachada do nascente e por sua ordem, um pateo de despejos, onde estão collocados os tanques para a lavagem dos estomagos, as retretes e a porta de saida dos estrumes; o estabulo de vitellas; uma abegoaria igual á da fachada opposta, tendo interiormente tres pequenos quartos, destinados, dois, a dormitorio de guardas, e o terceiro a cosinha dos moços; um redil; um pateo que serve para deposito do gado, antes de ser pesado, e onde se abre a porta de entrada do mesmo, e de saida de carne para os talhos; e, finalmente, a delegação da alfandega

A casa da matança, edificada, como dissemos, ao centro do rectangulo, tem 50 metros de comprimento e 34 de largura, e é dividida em cinco naves, por quatro ordens de columnas de ferro. Nos quatro angulos foram feitas interiormente outras tantas divisões que servem, as do sul, para a matança dos carneiros, as do norte, uma para a obser-

vação do gado dos israelitas e a outra para a matança das vitellas. Entre a casa da matança e os escriptorios ha duas casas destinadas respectivamente á pesagem da carne limpa e á arrecadação da carne preparada Lateralmente e pelo norte a casa da matança é separada dos outros corpos por uma larga avenida, dividida por grades de ferro em cinco pateos: dois para o exame do gado vivo; um para deposito do gado depois da pesado e dois para serviço. Uma via ferrea, de 421 metros de extensão, liga a casa de matança com as restantes oficinas, servindo para o trans-

porte dos despojos das rezes, que se effectua em carros de ferro.

A rapida descripção que fizemos do matadouro abrange já os 13.320 metros quadrados que elle occupa, mas não ficam, todavia, por aqui todas as suas instalações pois possui-as tambem subterreneas, que são as oficinas de salga de pelles e de arrecadação do sêbo. Occupam ellas todo o lado poente do rectangulo, comunicando com o resto do edificio por meio de escadas e postigos.



O RABBINO OBSERVANDO AS MIUDEZAS



A CASA DA MATANÇA DAS VITELLAS

COMO SE MATA O GADO

São quatro os processos de morte adoptados no matadouro: o de peito, o de punho, o de degolação e o de jugo.

Pelo primeiro, o operador coloca-se a um dos lados da rez e introduz-lhe junto á primeira costella, na direcção do torax, uma faca triangular (faca de sangrar), cortando assim a aorta, pela qual o sangue sae a jorros. É a authentica sangria, dando-se a morte pela suppressão das funções do coração. Este processo, porem, é hoje rarrissimas vezes posto em pratica, porque a morte do animal é muito demorada e affictiva.

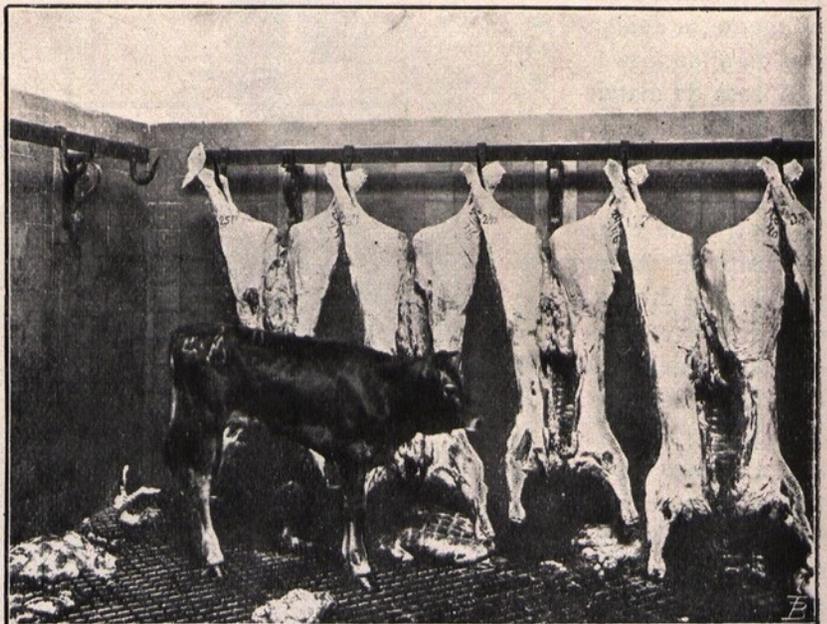
O segundo, usado só com as rezes mais ariscas, consiste em cortar a espinal-medulla com uma faca triangular (faca de jugar), mais pequena do que a de sangria. O operador, collocado do lado esquerdo da rez, e segurando o chifre do mesmo lado, pega na faca de jugar com a mão fechada em forma de murro, e dá o golpe perpendicularmente ao espaço que fica entre as vertebrae atlas e axis. O animal cae de chofre.

No processo de degolação,

exclusivamente usado pelos israelitas, o animal é deitado de dorso no chão e amarrado pelos quatro membros, com o pescoço estendido e a cabeça apoiada no solo pelos chavelhos. O operador, um sacerdote, depois de lavar com agua o pescoço da rez, golpeia-o com um alfange até ás vertebrae cervicaes.

O processo usado habitualmente é o de jugo, que difere do de punho apenas no modo de ferir o animal. Vejamos como elle se pratica:

Logo que o boi chega ao local do sacrificio, um laço destramente deitado prende-o pelos



À ESPERA DO SACRIFICIO



ASSOPRANDO AS VITELLAS

paus. Um dos magarefes, segurando, do lado esquerdo, a corda do laço, mantém-lhe a cabeça baixa, ao tempo que um outro, armado com a *faca de jugar*, se approxima do grupo, segura com a mão esquerda o chavelho direito do boi, visa-lhe rapidamente o cachaço, procurando o sitio que ha de ferir (o espaço que fica entre o occipital e a vertebra atlas) e descarrega o golpe: immediatamente o boi

cae por terra comò uma massa. O magarefe, que se desviara um pouco para o deixar cair, põe-lhe um pé sobre o focinho, a fim de lhe sujeitar a cabeça, e torna a introduzir a faca no mesmo sitio, completando a secção da espinal-medulla; feito o que, pratica a sangria. Acto continuo, abandona a sua presa e vae repetir a operação com outra rez, alguns passos mais adeante... Entretanto, a pobre victima



ESFOLANDO OS CARNEIROS

fica para ali a estrebuchar em convulsões cada vez mais fracas, com os olhos vitreos e a ferida hiante do sangradouro a jorrar sangue...

Apenas o ultimo signal de vida desaparece, apodera-se d'ella outro algoz — para a esfolar, operação esta feita rapidamente e com tal pericia que a pelle sae toda, intacta, e sobre a outra, branca e fina, que fica a cobrir o corpo do animal, não se vê a mais pequena arranhadura causada pela faca; depois, um outro que,

do que um outro lhe põe a marca do talho a que é destinada. E enquanto os moços transportam os quatro *quartos* para a casa da pesagem, e d'ahi para a da arrecadação, os despojos do animal são conduzidos, nos carros de ferro, para as diversas officinas, afim de serem preparados.

Todas estas operações são feitas com tal rapidez, que não havendo interrupção de uma a outra, entre a entrada do boi para a casa da



OFFICINA DE PREPARAÇÃO DO SEBO

com dois pequenos cortes, lhe estrae a lingua; um terceiro, que a abre de alto a baixo, a cutello, e lhe tira o estomago e os intestinos, lançando-os desprezivelmente para o lado, sobre o asphalto, onde elles ficam espapçados até que os moços os venham buscar; a seguir, um grupo de cinco ou seis homens suspende-a pelas mãos e por meio de correntes de ferro, a duas das columnas que sustentam o tecto; um d'elles, lança depois mão de um cutello e esquarteja-a, dando um golpe longitudinal a todo o comprimento da espinha, e dois outros transversaes, entre a aba e o peito, que a dividem em quatro partes, as quaes ficam ligadas entre si apenas por algumas fibras. Uma vez assim disposta, a carne é cuidadosamente limpa por um ajudante, depois

matança, a fim de ser sacrificado, e a sua sahida, em *quartos*, para a casa da pesagem, medeia apenas o espaço de dez minutos... É um verdadeiro *record*.

A preparação do gado destinado aos israelitas é feita da mesma forma, com a simples diferença de o exame sanitario ser mais demorado e meticoloso, sobretudo nas chamadas *miudezas*.

As vitellas são mortas pelo processo de *jugo*, seguido do de *degolação*. Um moço suspende-as pelas pernas, servindo se para isso de uma corda que passa por uma roldana presa ao tecto, e, uma vez n'essa posição, o operador juga-as, e, immediatamente, degola-as. Logo que o sangue estanca, arreiam-se, faz-se-lhes n'uma das pernas, junto á pata, uma incisão



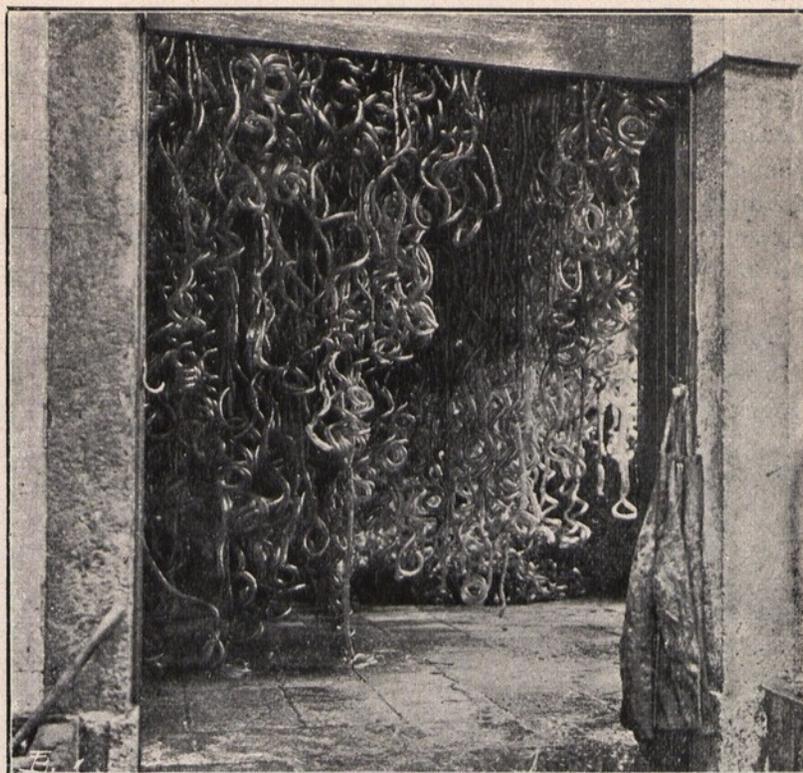
PREPARAÇÃO DO SANGUE

que interessa apenas a pelle, e por ella são *assopradadas*, com um folle, até a pelle ficar perfeitamente retesada. Por meio d'essa operação a carne da vitella fica mais rosada, e por consequencia, com melhor aspecto.

A morte dos carneiros executa-se pelo processo de *jugo*. Em seguida são sangrados por degolação.

Durante estas operações dão-se, por vezes, interessantissimos episodios. Comquanto o pessoal encarregado d'ellas seja muito perito, é frequente, na matança dos bois por exemplo, o magarefe errar o golpe, ao *jugar*, ferindo apenas, mais ou menos gravemente, o animal. Quando isso succede, este, galvanizado pela dôr, dá um arranco tão violento que o homem que o mantém sujeito pelo laço tem de largar logo a corda — e o boi lança-se doidamente pela casa fora, arremetendo com tudo e com todos. É então, durante alguns minutos, uma verdadeira tourada, em que toma parte quasi todo o pessoal da casa da matança, já bastante experimentado n'essas *lides*, e entre o qual ha individuos com excellentes aptidões para a arte de Montes. Executam-se as mais variadas *sortes*, desde

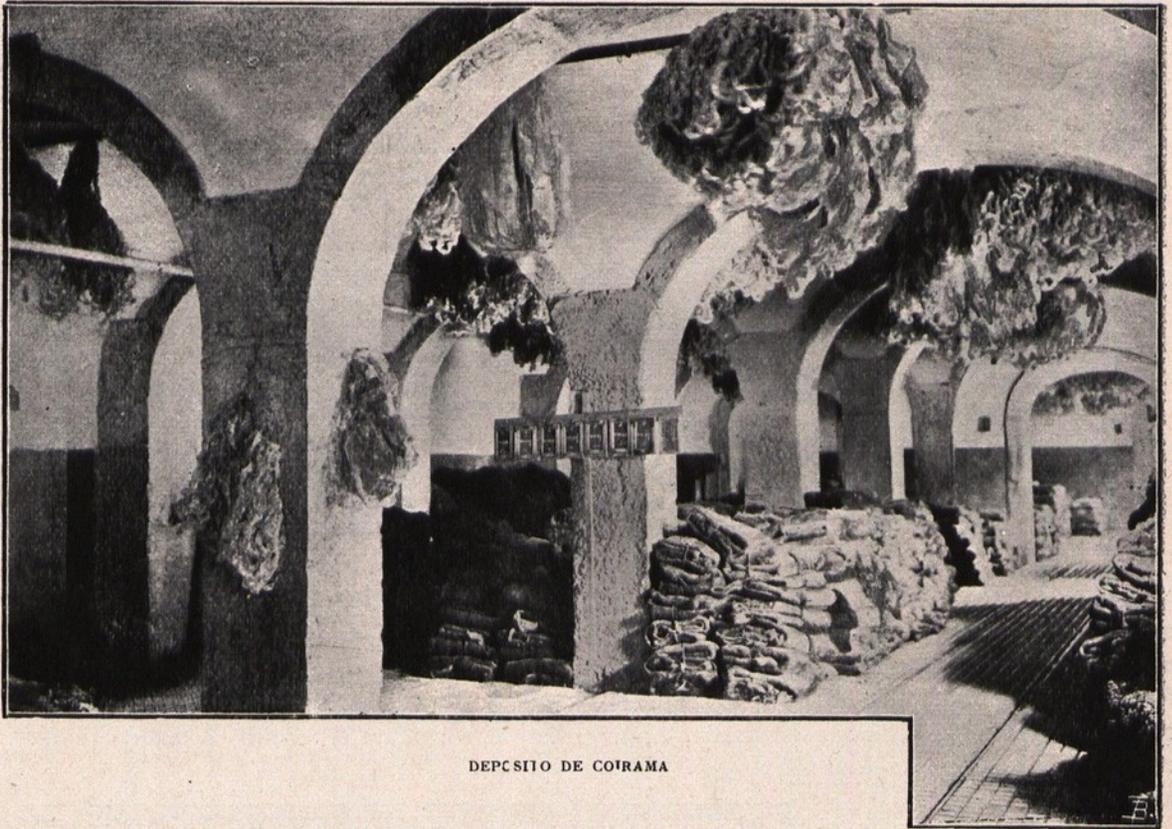
as *pégas*, de todo o genero e o *quebro de rodillas*... forçado pelas circunstancias, até á sorte de morte com que o *espada*, isto é, o magarefe, termina o divertimento.



SECAGEM DAS TRIPAS

O VENTRE DE LISBOA

Vem agora a proposito um pouco de estatistica, pois nos parece que, sem alguns numeros elucidativos, não ficariam completas estas



DEPCSI TO DE CO'RAMA

notas que offerecemos á curiosidade dos nossos leitores. A grande maioria d'elles não sabe, decerto, quantos bois Lisboa devora por anno. Vamos nós dizer-lh'o. O anno passado, por exemplo, a carne sahida do matadouro para consumo procedeu de 31.082 bois. Á primeira vista, esta cifra parece enorme, mas, depois de

uma rapida analyse, chegamos a uma conclusão precisamente opposta. Senão, vejamos: fixando a população da capital em 300.000 pessoas, resulta que, durante o anno de 1905, cada uma d'ellas comeu uns 26 kilos de carne — calculando o peso de cada boi em 250 kilos — ou seja approximadamente 70 grammas por



LIMPEZA DE MÃOS E CABEÇAS

dia, o que é pouquissimo. É certo que a quasi totalidade d'essas pessoas adopta a alimentação mixta, mas é certo tambem que a grande maioria d'ellas pertence ás classes pobres, e todos os outros alimentos teem, n'ós ultimos annos, encarecido extraordinariamente. D'aqui se conclue que a população de Lisboa é mal alimentada.

Esta conclusão, já bastante digna de reparo, toma, porém, proporções graves se nós olharmos um pouco para traz. E, comquanto este artigo não tenha sido feito para tratar de questões economicas, julgamos não ser demais apontar n'elle factos que interessam a toda a gente.

Esses factos são a diminuição progressiva e constante do consumo da carne em Lisboa, e as suas naturaes consequencias.

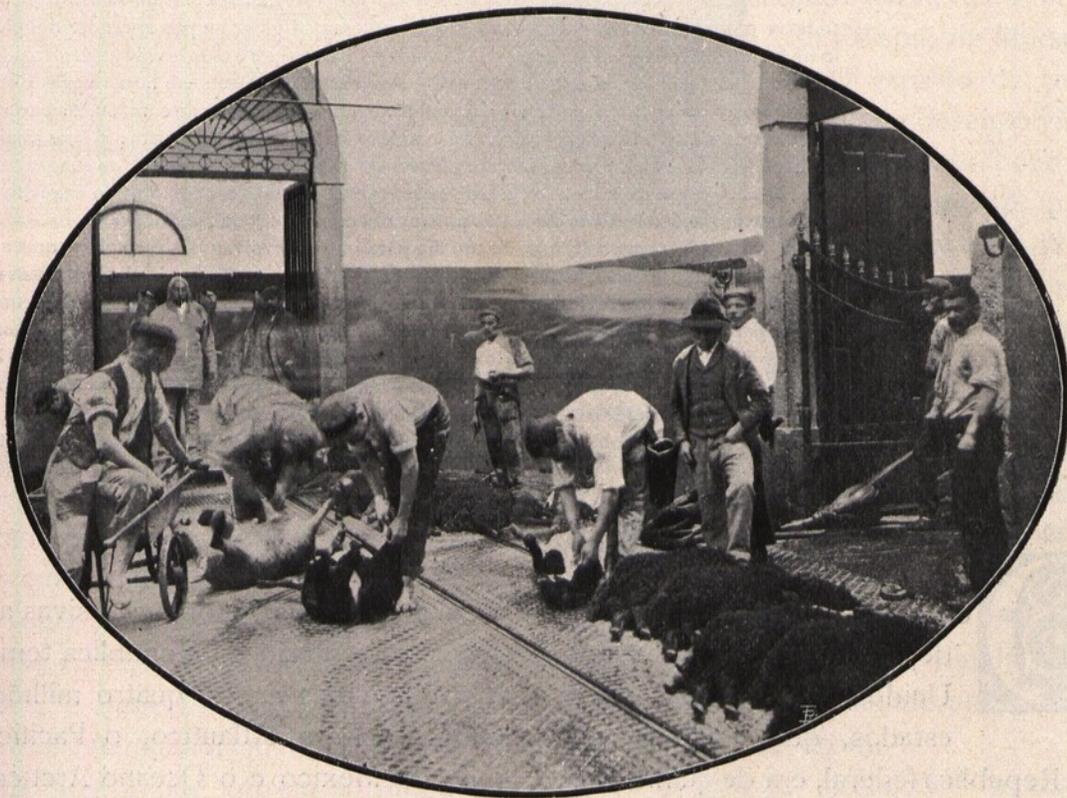
Folheemos a estatistica. Diz-nos ella que a carne consumida na capital, em 1890, pertencia a 36.550 bois; em 1895, a 30.849; em 1900, a 30.478, e, finalmente, em 1905, a 31.082. Como se vê, o consumo foi diminuindo progressivamente, a partir do inicio da crise economica, e só o anno passado essa progressão se deteve—o que não quer dizer que ella não prosiga de novo,

Clichés Benotiel

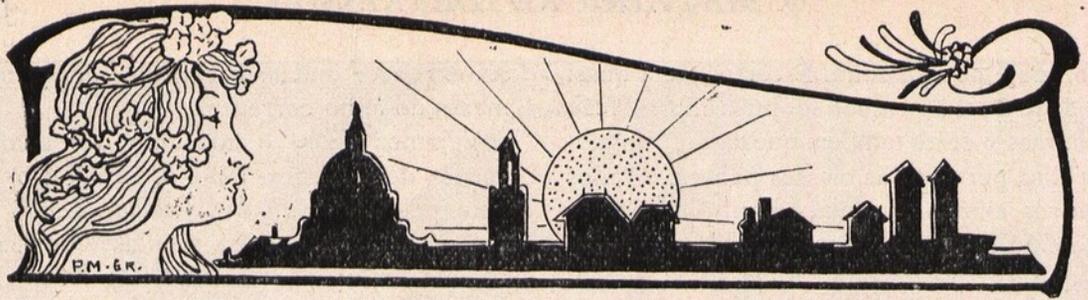
como parece indicar o consumo dos primeiros mezes do anno corrente.

Vejamus agora o consumo das chamadas carnes de luxo. Em 1890, o matadouro distribuiu pelos talhos 9.824 vitellas e 20.931 carneiros; em 1895, 9.874 vitellas e 22.632 carneiros; em 1900, 11.026 vitellas e 32.625 carneiros, e em 1905, 17.629 vitellas e 68.289 carneiros. O consumo foi, portanto, em progressão crescente, bastante acentuada. Parece que esta conclusão vem destruir a primeira, mas tal não succede, visto que de 1890 para cá a população augmentou consideravelmente, sendo esse augmento determinado, sobretudo, pelo numero de pessoas abastadas que vieram estabelecer-se em Lisboa — e são essas precisamente que consomem carne de vitella e carneiro que, pelo seu preço, raras vezes pode chegar á meza do pobre.

Apontámos o facto, visto elle se relacionar intimamente com o objecto do nosso artigo. A discussão ou o remedio d'elle é que já não nos diz respeito a nós — que apenas quizemos dar aos nossos leitores uma pallida ideia do que é o abastecimento das carnes em Lisboa.



ASSOPRANDO E ESFOLANDO OS CARNEIROS



Ó Sonho da America

Depois da violenta erupção do Vezuvio, que inundou de lavas, escorias e cinzas, tantas cidades e aldeias da Campania, coube a vez a S. Francisco e outras cidades da California de pagarem o seu tributo á destruição e á morte, com o recente terremoto, um dos mais violentos que o mundo presenciou depois do de Lisboa em 1755.

Nos Estados Unidos da America vivem 140.000 portuguezes, dos quaes 40 000 habitam a California. Os restantes distribuem-se pelos estados de Massachussets, Rhode Island, Pennsylvania, Georgia, Luisiana e Virginia. Empregam-se nos trabalhos do campo, na creação e exploração do gado, no mar como marinheiros e pescadores e nas industrias mecanicas, principalmente como fabricantes de tecidos.

Alguns, como os Srs. Bernardo Fernandes, natural da Figueira da Foz, e Manuel T. Freitas, da Ilha de S. Jorge, são tidos por millionarios. Os peculios de 20.000 dollars são numerosos e passam quasi despercebidos; ainda mesmo os possuidores de 100.000 dollars, 200.000 dollars, 300.000 dollars não dão na vista. Os milhões dos Vanderbilt, dos Carnegie, dos Rockefeller, ofuscam na America todas as pequenas fortunas.

A colonia portugueza merece muita estima dos americanos. As suas perfeitas qualidades de sobriedade, amor ao trabalho e respeito pela lei grangearam-lhe uma excellente reputação. Os portuguezes que emigram para a America do Norte americanizam-se rapidamente, sem todavia perderem o amor da terra em que nasceram. Começam por aprender o inglês, para mais facilmente poderem participar da formidavel labuta que é toda a vida americana. Chegam mesmo a só falar inglês entre elles; mas a sua leitura predilecta em horas vagas é sempre a dos nossos bons auctores nacionaes, aquelles que mais lhes falam ao coração das coisas ternas do seu paiz. Lá têm as suas egrejas, construidas e sustentadas á sua custa; as suas associações de beneficencia e de socorro mutuo, numerosas e deveras importantes; as suas escolas e os seus jornaes impressos na sua lingua; as suas festas populares, como as do Espirito Santo; as commemorações festivas das datas patrioticas como o 1.º de Dezembro.

A tremenda catastrophe que, de um dia para outro, envolveu nos escombros uma avultada parte d'aquella formosissima terra da California, destruindo tantos lares d'esses nossos irmãos, aniquilando tanto esforço, interrompendo tanta energia, esfacelando tanta esperanza, impregna de uma palpitante oportunidade o artigo que se segue e as illustrações que nelle se intercalam.

Por informações do Ministro de Portugal em Washington, o Sr. Visconde de Alte, que immediatamente á catastrophe partiu para S. Francisco, sabia-se já que muito reduzido fôra o numero de mortes entre os portuguezes. Pela leitura d'este nosso artigo se verá agora quanto os formidaveis e inexgotaveis recursos de toda a immensa terra da America vão facilitar, aos sobreviventes do terremoto e do incendio, a reconquista da fortuna, a victoria da tenacidade do homem sobre uma das mais caprichosas revoluções da natureza.



QUANDO foi proclamada a independencia dos Estados Unidos, a área dos treze estados, que então formaram a Republica federal, era de quinhentas mil milhas quadradas, comprehendendo apenas uma estreita zona de terreno ao longo do Atlantico e desde a Georgia até

o Canadá. Agora, e por successivas aquisições, o territorio da Republica tem uma área oito vezes maior, quatro milhões de milhas, com o Atlantico, o Pacifico, o golfo do Mexico e o Oceano Arctico por fronteiras naturaes.

As mais aceleradas communações ligam os pontos mais distantes do immenso



MONUMENTO AO TRABALHO EM MARKET STREET, S. FRANCISCO

continente. Os melhores, mais amplos e mais commodos barcos a vapor percorrem as suas bahias, os seus lagos, os seus rios e os seus canaes; as mais possantes locomotivas incessantemente passam, como em corridas de monstros vertiginosos, sobre os milhões de kilometros de caminho de ferro que atravessam todos os estados, e entre uns e outros se encruzilham e se emaranham em todos os sentidos.

Dos postes que correm ao longo das incommensuraveis campinas e d'aquelles que esfusiam dos quasi inacessiveis pincairos das montanhas, prendem-se, entrela-

çam-se os fios de que é urdida a rêde dos telegrafos, desdobrada sobre todo o territorio.

O trabalho, a industria, a intelligencia avançam sempre, aperfeiçoam-se sempre. A America gosa, com justo fundamento, da reputação de ser a terra dos inventos praticos. Só quem uma vez entrou nas galerias, absolutamente indescriptiveis, do Patent Office em Washington, o palacio onde se guardam e se mostram as collecções de modelos que justificam as patentes de invenção, pode avaliar, muito por alto, as faculdades inventivas do povo compatriota de Fulton, de Francklin, de Edison, de Morse.

O espirito da associação e do desenvolvimento da sciencia contribuem cumulativamente para a maior prosperidade agricola. O *trust* reuniu todos os esforços isolados; as

machinas substituiram os braços. A semente deixou de ser lançada á terra pela mão do homem; os ceifeiros passaram a só ser os conductores das machinas de segar. A debulha pelo attrito da pata do cavallo e esperando a brisa que hade separar a palha do grão tornou-se uma coisa de riso, á entrada triumphal das formidaveis debulhadoras mecanicas nas vastas planicies de ceara.

O progresso intellectual acompanha o progresso das industrias. Ao lado das fabricas e das officinas fundam-se as escolas, abrem-se as bibliothecas. O povo

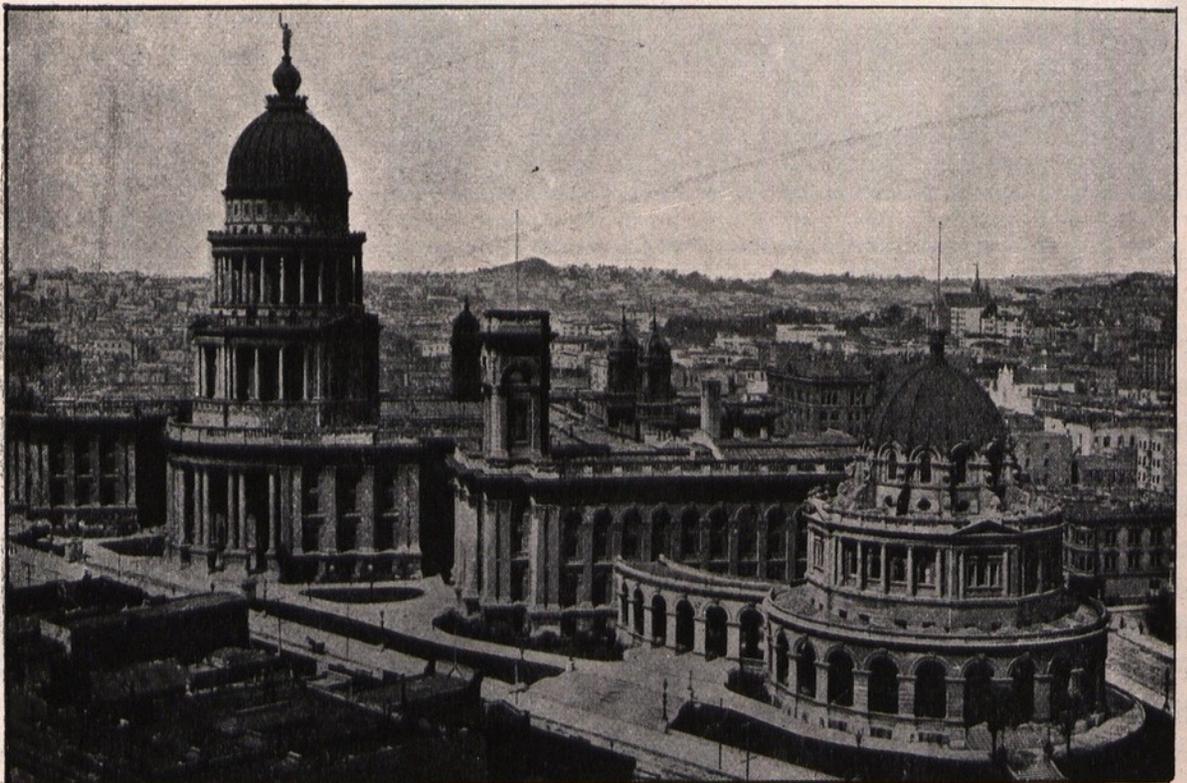
das cidades e do campo, laborioso e instruído, conhece e aprecia o valor das garantias sociaes que a lei lhe dá, sabe distinguir os deveres e os direitos do cidadão, e, sem outro auxilio mais que a sua intelligencia, a sua actividade, o respeito de si mesmo, tem aberto deante de si o caminho que conduz á fortuna, ás popularidades, aos mais elevados cargos da republica.

O povo delega o seu poder na auctoridade que elle proprio elege; e a auctoridade illustra o povo, facilita-lhe o ensino, garante-lhe a boa ordem de todas as coisas dentro da sociedade civil, estimula-lhe por todos os modos as faculdades progressivas.

O progresso religioso acompanha o desenvolvimento intellectual. A plena liberdade de cultos chama ao convívio benevolo da mesma terra, põe sob o mesmo benigno céo, ao abrigo de velhas

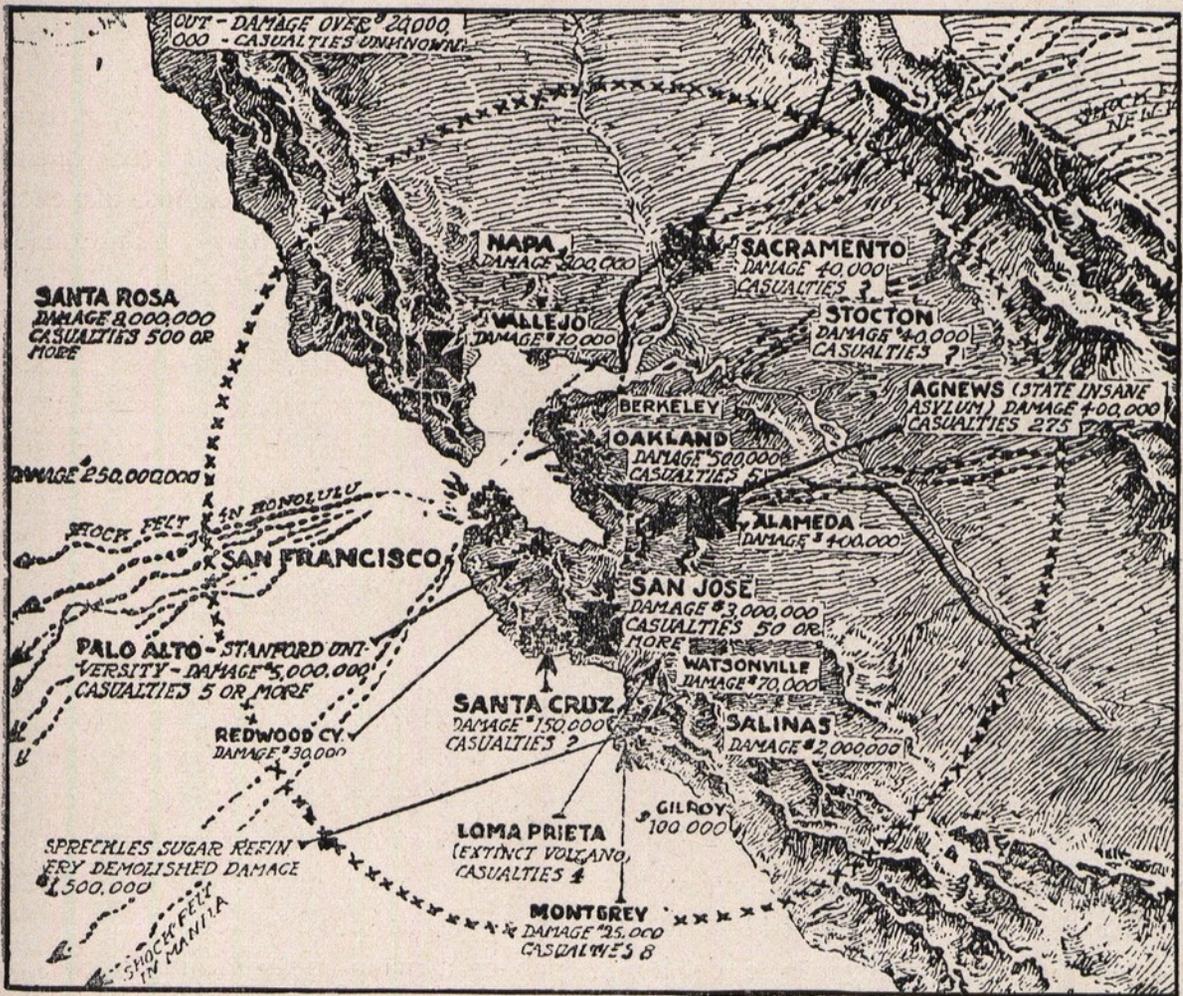
e renhidas luctas, catholicos, protestantes, israelitas. Desde que a construcção do templo obedece aos preceitos que regulam as edificações urbanas; desde que as fórmulas de propaganda religiosa não exorbitam os limites da ordem, o Estado nada tem que ver com o resto.

Afigura-se absorvente a natural tendencia do povo americano para as industrias; mas nem por isso as sciencias, a litteratura, as bellas artes ficam sem cultores. Em que isolado reconcavo da Europa vive ainda o triste ignorante que não conhece Edwards, o metafisico; Rittenhouse, o mathematico; Andubons, o naturalista; Prescott, o historiador; Irving ou Cooper, os novellistas da amenidade; Longfellow e Bryant, os poetas do enternecimento. E pintores como Allston, Bierstadt, Cole Copley e Sargent; e esculptores como Powers, Greenough, Miss Hosmer?



A CITY HALL, EM S. FRANCISCO

Era uma construcção magnificente, como se vé por esta gravura. Tinha custado cerca de 6.000 contos de réis. Depois do terremoto, apenas restou o esqueleto, em ferro, que supporta o grande zimbório



ZONA DE MAIOR INTENSIDADE SISMICA NA COSTA DA CALIFORNIA

(Do Saint Louis Post-Dispatch)

Entre os aventureiros que primitivamente devassaram o solo americano, levando á virgindade d'aquellas florestas os germens da civilisação, uns arrebatados pelo sonho da fortuna, outros constringidos a procurar em terra estranha a liberdade que a patria lhes nega-

va, engrossava a corrente da emigração a raça anglo-saxonia; e a indole pratica e liberal dos ingleses logo foi infundindo no espirito do povo que se formava o estimulo da dignidade civica. Um bello dia, surge Washington das massas populares, primeiro nas armas

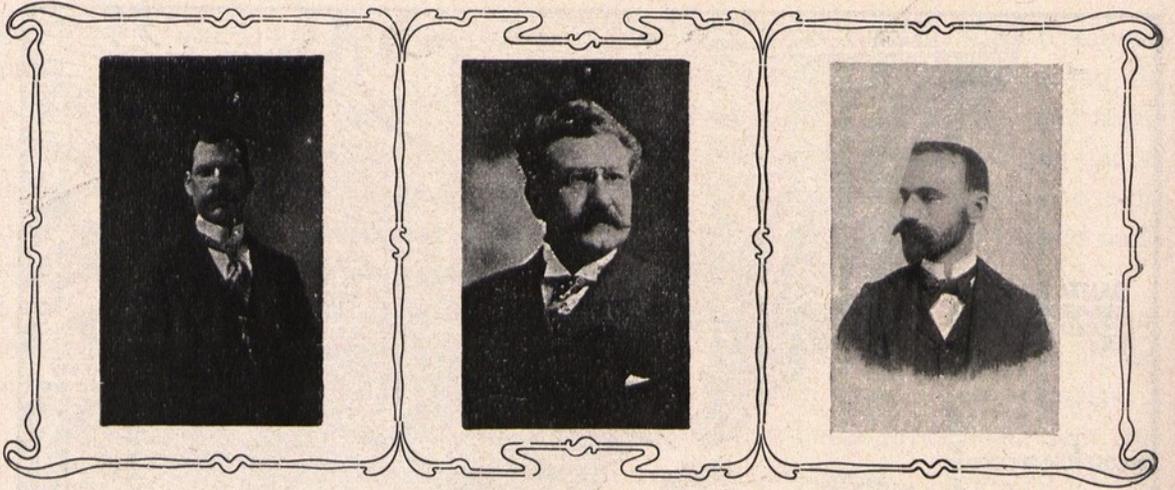


J. G. DE MATTOS JUNIOR

Senador português do Estado da California

REV.º DOMINGOS GOVERNO

Fundador e paroco da Igreja Portuguesa em Centerville, California



M. R. MATHIAS

*Enthusiasta do movimento
associativo português
na California*

DR. SOUSA BETTENCOURT

*Medico português
e actual vice-consul de Portugal
em S. Francisco*

JOAQUIM MENEZES

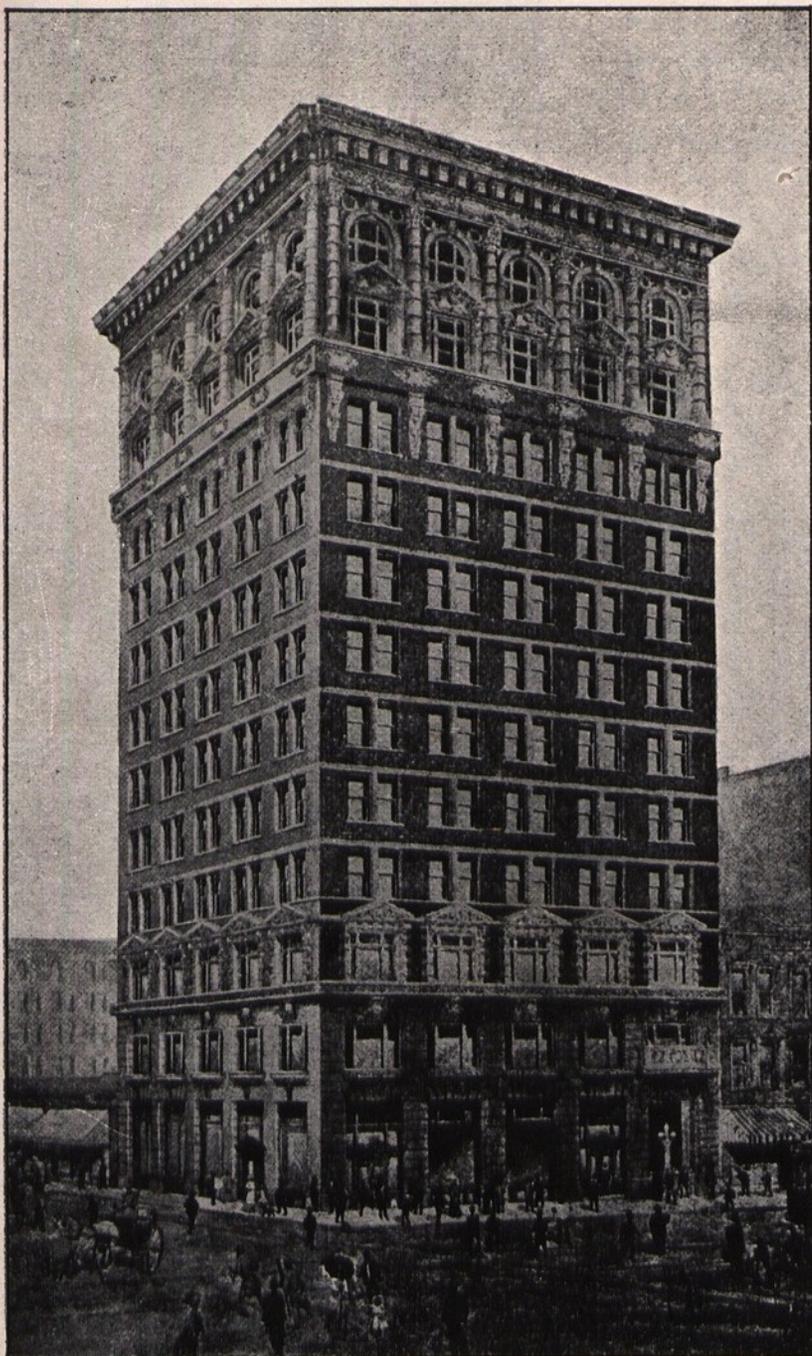
*Redactor do «Arauto»
jornal português em Oakland
California*

que conquistam a independencia do solo, primeiro na obediencia devida ao Congresso, representante do supremo poder que emana de todos os cidadãos. Querem que presida elle á nascente republica, e ahi se torna elle o mais alto exemplo da abnegação e da ho-

nestidade politica. Afilados por esse padrão de consummada honradez e de profundo amor patrio, todos os outros homens depois chamados a tomar conta do governo da nação, que incessantemente floresce, vêm perpetuando na republica a manutenção das instituições or-



EFFEITOS DO TERREMOTO NUMA CASA DE MADEIRA



O EDIFICIO DO SAVINGS BANK

Na cidade de los Angeles, California, todo em ferro, nada soffreu com o terremoto

ganicas e a constante obediencia ás leis — Jefferson e Munroe, Harrison e Lincoln, Mac-Kinley e Roosevelt . . .

O vinculo federal, que politicamente liga os diferentes estados da União, sem os prender quanto a interesses de administração interna, responde pela unificação das dezenas de milhões de almas, que vão constantemente augmentando em numero,

sob o influxo benevolo da civilisação, na razão directa da riqueza do solo, do bem-estar da familia, da garantia individual.

A noticia d'esse Novo Mundo, revestida de maravilha e de promessa, inquietou a cubiça de portugêses animosos e buliçosos. Não cuidava a patria de lhes quebrar os impetos da aventura, nem desvanecer-lhes a ancia de tentar outras paragens d'onde lhes acenasse a fortuna; antes parecia que tudo, dentro da propria patria, os espicaçava ao rompimento e lhes gritava: «Emigrael!» Gritavam-lh'o os abusos do poder, o desperdicio dos governos, a parcialidade da justiça, a escassez da instrucção, os direitos na importação das machinas, a divida fluctuante e a divida consolidada, as loterias, os negociantes do trigo, a immoralidade de muitos . . .



UMA CASA DOS PRIMITIVOS COLONOS DE S. FRANCISCO DAS POUCAS QUE FICARAM DE PÉ

Para lá foram ; e, á medida que lá iam chegando, o sonho de maravilha tornava-se-lhes realidade.

O portuguez, que enquanto não sae de Portugal parece crêr que toda a sua vida e todos os seus movimentos andam á mercê dos fados, das bruxas e dos governos, e tudo põe sob o patronato de santos e empenho de politicos, toma, em chegando á America, um vehemente poder de iniciativa directa. A concepção do espirito do homem afinado por mil annos de progresso intellectual, dispondo de todos os recursos da velha civilização europeia, e agitado por aquelle meio novo, alarga-se, estende-se, amplia-se a proporções surprehendentes. Sistematiza-se a vontade, elasticisa-se o esforço até tornar o esforço numa faculdade.

de, inteiramente nova, exclusivamente americana, que se chama — *improvement*. O *improvement* consiste em precipitar a evolução de qualquer designio pelo em-

prego das energias máximas. Na America — dizem os americanos — faz-se em vinte annos tudo quanto na Europa só se poderia fazer num seculo. Incide sobre tudo, sobre todos os actos e sobre todas as idéas, um jacto continuo de energia — energia fisica ou energia moral. A vida de Edison, a ponte de Brooklin, o *trust* do Aço, são syntheses formidaveis de formidaveis séries de energias.

A lucta não admite tréguas, é de todos os dias, é de todos os instantes, dura toda a vida. Mas não é já a lucta pela vida, que a vida é nada : é a lucta pelo milhão, pelo milhão que é tudo !



MISTRESS ANNA FRANÇA

Presidente suprema da Sociedade Portuguesa do Estado da California



PORTUGUEZES TRABALHANDO NOS CAMPOS DA CALIFORNIA



O TIPC MAIS EXPRESSIVO DA GALANTE MULHER AMERICANA
Encontra-se em S. Francisco

A vaidade do dollar é um sentimento tão intenso como o pode ser a vaidade do genio. Conquistar o dollar para poder desperdiçar o dollar é crear nome, arranjar fama, afirmar individualidade. Cada grande negocio, por muito grande que seja, por maior que seja, resulta sempre da concepção de um só homem, do arrojo de um só homem, da energia de um só homem. Os dominios abrangidos ás veses por um só d'esses negocios são taes, assumem taes proporções de vastidão e importancia, que o homem, unico a mandar, unico a governar, chega a exercer tanto

poder de mando e de governo como o que exerce um rei. E ha então o Rei do Aço, o Rei do Petroleo, o Rei do Carvão... Ha mesmo dinastias: os Vanderbilt são já uma dinastia.

São innumeraveis os casos em que o homem de negocios na America, partindo de um ponto de humildade extrema, attinge situações de notavel pro-eminentia. Um dos maiores potentados dos caminhos de ferro da California andou a trabalhar no assentamento dos carris da primeira das linhas ferreas que formaram a immensa rêde de que elle veiu a ser o primeiro dono. A experiencia, o conhecimento exacto, a pratica directa de um negocio são a base de todo o exito que esse mesmo negocio alcança entre as mãos do que o promoveu e conduz.

Elle não será ainda senão o aprendiz, o marçano, o principiante, neste ou naquelle officio, neste ou naquelle commercio, e já verá deante de si um alvo de vida,



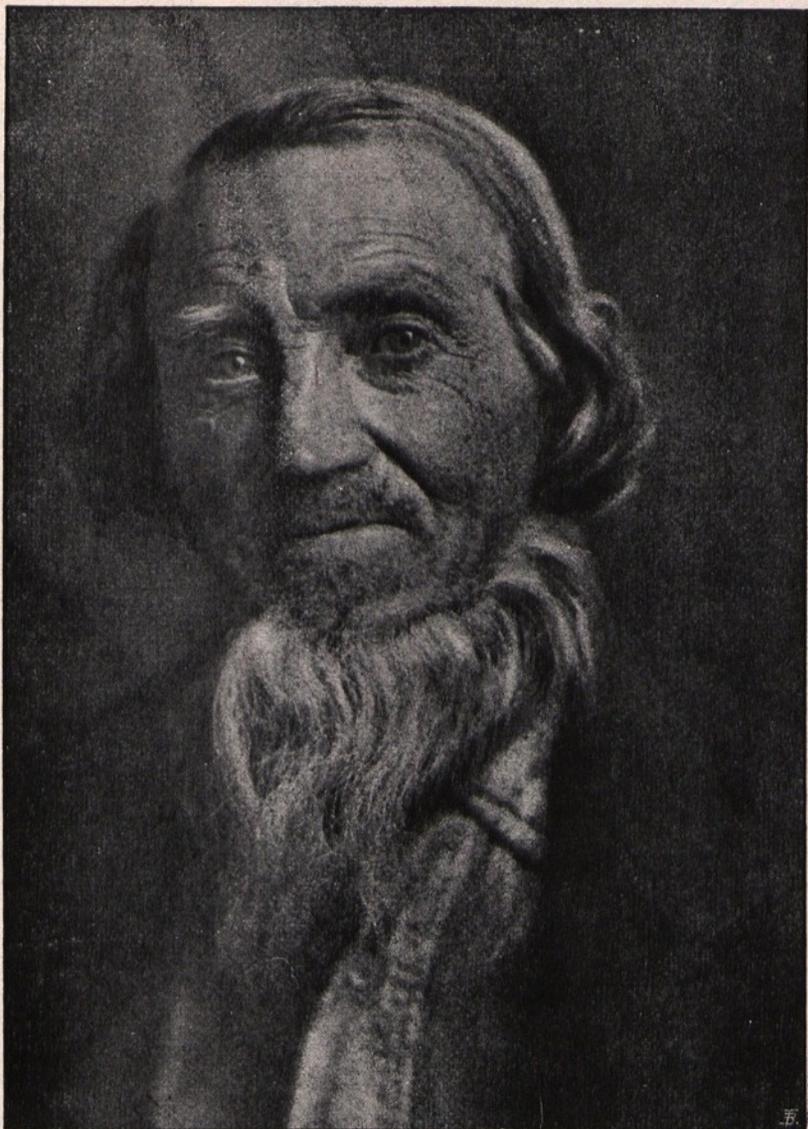
EGREJA PORTUGUEZA EM CENTERVILLE, CALIFORNIA

irá já no encalço de uma idéa, seguirá já um proposito e pôr-se-ha já caminho da realisação de um sonho. Ainda o que elle ganha é pouco menos que nada, e já d'esse pouco menos que nada elle vae pondo de parte alguma coisa. A historia, direi antes o romance de cada uma d'essas grandes fortunas, começa sempre por um pé de meia. Ha milhões que são contos de fadas, milhões de dollares que se desdobram de um dollar.

Todo o americano que delibera metter hombros a um negocio, trata, antes de mais nada, de arranjar o capital que esse negocio demande. São-lhe precisos, suppunhamos, dois mil dollars. Chega-se ao dia em que elle já possui mil novecentos e noventa e cinco dollares. É um sabado. Mais cinco dollares, e já na segunda-feira, principio de semana, bom dia para principio de empresas, elle poderia principiar...



PRESBYTERIO DA EGREJA PORTUGUEZA EM CENTREVILLE, CALIFORNIA



UM VELHO TYPO DE PORTUGUEZ AMERICANISADO

Mas não. Fica para a outra semana, para a outra segunda-feira. E na segunda-feira seguinte, ao metter na empresa os seus dois mil dollares de economias, esse homem não terá mais de seu do que a roupa que tiver no corpo. A sua empresa crescerá, alargar-se-ha, tomará proporções que exorbitem toda a expectativa; dentro de poucos annos, esse homem valerá milhões, as letras com que se escreve o seu nome serão aquellas que maior numero de veses se hão-de repetir nos livros dos bancos mais solidos e das mais poderosas companhias; e esse homem nem um só dia deixará de levantar-se da cama ás sete horas da



AVALON, FOSMOSSIMA PRAIA NA ILHA DE SANTA CATALINA, FREQUENTADA PELA GENTE RICA DA CALIFORNIA

manhã, para estar nos seus escriptorios ás nove horas precisas.

Em toda a America do Norte impera o bom senso popular, como se fosse instituição organica da sua constituição politi-

ca. Ella não oferece sómente ao Velho Mundo o espectaculo atordoador da sua sempre crescente prosperidade — a sua exportação fenomenal, o enorme desenvolvimento das suas industrias, o alarga-



UM GRUPO DE BANHISTAS NA PRAIA DE AVALON



PORTUGUEZES TRABALHANDO NOS CAMPOS DA CALIFORNIA

mento illimitado da sua agricultura : mostra-lhe como, pelo amor da escola, pelo respeito da lei, pela pertinacia no trabalho, se formam as solidas sociedades civis,

sem distinções de raça, nem de nacionalidade, nem de religião, sem privilegio de nascimento ou de fortuna.

ALFREDO MESQUITA.

Epigraphie d'um livro

Se tu presides sempre, casta e pura,
 A todos os meus doidos pensamentos,
 Ao que me delicia ou me tortura,
 Breves horas de dor, leves momentos
 D'alegria, de paz e de ventura,
 Tal como o sol que os raios do alto ceu
 Lança por sobre a Terra e sobre as aguas,
 Que este livro de risos e de magoas
 Por epigraphie tenha o nome teu.

ALCANTARA CARREIRA.



VISTA DA ENTRADA DA BATERIA DO BOM SUCCESSO

A Torre de Belem

No seu interessantissimo livro a *Architectura da Renascença em Portugal*, de que os *Serões* já publicaram uma parte e que em breve continuarão a dar aos seus leitores, diz Albrecht Haupt que é certamente unico no mundo o aspecto dominador e guerreiro da formosissima torre assente na margem direita do Tejo, entre Belem e Pedrouços.

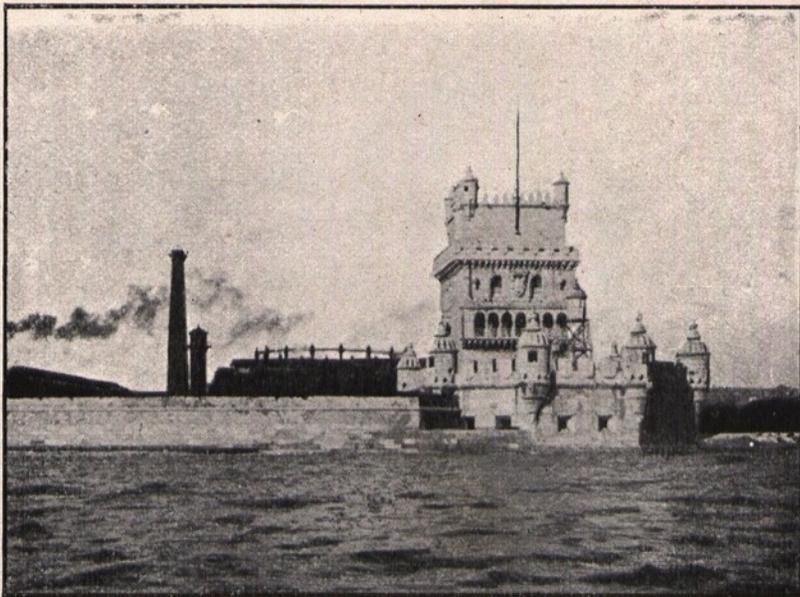
Quem uma vez admirou aquelle encantador monumento, sobretudo quando a atmosphaera é azul e luminosa, nunca mais esquece a graciosidade e leveza das linhas geraes, a delicadeza e bem acabado de todas as minucias,

e menos o julgará um edificio na realidade existente que uma d'essas concepções da nossa phantasia, quando, embalados na leitura de uma novella de cavallaria, imaginamos os castellos situados no paiz do Sonho, de que o esforçado Amadis ou o impavido Galoer tem de ir arrancar as suas bellas.

A TORRE VELHA — A CONSTRUÇÃO DA ACTUAL

Em tempos de D. João I, a fim de se evitar que navios inimigos pudessem percorrer o Tejo a seu salvo, como tinham feito pouco antes os castelhanos durante o cerco de Lisboa, foi construida na margem esquerda uma fortificação, que veio a chamar-se Torre Velha, com o volver dos annos.

D. João II, querendo que na margem direita houvesse tambem uma fortaleza para cruzar os fogos com aquella, deu o encargo de traçar-lhe o plano, ou de debuxal-a, como então se diria mais commumente, ao seu pagem de escrivanhinha, ou secretario, Garcia de Rezende, a quem a nossa litteratura deve uma historia do reinado d'aquelle monarcha, escripta sob o titulo de «Chronica dos valorosos e insignes feitos de el-rei D. João II», e um Cancioneiro, recopilção de trovas por elle compostas, em grande



A TORRE E O SEU VISINHO GAZOMETRO, VISTOS DA BANDA DO TEJO

navegações e conquistas de além mar.

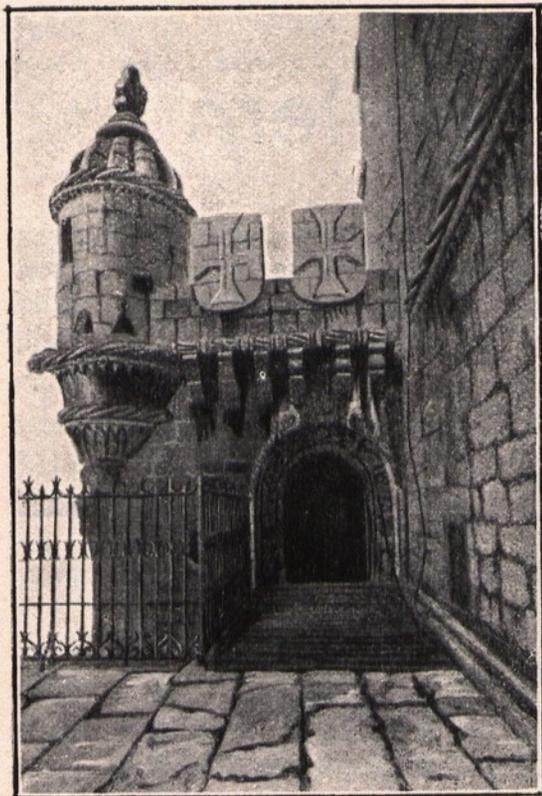
A TORRE COMO ELEMENTO DE DEFEZA

Esta construcção não tem hoje a minima importancia sob o ponto de vista de defeza do porto de Lisboa, e seria até para desejar que muito mais longe d'ella estivessem as fortificações a que está incumbida uma tal missão, a fim de evitar-se que algum projectil para estas dirigido, em caso de ataque, fosse damnificar o admiravel monumento de architectura militar.

Já vão afastados os tempos em que a Torre de Belem podia entrar em lucta com os navios que do Tejo pretendessem affrontar a nossa soberania. De dois casos nos lembramos em que ella entrou em acção.

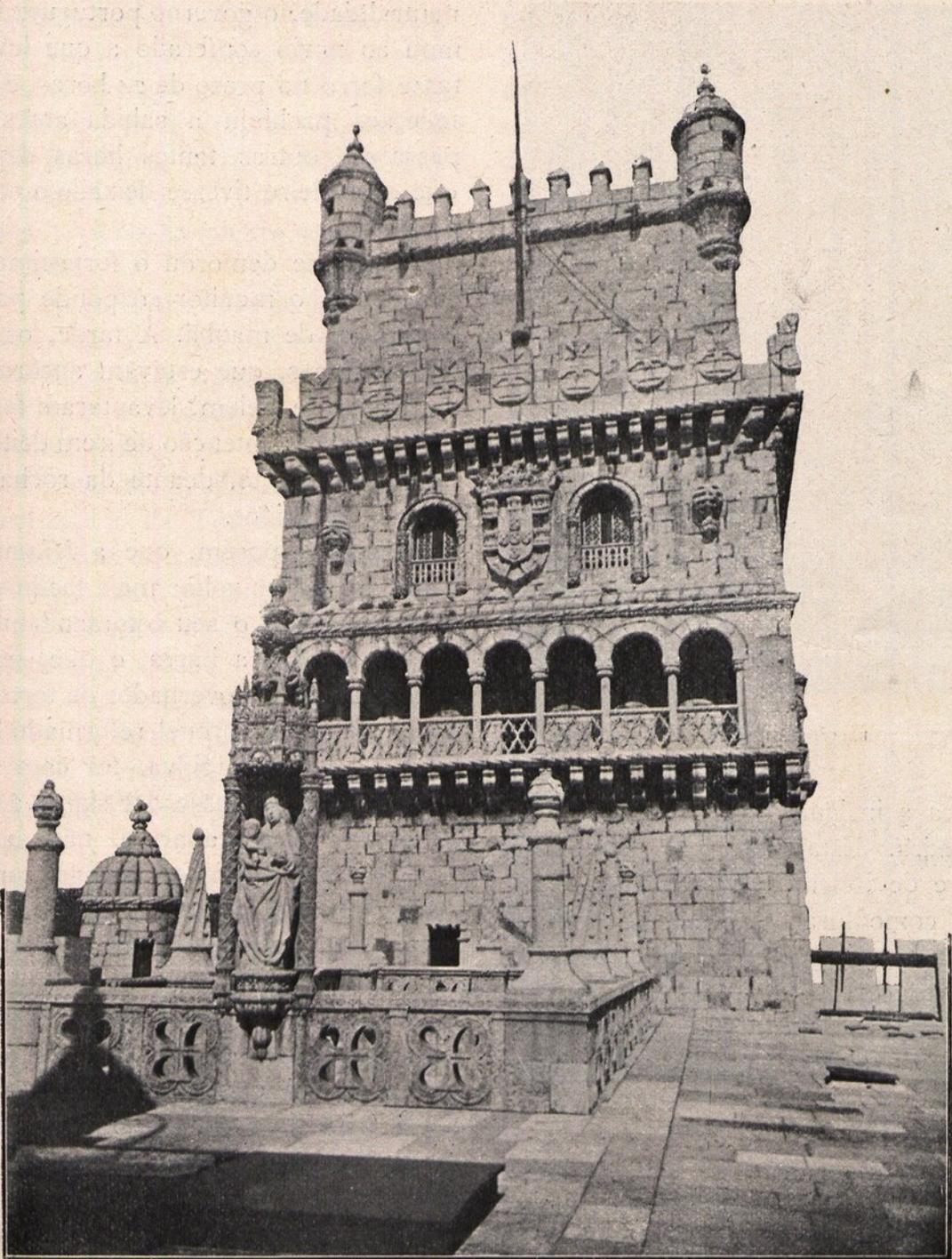
O ATAQUE DE UM ALMIRANTE FRANCEZ

O primeiro foi em 11 de julho de 1831, quando o contra-almirante barão de Roussin forçou a barra do Tejo e, tendo canhoneado as fortalezas das duas margens, veiu ancorar deante do pontal de Cacilhas, a fim de exigir uma reparação ao governo de D. Miguel



ENTRADA (LADO DE LESTE)

parte na côrte portugueza, onde viveu largos annos, na privança do grande rei, que tamanho impulso deu ás nossas



A TORRE VISTA DO TERRAÇO QUE AVANÇA SOBRE O TEJO

pelos insultos e prejuizos de que tinham sido victimas cidadãos francezes. No relatorio que, sobre a ingloria façanha, Roussin dirigiu ao general Sebastiani, ministro de Luiz Filippe, lê-se: «Às quatro horas a *Suffren*, tor-

nada chefe de fila e seguida da *Cidade de Marselha* e *Alger*, e das fragatas *Pallas*, *Melpomène* e *Dido*, acommetteu a Torre de Belem a 60 toezas e a combateu vivamente.»

A nau *Suffren* era o navio que ar-



BALCÃO NA FACE DE LESTE

vorava a insignia do commandante da esquadra. Esta, havendo passado a Torre de Belem, cessou o fogo. É sabido como foram satisfeitas completamente as exigencias da França, e como o governo realista se sahiu tristemente d'aquella aventura, que nos custou a perda de alguns navios e de não pequenas quantias, exigidas como indemnisação.

UM CONFLICTO COM OS AMERICANOS

No segundo caso a Torre de Belem desempenhou o papel de aggressora.

Estava accesa a guerra civil nos Estados Unidos da America. A 26 de março de 1865 entrou no Tejo o monitor *Stonewall*, dos Estados Unidos do Sul ou Conferados, e horas depois a fragata *Niagara* e a corveta *Sacramento*, dos Estados Unidos do Norte ou Federaes. Respeitando as leis da

neutralidade, o governo portuguez intimou ao navio conferado a que levantasse ferro no praso de 24 horas, e aos federaes prohibiu a sahida antes de passarem outras tantas horas depois que o primeiro tivesse deixado o nosso porto.

Porque se demorou o fornecimento de carvão, o monitor só poude partir no dia 28 de manhã. Á tarde, os navios federaes, que estavam ancorados em frente de Belem, levantaram ferro, parece que na intenção de irem deital-o mais a montante, deante da rocha do Conde de Obidos.

Sucedeu, porém, que a *Niagara*, a fim de poder voltar mais facilmente — disse depois o seu commandante — se dirigiu para a barra, o que, sendo observado pelo governador da torre de Belem, tenente coronel reformado Manuel Joaquim da Silva, fez com que este official mandasse dar signal á fragata para retrogradar, e, não sendo isto bastante, romper o fogo contra ella. Foram disparados sete tiros, dos quaes acertaram tres balas no costado do navio federal.]

Originou-se com isto uma reclamação do ministro americano, em consequencia da qual o tenente coronel Silva foi, pela ordem do exercito de 1 de abril do mesmo anno, exonerado do governo da Torre de S. Vicente de Belem e reprehendido, por haver mandado fazer fogo sobre uma fragata dos Estados Unidos da America, depois d'esta ter arreado a sua bandeira e virado de bordo, «reconhecendo assim o signal dado pela mesma fortaleza, que lhe fizera alguns tiros com o fim de que não continuasse a navegar na direcção da barra do Tejo.»

Esta solução desagradou muito em Lisboa e em todo o paiz, por se julgar

que o tenente coronel Silva não tinha feito mais do que cumprir as ordens recebidas do governo. Não obstante ser ministro da guerra o visconde de Sá de Bandeira, de tão glorioso passado militar, deu-se aquella satisfação, porque... a corda quebra sempre pelo mais fraco.

A 6 de abril arvorava-se na Torre a bandeira das estrellas e riscas, e a nossa artilharia dava uma salva de 21 tiros, a que a *Niagara* correspondeu com outra igual.

Não seria tão facilmente immolado o governador da Torre de Belem ás conveniencias da politica internacional, se o cargo ainda ao tempo fosse exercido pelo duque da Terceira, que o desempenhou desde 1834 até 1860, data em que falleceu, nem por outros militares illustres que o occuparam, taes como o visconde de Jerumêna, o marquez de Vagos e o marquez de Marialva.

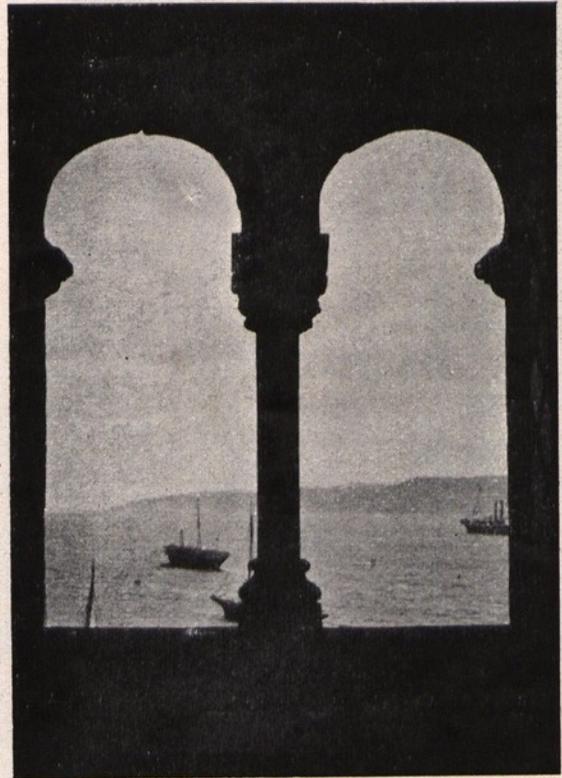
O lugar tinha sido muito appetecido e sómente se concedia por alta mercê, emquanto se impoz a todos os navios que entravam no Tejo a contribuição de 37800 réis, da qual se davam 17600 réis ao governador e o resto era distribuido de maneira que tocassem 7 réis a cada soldado da guarnição. Este tributo deixou de existir pouco depois de se estabelecer definitivamente o regimen constitucional.

COMO SE QUIZ APROVEITAR A TORRE E COMO SE PREJUDICOU

Reconhecido o diminuto ou nenhum valor da Torre de Belem como obra de fortificação, pensou-se em aproveitá-la para museu militar, chegando até, em 1869, a ser o visconde de Pernes encarregado de organisal-o, o que não

poude effectuar-se por falta da verba indispensavel. Bom foi certamente que assim acontecesse, visto que as quatro salas correspondentes aos diversos andares do edificio teem pouca luz e são um tanto humidas.

Como admiravel monumento militar é que ella deve ser conservada, e grande lastima é que tenha havido alguém, tão desprovido de senso esthetico e de pa-



O RIO, VISTO ATRAVEZ DA ARCARIA DO BALCÃO

triotismo, que permittisse o inqualificavel attentado de se estabelecerem tão perto de ali officinas da Companhia do Gaz, com dois gravissimos prejuizos para a Torre. O primeiro, o que para a vista resulta da visinhança de desmantelados casebres, do grande pannelão negro do gazometro e dos montões de carvão de pedra, constituindo um fundo absolutamente medonho. O outro, mais grave ainda, provém das emanções exhaladas dos depositos de productos da distillação da hulha,



BALAUSTRADA EM TORNO DO PATEO CENTRAL, COM A ESTATUA DA VIRGEM

que vão corroendo a pouco e pouco a pedra finamente lavrada da linda maravilha architectonica, ao mesmo passo que o negro de fumo penetra por todos os intersticios das paredes, especialmente da que se oppõe ao rio, e se incrusta nas fendas da pedra, que, n'aquelle lado, de branca já se tornou preta.

Vergonha é esta que nos tem já valido severas e merecidas censuras. Não ha muito que o conhecido escriptor francez Paul Bonnetain, ao subir o Tejo n'um transatlantico e desconhecendo ainda a repugnante malfeitoria,

chamou³ para a tolda do paquete os seus companheiros de viagem, ancioso de mostrar-lhes a linda preciosidade, que elle já admirara detidamente, em outra visita que tinha feito a Lisboa. Vê a Torre a projectar-se nos hediondos negrumes da fabrica de gaz, e de tal indignação fica possuido, que escreve immediatamente para o *Figaro* uma diatribe furiosa, em que nos tratou quasi tão mal como Lord Byron nas celebres paginas do *Childe Harold*...

e com muita mais razão infelizmente.

UM ADMIRAVEL
MONUMENTO
DE ARCHITECTURA
GUERREIRA

Não é só de longe que o bello edificio produz um magnifico effeito esthetico, como com muitos outros monumentos succede. Examinado de perto, a impressão é igualmente dominadora e profunda.

A porta de entrada fica do lado do nascente, estando a ponte levadiça quasi de nivel com a areia da praia. Depara-se-nos logo a bella galeria abobadada das casamatas, em cujo centro ha um pateo aberto. Em volta d'este ha uma serie de arcos ogivaes, e superiormente corre uma balaustrada que, como os arcos, tem por motivo principal de decoração a Cruz de Christo.

Para a torre quadrada se entra por uma escada de poucos degraus, a qual sobe de um terraço que avança para o lado do sul e é rodeiado de guaritas, com a cupula em gomos, e ameias

graciosamente lavradas, tendo cada uma d'ellas esculpidos o escudo e a cruz de Christo.

N'esse terraço estavam antigamente montadas peças de artilharia, assim como na bateria casamatada que fica no pavimento inferior, em cujo centro ha uma abertura rectangular, rodeiada de balaustradas de lindo lavor, sobre as quaes um baldaquino delicioso abriga uma bella estatua da Virgem com o Menino, tendo por emblema um cacho de uvas, suggestionando porventura a importancia vinicola do paiz. Para esta especie de cova deitavam as portas das antigas masmorras. Da bateria casamatada sobe-se para o terraço immediatamente superior por uma escada de pedra, encostada por um dos lados á muralha da torre.

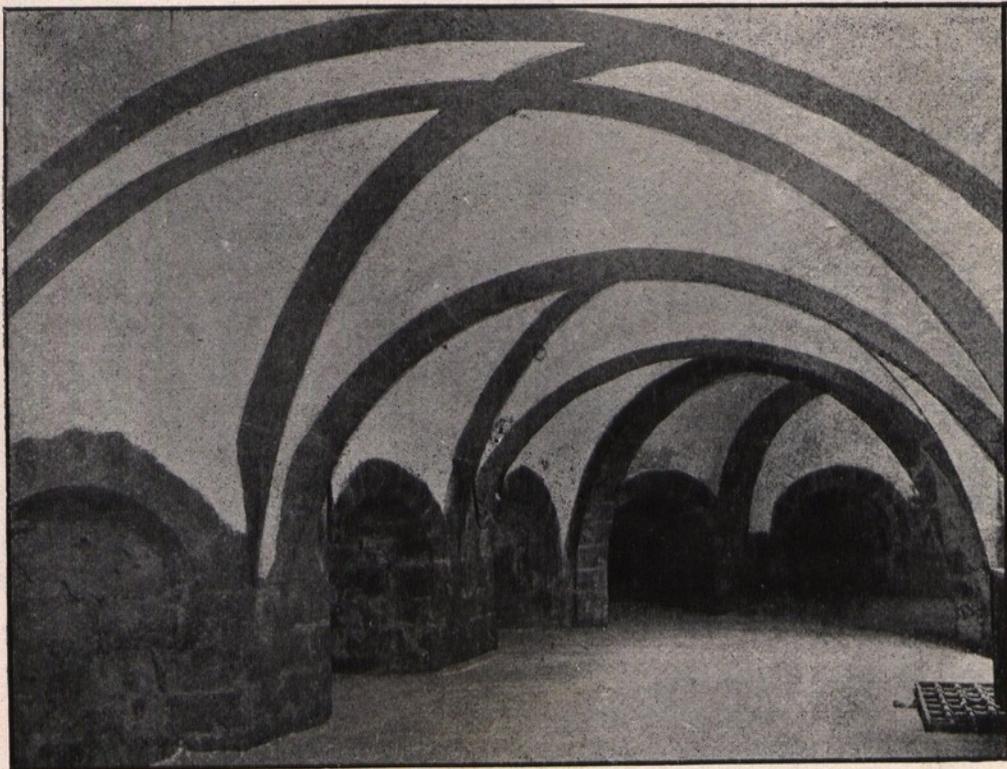
Por sobre esta escada, formando mainel para quem do terraço se lhe aproxima, ha uma balaustrada cujo desenho destôa do que predomina em

toda a construcção, na qual figura sempre a cruz de Christo. É sobremaneira desagradavel e anachronica a ornamentação da parte superior da balaustrada feita com granadas.

É um dos poucos, senão o unico vestigio de mau gosto com que as reparações feitas no seculo passado inquinaram o puro e bello estylo do maravilhoso monumento.

O engenheiro Antonio de Azevedo e Castro, que em 1846 presidiu aos trabalhos executados na torre sob os auspicios do marechal duque da Terceira, então ministro da guerra, mostrou um respeito meticoloso pelo plano primitivo. Não seria elle com certeza que permitiria aquelle monstruoso attentado.

A meia altura da torre sobesae, para o lado do rio, um grande balcão alpendrado, apoiado sobre cachorros, aberto com columnas, arcos e parapeitos rendilhados. Pequenos balcões semelhantes existem nas outras faces da torre.



BATERIA CASAMATADA COM A GRADE DE UMA MASMORRA

Acima d'estes balcões existe outro pavimento com janellas, bipartidas nas faces lateraes, com columnas que todas se differenciam nos labores. As da face sul são singelas, ficando entre ellas as armas portuguezas. Superiormente existe o adarve igualmente apoiado em cachorros e ameiado como o terraço. A plataforma superior, tambem ameiada, é guarnecida por quatro guaritas nos angulos.

Os pormenores, que succinctamente apresentamos, ampliam e rectificam em certos pontos a descripção de Haupt, a qual se pode ler no vol. IV dos *Serões* (1.^a serie) a pag. 114. Vê-se por elles que não foram tão descuidadas

como dá a entender o sabio allemão as restaurações feitas na Torre.

Não pode comtudo deixar-se passar sem reparo a triste ideia do pharolim lenticular, de luz vermelha, montado em 1865 no terraço da Torre e assente n'uma *mesa de serviço* de ferro. Comquanto na forma geral se quizessem imitar as guaritas do monumento, é desastrado o effeito d'aquelle pespego.

A Torre era d'antes completamente cercada pela agua. Diz Damião de Goes que dentro da agua foi ella construida. Teria sido uma fortuna grande que assim houvesse continuado. O Tejo amigo defendel-a-hia por esta forma da horripilante visinhança do gazometro.



PANORAMA DA MARGEM DIREITA DO TEJO COM A BATERIA DO BOM SUCESSO, VISTO DA TORRE

Clichés de A. Lima.



O Pedro e os seus companheiros



rapaz chamava-se Pedro, e vivia só com a mãe, que era uma pobre viuva.

Um dia, como no lugar não ganhava nada, pediu á mãe que lhe fizesse um bolo na cinza do borrarho e que matasse a gallinha preta, porque queria ir em busca de fortuna.

A mãe fez lhe a vontade e o Pedro abalou na manhã seguinte, quando vinha rompendo o sol.

A viuva acompanhou-o até á porta do quintal e perguntou-lhe:

— Que queres tu, ó Pedro? Metade do bolo e da gallinha, com a minha benção, ou todo o bolo e toda a gallinha com a minha maldição?

— Oh! Minha rica mãe — respondeu o Pedro — não queria a sua maldição, nem que viesse com todas as riquezas do sr. marquez dos Sete Castellos.

— Pois então, filho, aqui tens o bolo inteiro e toda a gallinha, e a benção da tua mãe.

E enquanto ella o viu, não se tirou da porta do quintal, pedindo a Deus Nosso Senhor que levasse em bem o filho.

O Pedro foi andando, andando, até que se sentou para descansar á beira d'um caminho. Olhou para traz de si e viu um regato, e mettido n'elle um burro, com a agua quasi a cobrir-lhe a cabeça. E o burro disse-lhe:

— Acode-me, Pedro, se não afo-go-me. Estou mettido no lodo e não sou capaz de arrancar-me d'aqui.

O rapaz agarrou-se com uma das mãos ao ramo de uma arvore e com a outra á arreata do burro, e puxou tanto que o animal sahiu d'ali para fora.

— Obrigado, ó Pedro, disse-lhe o burro, quando se viu em terra firme. Oxalá possa ainda fazer-te um grande favor. Para onde vaes?

— Vou em busca de fortuna.

— Pois se queres vou contigo, para ver se tambem a encontro.

— Pois vem, mas toca a andar, que se vae fazendo tarde.

Atravessaram d'ali a pouco um logar e viram um bando de garotos, a perseguir um cão que tinha uma lata presa ao rabo.

O cão pediu ao Pedro que lhe acudisse, e o Pedro deu um bofetão n'um dos garotos e o burro desatou a zurrar com tanta força, que todos os outros deitaram a fugir com medo.

— Muito obrigado, ó Pedro. D'aqui por deante nunca mais te largo. Para onde vão vocês?

— Vamos em busca de fortuna.

Foram andando os tres e chegaram ao pé de outra aldeia. O Pedro sentou se no chão, abriu o farnel que a mãe lhe tinha arranjado, e repartiu a comida com o cão. Estavam ambos a comer e a tagarellar, quando appareceu um gato muito magro e enfezado.

O cão ia rosar-lhe, mas o Pedro aquietou-o e disse ao gato:

— Ai! Pobre bichano! Parece não teres comido n'estes ultimos quinze dias.

— Se não morri já de fome, respondeu o gato, é porque não tenho onde cahir morto.

— Pois então vae rilhando essa aza de gallinha.

O gato comeu, e disse depois:

— Obrigado, ó Pedro. Será atrevimento da minha parte perguntar-te para onde vaes?

— Vou em busca de fortuna. Se queres vem conosco.

— Vou, sim, e hei de ser teu amigo para a vida e para a morte.

Os quatro metteram-se a caminho e quando iam passando ao pé de um souto de azinheiras, ouviram uma restolhada e viram apparecer uma raposa, com um gallo na bocca.

— Uã! Uã! Larga o pobre bicho, grande ladra! fez o burro, zurrando com tanta força que lembrava um trovão dos mais fortes.

E o Pedro gritou ao cão:

— Salva o desgraçadinho!

Palavras não eram ditas, e o cachorro atirou-se á raposa, que desatou a fugir com quantas pernas tinha.

O pobre do gallo, vendo-se livre, veio todo a tremer juntar-se ao rapaz e aos seus companheiros, e disse:

— Ai! Em boa hora passaram por aqui!... Já me julgava no papo da raposa malvada! Felizmente nem sequer me feriu! Muito obrigado! Muito obrigado! Cócórocó! Cócórocó! Mas para onde vão vocês?

— Vamos em busca de fortuna, disse-lhe o Pedro, e se quizeres podes vir com a gente.

Continuaram todos cinco a jornada, e foram andando, andando, sem avistar sombra de aldeia nem de casal.

O sol já se tinha escondido e o rapaz disse aos companheiros:

— Como é verão, a noite não ha de ser fria, e o melhor é irmos para aquella pinhal, onde certamente se arranjará poiso para nós cinco.

Foram, e o Pedro, mais o gato e o cão deitaram-se n'uma caminha de caruma de pinheiro, enquanto o gallo se empoleirava n'um ramo, e o burro ia pastando uma erva muito tenrinha que descobriu perto d'ali.

O Pedro, o gato e o cão já estavam a bom dormir e até o burro se tinha deitado, depois de comer toda a erva, quando, no instante em que ia tambem pregar olho, sentiu o gallo a cantar no poleiro, e a bater as azas.

— Cala-te, mondongo! — disse-lhe elle muito zangado. Porque fazes tanto barulho?

— Porque já vem amanhecendo, e, como sou gallo, tenho obrigação de dar o signal.

— Qual amanhecer, nem meio amanhecer! respondeu-lhe o burro, mais zangado ainda.

— Pois não vês aquella luzinha, lá muito adeante? — perguntou o gallo. É o sol.

— Ai que tu ainda és mais burro do que eu! — disse-lhe o outro depois de se

levantar e olhando para a tal luzinha. Aquillo é uma candeia, que está accesa dentro d'uma casa.

— Podemos ir lá pedir pousada — acudiu o cão, que tinhá acordado com o falatorio, assim como o rapaz e o gato.

E foram todos cinco pelo meio dos troncos, das silvas e dos rochedos, e chegaram ao pé d'uma janella onde apparecia a luzinha.

— Não façam bulha — disse o Pedro — e vamos pé ante pé saber que qualidade de gente é a que ali mora.

E assim foram, e viram lá dentro cinco ladrões armados de facas, pistolas e bacamartes, sentados á roda de uma meza, comendo e bebendo.

— Lá vae á saude do marquez dos Sete Castellos! — disse um ladrão, que tinha deante de si um grande pratalhaz de comida e um enorme copazio de vinho.

Outro ladrão respondeu: E á do guarda-portão do marquez, que nos deixou entrar, para roubar-mos tanta coisa boa.

E todos os ladrões despejaram para as guelas os copos, enquanto o Pedro dizia em voz baixa aos companheiros:

— Unir fileiras, minha gente, e attenção ao signal que eu der.

O burro assentou as patas deanteiras no peitoril da janella e o cão na cabeça do burro; o gato agarrou-se ao cachaço do cão e o gallo ao lombo do gato.

E apenas o Pedro fez o signal, romperam todos n'um barulho de seiscentos demonios.

— Him! Han! Him! Han! — zurrou o burro; — ão, ão, ão! — ladrou o cão; — Miau! Miau! Miau! — miou o gato; — Có! cócórócó! — cantou o gallo.

— Apontem bem as pistolas, gritou o Pedro, e escangalhem-me aquelles patifes. Não quero que escape nem um só. Fogo!

Repetiram o berreiro e fizeram em fanaticos todos os vidros da janella.

Os ladrões tiveram tamanho susto que apagaram as luzes, e fugiram pelas trazeiras da casa até ao sitio mais occulto do bosque.

O Pedro e os companheiros entraram logo, fecharam os postigos, accenderam muitas luzes e comeram e beberam enquanto tiveram vontade. Depois foram descançar, indo o Pedro para a cama, o burro para o curral, o cão para o capacho da porta, o gato para o borralho e o gallo para o poleiro.

A principio os ladrões deram graças a Deus por se verem livres no meio do arvoredado, mas por fim sentiram-se vexados.

— Esta relva sempre faz differença do nosso quarto muito agazalhadinho — disse um.

E outro respondeu:

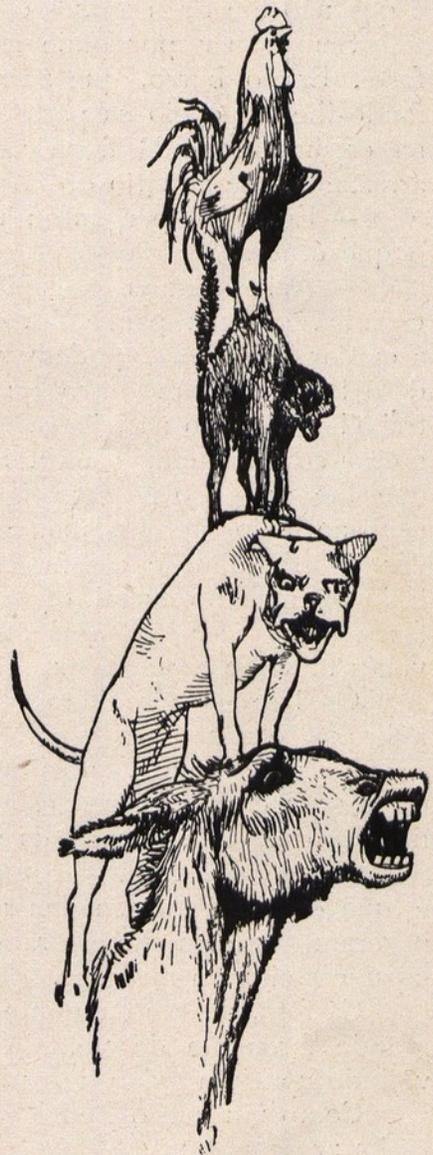
— Tive que deixar em meio a bella petisqueira que estava papando.

E outro:

— Cá por mim não cheguei a beber a primeira golada do vinho que ia emborcar.

E o quarto ladrão disse:

— E todo o oiro e prata do marquez de Sete Castellos que lá deixámos!



E apenas o Pedro fez o signal, romperam todos n'um barulho de seiscentos demonios.

—Pois muito bem — atalhou o capitão dos ladrões — afoito-me a voltar atraz e verei se podemos tornar a apanhar alguma coisa.

— Bravo! exclamaram todos os outros, e o capitão voltou sósinho á casa d'onde tinham fugido.

Entrou e encaminhava-se para a lareira, guiado pelo clarão das brazas, quando o gato lhe saltou de repente para a cara, arranhando-o e mordendo-o. O capitão de ladrões soltou um grande berro e tratou de ver se accendia uma luz, mas pisou o rabo do cão, que se lhe deitou logo ás canelas, ferrando-lhe os dentes com quanta força tinha.

— Ai! Que me matam! — berrou o ladrão. Toca a fugir d'esta maldita casa!

Ia já a sahir pela porta da cozinha, quando o gallo, deitando-se abaixo do poleiro, começou a bicar-lhe a cara e dar-lhe com os esporões. Só por um triz é que não lhe tirou ambos os olhos.

Sem saber por onde ia, entrou ás cegas no curral, e ouviu uma bulha muito forte. Era o burro, que zurrava e que lhe mandou uma parelha de coices, acertando-lhe em cheio na parte mais larga dos calções. Foi cahir de cabeça para baixo na estrumeira, e lá ficou uns tempos meio desacordado. Afinal ergueu-se e foi-se arrastando até ao sitio do bosque onde estavam os outros ladrões.

— Então? — perguntou um d'elles — Já podemos ter esperança de recuperar o que é nosso?

— Ai! — gemeu o capitão — Sabem lá o que me succedeu! Quando entrei na cozinha, cresceu para mim uma velha muito horrenda — uma bruxa! — que estava a cardar linho, e... podem ver-me na cara o que ella me fez com os bicos do seideiro! Corro para outro quarto e dou de encontro a um sapateiro que estava a trabalhar sentado na tripeça e veiu para mim... que altura de homem!... armado com a sovela e com o martello. Se não fez uns sapatos com a minha pelle, foi porque lhe passei o pé com ligeireza. Mas ai! Ia chegando á porta, e já me fazia escapo ao maior perigo, quando me cahiu em cima o proprio diabo e desatou ás unhas contra mim, e a esfuracar-me com os chifres, na ancia de tirar-me os olhos. Fujo e entro no curral, onde estava um leão, que rugiu e me atirou uma sapatada, fazendo-me ir pelos ares até cem passos de distancia. Se julgam que minto, vão vocês tambem tentar a experiencia.

Os ladrões acreditaram em tudo e safaram-se a sete pés, com medo de que a bruxa, o sapateiro, o diabo e o leão fossem perseguil-os até ali.

No dia seguinte, antes que o sol tivesse sahido de valle de lençoes, já o Pedro e os seus companheiros estavam levantados e a tratar da vida. Almoçaram á ufa com o que tinha ficado da vespera e resolveram ir apresentar-se ao marquez dos Sete Castellos, levando-lhe todo o oiro e prata que os ladrões lhe tinham roubado e que o Pedro metteu dentro de um sacco e poz ás costas do burro. Os cinco puzeram-se a caminho e foram passando vallés e montes até que chegaram ao principal castello do marquez.

Cá fora, deante da ponte levadiça, estava o guarda-portão, de cabeça empoada, grande fardalhão de velludo bordado a oiro e com alamares, calção tambem de velludo com um galão de cada lado, meias de seda e sapato de fivela.

Como viu que o Pedro se dirigia para a ponte, o guarda-portão disse-lhe com muita arrogancia:

— Olá, ó amigo, passe de largo! Não tem cá entrada.

— Assim como vocemecê não tem boa educação — respondeu-lhe o rapaz.

— Arredem-se ou corro tudo a pontapés! — berrou o homem de cabeça empoada.

— Assim devias ter feito aos ladrões que roubaram o que era de teu amo, em logar de lhes abrires a porta — disse-lhe o gallo, que se tinha empoleirado entre as duas orelhas do burro.

A cara do guarda-portão poz-se mais branca do que os pós que elle tinha na

cabeça, tanto mais que o marquez dos Sete Castellos e a sua linda filha acabavam de apparecer a uma janella, que havia justamente por cima da entrada.

— Sempre quero ouvir o que respondes ao cavalheiro do Topete Encarnado — disse-lhe da janella o fidalgo.

— Que elle está mentindo, sr. marquez. Pode crer que não abri a porta aos cinco ladrões.

— E como sabes que eram cinco, ó meu pobre innocente? — perguntou-lhe o amo.

— E saiba o sr. marquez que lhe trago aqui todo o oiro e prata que os ladrões lhe furtaram de combinação com este homem.

O marquez dos Sete Castellos desceu logo, a receber o Pedro e os seus companheiros, enquanto o guarda-portão fugia a bom fugir pelos campos alem, com as abas do fardalhão a baterem-lhe nas pernas.

E o fidalgo mandou que o burro fosse para o curral, o gallo para a capoeira, que estava cheia de gallinhas, o gato para o borralho, o cão para o pateo de entrada, e levou comsigo o Pedro para a sala de jantar do castello, e sentou-o á sua mesa, apresentando-o, com muitos elogios, á mulher e á filha.

E a marqueza achou que o rapaz tinha apparencia de pessoa fina, e ainda mais foi d'esta opinião quando o Pedro, n'aquella tarde, appareceu muito bem vestido, com um fato que o marquez lhe mandou dar, juntamente com um bonito relógio, e dinheiro e muitas outras coisas, em paga de elle se ter portado tão bem.

Por fim mandou-lhe que fosse buscar a mãe, e a viuva ficou vivendo no castello, assim como o Pedro e os seus companheiros, todos muito contentes e muito felizes, vindo elle mais tarde a ser mordomo do marquez.

Emquanto ao guarda-portão, esse juntou-se aos ladrões, e morreu com todos elles, n'um assalto que deram a outro castello do fidalgo.

Quando soube isto, o gallo cantou na capoeira:

Não tenho dó
Có! Córócó!

E o burro, que andava pastando no campo, zurrou de longe:

Tenho amanhã,
Him! Han! Him! Han!

E o gato miou do borralho:

Roubar é mau!
Miau! Miau!
Menos se fôr
Um carapau!

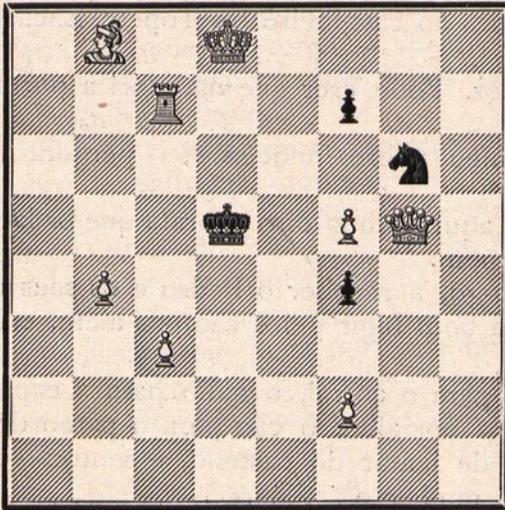
E o cão, no pateo, ladrou por fim:

Nenhum ladrão
Terá perdão.
Ao! Ao! Ao! Ao!



SECÇÃO DE XADREZ por BALDAQUE DA SILVA

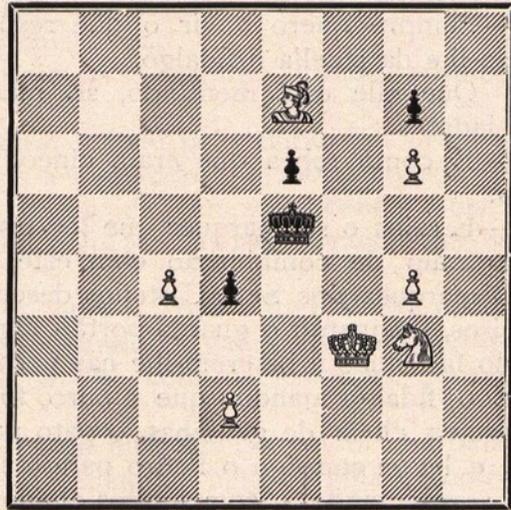
N.º 5. Problema directo
Pretas 4



Branças 8

As brancas dão mate em 2 lances.

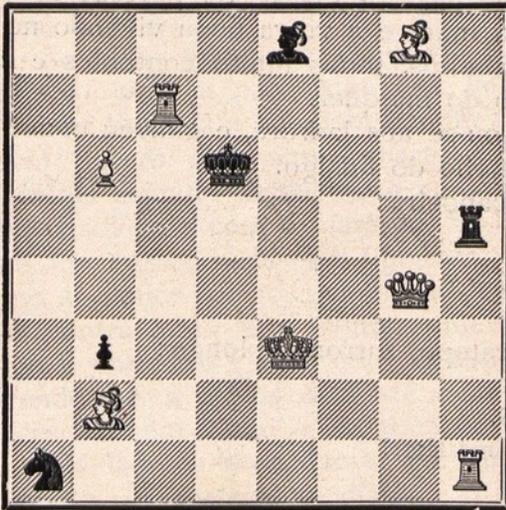
N.º 6. Problema directo
Pretas 4



Branças 7

As brancas dão mate em 3 lances.

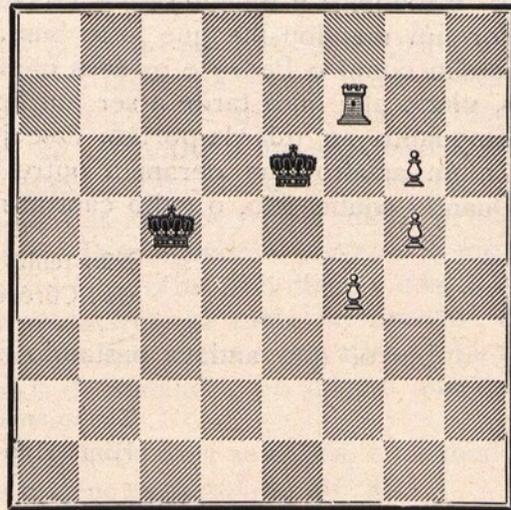
N.º 7. Problema inverso
Pretas 5



Branças 7

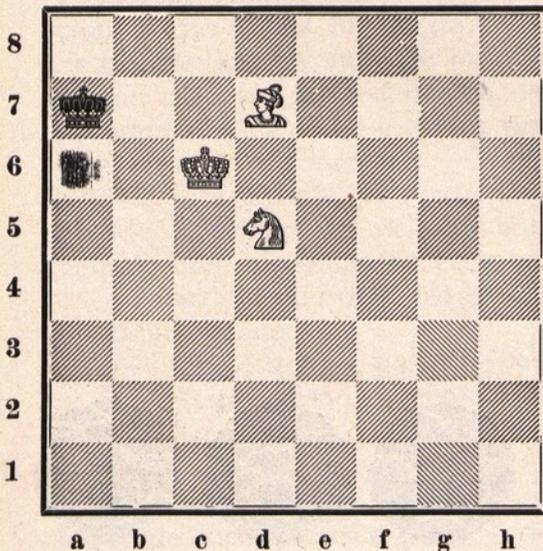
As brancas obrigam as pretas a dar mate em 3 lances

N.º 8. Problema humorístico
Pretas 1



Branças 5

As brancas dão mate n'um lance.



Mate só com bispo e cavallo — Apresentamos hoje aos amadores a regra para dar o difícil mate, ficando no fim do jogo só com o bispo e cavallo.

Consiste ella em *obrigar o Rei adverso a refugiar-se no canto do taboleiro da côr do bispo*. O exemplo seguinte dá ideia do processo a seguir:

1	$\frac{Bc8}{Rb8}$	2	$\frac{Rd7}{Ra7}$	3	$\frac{Rc7}{Ra8}$
4	$\frac{Cb4}{Ra7}$	5	$\frac{Cc6+}{Ra8}$	6	$\frac{Bb7}{=}$

E' preciso notar que as jogadas do R preto são as mais desfavoráveis para as brancas.



Grandes topicos

Na Russia

O velho imperio dos czares acaba de passar por uma radical transformação. Ainda não ha muitos mezes, Nicolau II respondia a uma commissão de subditos que lhe fôra pedir uma urgente mudança de regimen, a bem do Estado e do seu proprio chefe, que estava absolutamente resolvido a manter integros todo o seu poder e prerogativas, pois desejava legar a seu filho, intacta, a herança que recebera de seu pae. Mas os reis põem e os povos dispõem. A breve trecho, o czar viu-se obrigado a ceder. Um vento de revolta perpassava por todo o seu imperio, desde o Caucaso ao Oceano glacial, e ameaçava derrubar, na sua passagem vertiginosa, o throno de Pedro

o Grande e de Catharina II. Um minuto de hesitação e era a queda inevitavel e irremediavel.

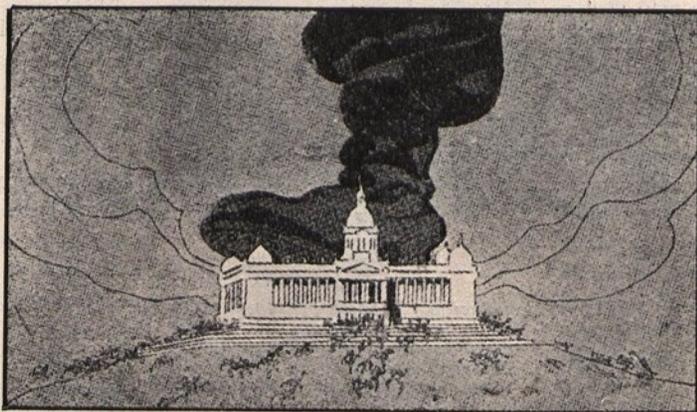
Cedeu. Mas cedeu, como costumam ceder os homens collocados na situação de Nicolau II — o me-

mente as suas queixas e as suas reclamações; entretanto — que isso ficasse bem assente — elle, czar, não abdicaria um apice do poder que lhe fora conferido por Deus — continuaria a ser o autocrata de

todas as Russias, senhor absoluto da vida e dos haveres dos seus subditos, e satisfaria, ou não satisfaria — como lhe approuvesse — as queixas ou reclamações por elles apresentadas.

Fazem-se as eleições dos delegados do povo. Para que o futuro parlamento — A Duma — apesar das suas reduzidas prerogativas, não causasse embaraços á execução

do novo plano governativo, isto é, não pudesse ir alem do que ao czar convinha, as auctoridades começaram por prender todos os candidatos liberaes... e os seus respectiv.



COMO O POVO RUSSO CONSIDERAVA A DUMA
Do Kladderadatsch

nos possivel, o *quantum satis* para salvar um throno e acalmar a exaltação de um povo. Daria a este a faculdade de, por meio dos seus representantes, apresentar collectiva-



EXTRAORDINARIO METHODO DO CONDE DE WITTE PARA SALVAR A RUSSIA EM PERIGO DE SE AFOGAR

Do Iskry



Agora que o sol (Rei Eduardo) sorri novamente sobre a Alleman a, ella aquece-se toda contente aos seus raios.

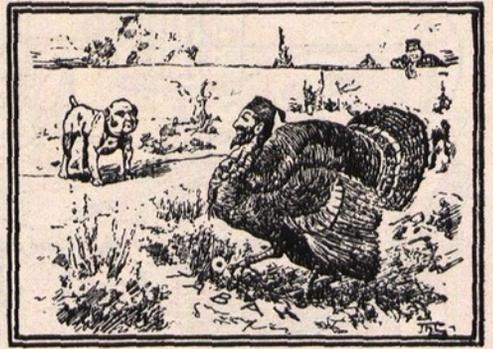
Do *Simplicissimus*

eleitores. Ficariam assim só em campo os reaccionarios e os que, embora de tendencias liberaes, não causavam ao governo o menor receio.

Concluido, porem, o acto eleitoral em toda a Russia, reconheceu-se que a maioria dos eleitos é constituída por... liberaes avançados. E, uma vez reunida a Duma, a 10 de maio, todos elles, que até então haviam calado as suas opiniões politicas, se lançam n'uma formidável campanha revolucionaria, exigindo do imperador não só a execução do programma do manifesto imperial de 30 de outubro — do qual já elle se esquecerá — mais muito mais ainda.

Ora a Duma, tal como está, é um parlamento regularmente consti-

tuido. Na sua acção depositaram todas as suas esperanças os cidadãos russos — desde o simples *mujik* ao mais alto aristocrata, estando todos elles absolutamente dispostos a defendel-a até á ultima. D'esta maneira, ou o czar satisfaz as exigencias d'estes modernos Estados Geraes — e a Russia passa a viver no regimen rasgadamente liberal; ou não as satisfaz — e a Russia passa a fazer a Revolução...



A INVASÃO

O Cão—*Se não te safas d'ahi quanto antes, vamos ter chinfrim.*

(A palavra ingleza *Turkey*, que designa a Turquia, significa tambem peru)

De *The Tribune*



MARUSA SPIRIDONOVA

Revolucionaria russa presa por assassinar um funcionario, condemnada á morte e maltratada por um official na prisão onde morreu. Milhares de photographias d'ella são vendidas na Russia, apesar da prohibição das autoridades.

Inglaterra e Turquia

PARA aquelles que não conhecem os processos da diplomacia turca, a guerra esteve imminente ha quinze dias, em pleno continente europeu. Eis o caso:

Em virtude de antigos tratados, a cidade de Tabah, situada ao noroeste da peninsula arabica, pertence ao Egypto. A Turquia, porem, que em materia de direitos só reconhece os d'ella, mandou occupar essa cidade pelas suas tropas. O Egypto protestou, mas de nada lhe valeram os protestos. Interveio então a Inglaterra, exigindo do governo de Constantinopla que fizesse retirar as suas forças de Tabah. A



UM VERDADEIRO AMIGO

A Italia permanece, no dizer do Barão Sonnino, fiel á Triplice Alliança, leal á «entente» com a Inglaterra, e prompta a proseguir no feliz entendimento com a França

Do *Kladderadatsch*



A CRISE AUSTRO-HUNGARA

REI OSCAR—Já tive um pé n'esse estado. Amputei-o, e fiquei melhor. Porque não fazes o mesmo?

Do *Weekblad voor Nederland*

Turquia, como sempre, tergiversou; seguiram-se as costumadas negociações diplomaticas, até que a Inglaterra, perdendo a paciência que sempre é preciso ter para tratar com o Ildiz-Kiosk, enviou ao governo do sultão um *ultimatum*: ou evacuava Tabah, ou então era com ella que se havia de entender. Na véspera da expiração do prazo para esse *ultimatum*, chegaram á entrada do Bosphoro cerca de trinta navios de guerra inglezes. Horas depois, as tropas do sultão abandonavam a cidade egypcia.

E assim terminou este incidente—como sempre terminam todos os que a Turquia tem com as grandes potencias...



1 — O DOENTE DE MARCOS...
2 — E COMO O CURARAM.

Do Wahre Jacob

A Italia e a Triplice

A Conferencia de Algeciras, convocada para resolver apenas a questão de Marrocos, teve outra consequencia de grande alcance: foi dar o golpe de misericórdia na já bastante combalida Triplice alliança. Como se sabe, a Italia collocou-se, n'essa assemblea, absolutamente ao lado da França, o que, como era de esperar, provocou a hostilidade da Allemanha para com a sua aliada, hostilidade manifestada não só na linguagem violenta dos jornaes, como n'um celebre telegramma enviado

pelo Kaiser ao ministro dos negocios estrangeiros da Austria. Virtualmente desfeita a Triplice, a despeito de todos os protestos de fidelidade dos homens de estado italia-

A crise austro-hungara

CONSTITUIDO o novo gabinete hungaro, com o concurso dos principaes chefes dos partidos da opposição, a crise austro-hungara entrou n'uma phase mais calma. Transigindo a coróa e transigindo a nação, ficou por um momento afastado o perigo de um rompimento armado, que ha pouco mais de um mez esteve imminente.

A aspiração da alma madgyar continua sendo cada vez mais intensa; provam-no as eleições, que deram ao partido de Kossuth enorme maioria.



A IDEIA QUE O SULTÃO FORMA DO BANCO MARROQUINO

Do Kladderadatsch

Vida na sciencia e na industria



PANORAMA DA CIDADE DE NAPOLES, COM O VESUVIO AO FUNDO

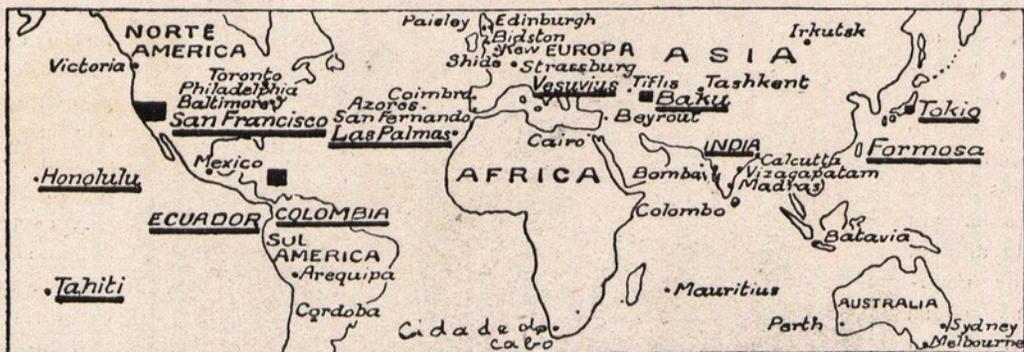
Os recentes terremotos e as erupções vulcânicas

às seguintes conclusões, que resumiriamos :

1—Os terremotos ocorrem em toda a superfície da terra, chegando a registar-se por anno uns 30.000, mas os mais terríveis estão limitados a certas areas hoje perfeita-

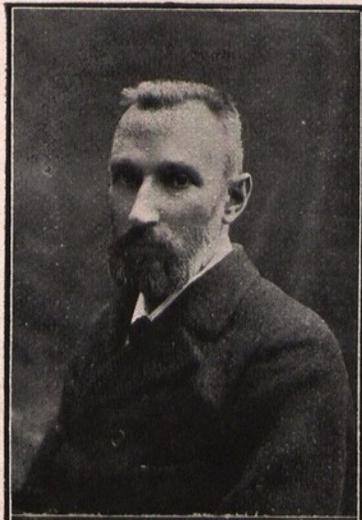
mente definidas. Doze d'essas areas foram determinadas pelo professor Milne, e n'uma d'ellas, a da America Central, está incluída a cidade de S. Francisco da California. As ilhas Britannicas — eis o fausto prenuncio que o illustre sabio faz aos seus compatriotas — acham-se fóra de qualquer d'essas areas, e portanto provavelmente immunes d'uma catastrophe similhante á ultimamente occorrida.

2—Desde tempos remotos que se reconheceu intima connexão entre os phenomenos sísmicos e os vulcânicos. Estes ultimos são invariavelmente annunciados ou acompanhados pelos primeiros. Por occasião da erupção do Kilauea (ilhas Sandwich) em 1887, deram-se dentro de 19 horas 618 abalos de terra. Definiam-se d'antes os terremotos como esforços incompletos para formar um vulcão. Mas hoje os geologos



AS PRINCIPAES REGIÕES DE PERTURBAÇÕES VULCÂNICAS E SÍSMICAS EM 1906

Os districtos affectados teem os nomes sublinhados. Os outros nomes ind'icam as principaes estações de observação dos terremotos.



PIERRE CURIE

estão convencidos de que, embora as erupções vulcanicas sejam sempre acompanhadas de terremotos, a inversa é absolutamente falsa. Grandes terremotos occorrem em regiões onde não existe o minimo vestigio de actividade vulcanica. Na crosta solida da terra occorrem constantemente fracturas, originando terremotos.

3—O augmento gradual de temperatura, á medida que se profunde na terra, faz suppor que a certa altura as rochas devem estar tão quentes que fiquem no estado fluido ou só pela grande pressão se possam manter solidas.

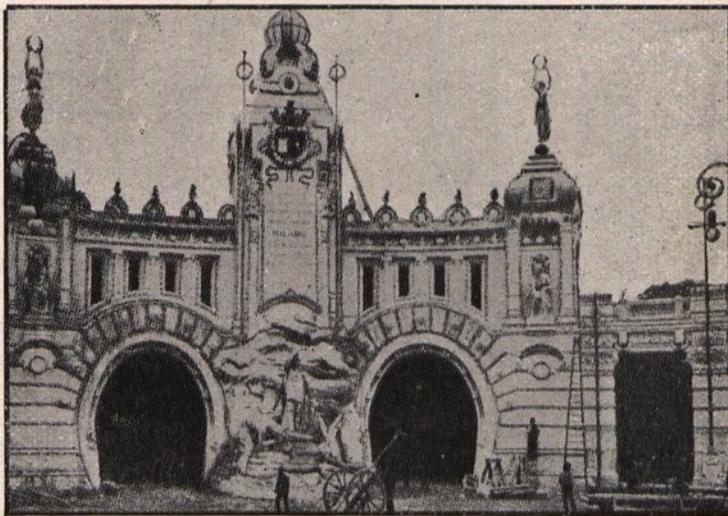
Mas este augmento de temperatura é differente segundo as localidades. Em alguns casos ella cresce 1.º Fahreneit em cada 20 pés (6^m,6) de profundidade; n'outros corresponde igual accrescimento a dez e vinte vezes maior profundidade. Estes caprichos eram difficeis de explicar antes do descobrimento do radio e do calor por elle desenvolvido. Hoje, a explicação pode achar-se nas lentas mas seguras alterações nos elementos chimicos das rochas.

As mudanças de temperatura tem como resultado mudanças no volume das rochas, e portanto deslocamentos de massas colossaes, de centenas ou milhares de milhas cubicas. Alguns d'elles são feitos lentamente, e portanto insensivelmente; outros porem, realizados de subito, dão origem a abalos na crosta solida.

Qualquer causa ligeira pode produzir estes movimentos de rochas, que se acham em equilibrio instavel. Durante uma secca, por exemplo, passam milhões de toneladas de agua para fóra da superficie terrestre, ao passo que a chuva grossa ou a neve dá um grande accrescimento de pezo á crosta da terra. Outras causas meteorologicas influem, e outras mais geraes tem sido invocadas pelos astrónomos como produzindo estas distensões que resultam em terremotos e manifestações vulcanicas.

4—Ha pouco mais de trinta annos que, com o auxilio de instrumentos delicados (o sismoscopio e o sismographo), se inaugurou o estudo exacto dos terremotos, e os resultados são já muito animadores. Sabe-se que um grande terremoto em qualquer parte do globo dá origem a abalos, registrados em estações disseminadas por todo o mundo.

Todas as nações civilisadas tem collaborado para este progresso scientifico. Póde-se pois afirmar que não existe estudo com mais ricas promessas de resultados valiosos do que a investigação sismologica.



ENTRADA DA EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE MILÃO



MADAME CURIE

Morte de Curie

UM desastre banal acaba de privar a sciencia moderna de um dos seus cultores mais abalizados. A 19 de abril, uma carroça esmagou em Paris Pierre Curie, que produziu ha annos com a descoberta do radio tamanho alvoroço no mundo scientifico. Essa transcendente descoberta, em que collaborara notavelmente sua esposa, valeu-lhe o premio Nobel que aos dois foi conferido em 1903.

Em 1904 foi creada para Pierre Curie uma cadeira de physica geral na Sorbonne, sendo nomeada para chefe dos trabalhos do respectivo laboratorio a illustre Madame Curie.

É pois de applaudir que, por morte do grande homem de sciencia, cujo nome está vinculado a uma das mais importantes descobertas do presente seculo, a sua eminente viuva fosse escolhida para o substituir na regencia d'essa cadeira.

É uma leve consolação á dor causada pela morte estúpida do sabio o ter ella dado occasião para esse passo nas aspirações feministas.

Vida nos campos

JUNHO

Jardins

UMA das flores que maior predilecção merece logo ao principio do mez é sem duvida o *cravo*.

Está tão ligado ás popularissimas festas de S. Antonio o *cravo*, que não podemos deixar de nos occupar aqui da sua cultura.

Attribue-se ao rei de Anjou chamado Renato a importação d'esta na flor Europa.

O *craveiro* necessita de muito cuidado. Deve escolher-se para elle uma terra mais siliciosa do que argilosa, e preparar-se antecipadamente á sementeira, que pode ser feita em agosto ou setembro, misturando-lhe esterco de curral e revolvendo-o bem.

A semente pode ser disposta no chão ou em vasos, convindo separar-a no primeiro caso, segundo as variedades, com a distancia de dois a tres centímetros. O local escolhido deve ser bem abrigado, sendo mais commodo semear o *craveiro* em vasos que se abrigam mais facilmente. A terra deve ser regada diariamente e sem excesso. Logo que a planta lança algumas folhas, pode ser transplantada, podendo sel-o novamente passado um mez ou mez e meio para sitio definitivo no chão ou em vaso maior onde tenha mais espaço para se desenvolver.

Esta planta multiplica-se facilmente por meio de estacas, e ainda com maior segurança, por meio de alporques, ou mergulhias. Consiste este processo em despir de folhas os rebentos mais baixos da planta e fazel-os passar pela terra, conservando debaixo d'ella uma parte do seu comprimento e continuando fora d'ella a sua vegetação. A parte enterrada da haste enraiza e pode então constituir esse rebento uma planta independente se a desligarmos da planta mãe.

Durante esta parte da vida do

craveiro, que é n'este mez até ao seguinte, devem as regas ser mais frequentes, sendo de grande utilidade para o desenvolvimento da planta se a agua tiver em dissolução um pouco de bosta de vacca.

O *craveiro* afilha muito, sendo util á boa qualidade da flôr, desbastar esse afillamento.

Ha *cravos* de muita variedade de cores e combinações, sendo o seu aroma delicadissimo. Esta flor vae ganhando cada vez mais a predilecção dos amadores.

Hortas

NESTE mez pode fazer-se com vantagem a enxertia de algumas arvores de fructa.

A enxertia é o meio de melhorar a produção de qualquer arvore, quer em qualidade quer em quantidade. Pode tambem variar com isso a natureza do fructo, e as qualidades da arvore.

Attendendo á simplicidade da operação, não se explica a obstinação em trazerem os horticultores para os grandes mercados fructas de sua qualidade, cujo preço de venda, tão pouco paga os trabalhos de cultura e transporte.

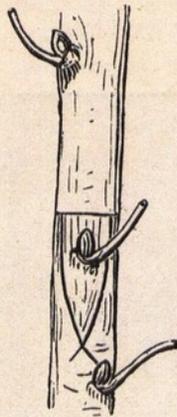


FIG. 1

O enxerto mais vulgar é o denominado de *escudo*.

O modo de operar é o seguinte :

N'uma haste da arvore cujas qualidades desejamos enxertar n'outra, dá-se um corte transversal alguns

millímetros acima de um rebento bem constituido. De cada extremo d'esse corte dá-se outro com uma pequena curva cada um a vir cruzar-se dois centímetros, approxi-

madamente, abaixo do rebento, o que forma uma especie de V, ou escudo, d'onde lhe vem a denominação, o qual se levanta com cautela destacando-se sem destruição do rebento.

Na haste da arvore cujo fructo se deseja transformar dá-se outro corte transversal de tamanho igual ao que formou o escudo, e outro vertical perpendicular ao

primeiro, formando com elle um I. — O escudo é então metido dentro da casca levantada pelo golpe vertical do T, fazendo com que o bordo superior ajuste perfeitamente ao bordo da casca cortada pelo corte transversal do mesmo T. Ajusta-se sobre o escudo a casca



FIG. 2

levantada e amarra-se bem tudo com junco ou raphia, deixando ficar livre o rebento. A ligadura não deve ficar apertada demais, mas sim o sufficiente para ajustar bem o enxerto no seu lugar.

Passado um mez deve desligar-se e cortar-se a haste obliquamente acima do enxerto tres pollegadas.

Este typo de enxerto é o mais solido e certo, servindo para a maior parte de arvores e arbustos.

Para o amator constitue a enxertia um curioso passatempo com que pode alcançar fructos de grande merecimento.



FIG. 3

Vinhas

E' n'este mez que os ataques da perigosa doença das vinhas, o *mildiu*, se apresentam mais intensamente quando o

tempo lhe corre favoravel, isto é quando a uma certa humidade se junta o effeito do calor.

O flagelo apparece primeiramente nas parras em forma de nodos empoladas e com uma camada de pó esbranquiçado semelhando assucar.

Isto emquanto á pagina inferior da parra. Na superior apparece, nos pontos atacados pelo lado de baixo, umas manchas mais ou menos amarelladas.

Pelo andamento da doença as folhas apresentam tons variados entre o verde natural, e o amarellado mais ou menos torrado das manchas que se alastram. As folhas assim atacadas caem facilmente deixando o cacho exposto, o que só bastaria para a sua ruina se não fosse tambem invadido pela doença. Quando comtudo o fructo se salva, resente-se sempre da doença que o ameaçou dando um vinho defeituoso.

O tratamento mais vulgar e efficaz é a applicação da *calda bordeleza* em chuva meúda sobre a rebentação como tratamento preventivo em fins de abril, e em segundo tratamento agora, epoca mais favoravel ao desenvolvimento da doença.

A calda bordeleza prepara-se da seguinte forma. Toma-se:

2 kilogr. de sulfato de cobre
1 » de cal em pedra
100 litros de agua

N'uma vasilha, que comporte mais de 100 litros, e que seja de madeira ou qualquer material vidrado, deitam se os 100 litros de agua suspendendo na parte superior do liquido um cesto ou panno com os 2 kg. de sulfato. Começando a saturação do liquido pela sua camada inferior, torna-se morosa a dissolução do sulfato, se estiver no fundo da vasilha. Emquanto se opera a dissolução prepara-se em vasilha separada a cal com 5 litros de agua lançada pouco a pouco sobre as pedras. Obtido assim um cesto de cal, lança-se esta gradualmente na solução de cobre mexendo a

mistura com um pedaço de madeira.

Composta assim a calda, carregase com ella o deposito dos *pulverisadores*, apparelhos de cobre que á maneira de mochila são levados pelos operarios que com a mão esquerda accionam a alavanca de uma especie de bomba que faz sahir o liquido com pressão por uma agulheta, e com a direita dirigem esta para conduzir a chuva por onde é precizo.

A camada do remedio deve ser o mais tenue possivel, para que elle fique depositado sobre a planta, e não seja arrastado para o chão. Depois de secco deve ver-se a parra revestida das pequenas marcas de calda a qual, se tiver sido bem preparada, se deve aguentar bem sobre a folha e não cahir ao passarlhe os dedos por cima.

A applicação deve ser feita com bom tempo, e quando não haja vento.

Cada hectare de vinha pode consumir 300 a 400 litros de calda.

Quando o ataque é forte, o que facilmente succede quando se não faz o tratamento preventivo em abril ou maio, pode-se reforçar a composição da calda augmentando até ao dobro a quantidade de sulfato.

Campos

E' n'este mez que o lavrador trata de colher

o seu trigo ceifando as searas logo que apresentem o tom amarellado de maturação.

Se o trigo tiver de ser removido a muita distancia para a eira, deve haver o cuidado de o cortar não completamente secco, pois que n'esse estado perde algum grão que se destaca da espiga durante o trajecto.

A ceifa é sempre operação muito animada, especialmente se no rancho se encontram rapazes e raparigas, que em cantigas rimadas com mais ou menos engenho declaram os seus sentimentos não só áquelles a quem

se dirigem mas a toda a communiidade que os aprecia a seu bel-prazer.

Na grande lavoura em que se apresentam a um tempo á foice grandes searas, não seria possível ceifar-se tudo a braço de homem, porque o primeiro trigo teria de ser cortado ainda verde e o ultimo secco de mais para que a colheita se fizesse a tempo.

Alguns lavradores contractam em outras provincias homens para augmentar o numero dos que teem na sua região, outros porem lançam mão de machinas, que fazem esse serviço e só requerem um homem e uma junta de bois ou parelha de gado, para serem conduzidas.

É bastante engenhosa essa machina, de que ha duas especies de varios fabricantes. Umas cortam o trigo, juntam-n'o em pavias sobre um taboleiro e depõem-n'o assim junto no chão, onde essas pavias de volume egual e alinhadas em carreiras esperam os atadores que as enfeixam e as ligam com os baraços para serem conduzidos para a eira.

Outras machinas não só cortam e juntam o trigo como tambem o atam com fio especial de pita, deixando ficar os molhos já prompto, a serem carregados.

São de muito engenho as machinas e adaptam-se perfeitamente ás exigencias da nossa lavoura, exigencias que ás vezes se apresentam mesmo durante o trabalho e a que o homem pode de prompto attender por meio de alavancas especiaes que lhe ficam á mão. É por isso bom que o homem estude e pratique bem no manejo do machinismo, para que com o seu concurso indispensavel se complete este conjuncto que tanto beneficio pode trazer á vida economica do nosso lavrador.

Longe de ser este invento prejudicial ao operario vem pelo contrario harmonisar a distribuição de operarios, visto que faltam em certos pontos e abundam n'outros, e alem d'isso facilitam o alargamento das sementeiras, com o que sem duvida lucra o pessoal.



Vida na arte

O Jubileu de Ellen Terry **F**or quasi uma festa nacional para a Inglaterra o quinquagesimo anniversario da estreia artistica de Miss Ellen Terry, considerada a maior das actrizes modernas do theatro britannico.

Este cincoentenário não indica que Ellen Terry seja de idade protracta, pois que aos 8 annos se estreou no papel de Mamilus do *Conto de Inverno* de Shakespeare denunciando desde logo aptidões excepcionaes. E d'alli por deante foi sobretudo no repertorio Shakespeareano que ella encontrou as suas creações mais notaveis, a começar no Puck do *Sonho de uma noite de verão*,

O apogeu da sua carreira gloriosa foi quando, em companhia do grande Irving, ella representou no theatro Lyceum de Londres: Ophelia, Desdemona, Lady Macbeth, Viola, Portia, foram as suas creações culminantes. E ainda hoje, com applauso geral, desempenha papeis das mais variadas indoles, do comico ao tragico. Ainda ultimamente deu um brilho excepcional á representação das *Alegres Comaltes de Windsor*, essa admiravel farça do maximo entre os poetas tragicos do mundo.

O seu jubileu foi celebrado com o mais caloroso enthusiasmo, manifestado por pessoas de todas as classes sociaes, a começar na rainha Alexandra que presenteou a

grande actriz com uma joia magnifica.

Morte de Ibsen **N**o momento de entrar na machina esta folha, chegamos a noticia do fallecimento do grande dramaturgo Ibsen, e lamentamos não lhe poder prestar mais do que a homenagem de ligeiras linhas, para registro do triste

Exposições de arte **N**o estrangeiro, as exposições artisticas annuaes estão-se realizando com grande concorrencia de trabalhos, entre os quaes não vemos comtudo citados nenhuns de transcendente valor. Estão abertos os dois Salons de Paris e a exposição da Royal Academy de Londres.

Entre nós, a Sociedade de Bellas Artes realison a sua exposição, notando-se n'ella a quasi completa ausencia dos nomes primaciaes da arte portugueza, com excepção de El-Rei D. Carlos, Carlos Reis, Condeixa e não nos recordamos se mais alguns. Dos novos, apresentam-se brilhantemente os esculptores, havendo obras interessantes dos discipulos de pintura da Escola de Bellas Artes.

Outras pequenas exposições teem demonstrado o interesse que entre nós vão despertando os progressos artisticos. Citamos a de figurinhas, lembrando as de Tãnagra, do esculptor Gouvêa, a de pintura e esculptura

de Thomaz Costa, a de retratos em relevo sobre sola de Oliveira e Silva, e finalmente a de ceramica de Manuel Gustavo Bordallo Pinheiro, herdeiro de um grande nome, o de Rafael Bordallo.

Ainda citaremos a de artes femininas, realisada em Paris, com grande gloria para a secção portugueza.



A ACTRIZ ELLEN TERRY

acontecimento. O facto porem é de tal natureza, que em artigo especial, e brevemente, se occuparão os *Serões* do homem que no theatro tem originado mais renhidos debates depois de Wagner. Qualquer que seja a opinião a seu respeito, é negavel que o seu nome accentua uma profunda evolução na litteratura dramatica.